

**Homem: sua verdadeira
Natureza e Ministério**

Sobre o Homem

Louis Claude de Saint Martin

Para compreender a sublimidade de nossos direitos, devemos voltar a nossas origens. Mas antes de considerar a natureza do Homem Espírito, vamos investigar, de forma geral, o que pode ser chamado *Espírito*, em qualquer ou todas as classes e ordens; iremos descobrir as fontes fundamentais de onde se deriva tal expressão, e iniciaremos tomando a palavra *Espírito* sob os diferentes significados encontrados em nossas línguas.

O espírito de alguma coisa pode ser considerado como sendo o real engendramento (Geração), parcial ou completo, dos poderes de sua ordem.

Assim, a música nos é conhecida tal como é somente pela emissão dos sons, através dos quais alcança nossos ouvidos, e que nada são além de expressão efetiva, ou espírito ativo do plano ou imagem que ela representa.

Desta forma, o vento é a real emissão do ar, comprimido pelas nuvens ou poderes atmosféricos. E na ordem elementar, tão logo cesse a compressão, não há mais vento: ora, sabemos que as línguas antigas usavam a mesma palavra para expressar o *vento*, a *respiração* e o *espírito*.

Portanto a respiração do Homem, e de outros animais, é a real emissão do resultado, em seu interior, da união entre o ar e seus poderes vitais; quando esses poderes vitais cessam, a respiração, o espírito, ou a expressão da vida, também cessa.

Assim, a propulsão (aprisionamento) de nossos pensamentos, e o que o mundo chama de razão (espírito) no Homem, é a real emissão daquilo que é desenvolvido por uma fermentação secreta dos poderes de nossa compressão, e esta propulsão é, conseqüentemente, o fruto do real engendramento destes poderes: quando esta fermentação secreta é suspensa em nós, ficamos como se não tivéssemos mais razão (espírito), embora ainda tenhamos em nós todos os germens que podem produzi-lo.

Espírito, uma emissão dos Poderes Eternos.

De acordo com esta exposição, podemos, sem temor, considerar o *Espírito* como sendo o fruto que procede perpetuamente dos Poderes Eternos Supremos, ou da Unidade Universal destes poderes, uma vez que o real engendramento, que produz este fruto, sem interrupção, deve, acima de todas as outras emissões, receber o nome de Espírito, o qual atribuímos a tudo aquilo que tenha o caráter de uma emissão ou expressão real.

E aqui, devemos lembrar que os Poderes Gerativos Eternos deste Ser Universal, repousam, como tudo o que existe, sobre duas bases fundamentais que, na obra "O Espírito das Coisas", indicamos sob os nomes de força e resistência; Jacob Boehme, aplicando estas duas bases à Divindade, apresenta sob o nome de um duplo desejo, o de permanecer em seu próprio centro e o de desenvolver ali seus esplendores universais; também, sob os nomes de aridez e brandura; luz e trevas; e ainda sob os nomes de angústia e deleite, fúria e amor; embora ele afirme continuamente que, em Deus, não há aridez, trevas, angústia ou fúria, e que usa tais expressões

somente para designar poderes distintos, mas que atuando simultaneamente, apresentam e apresentarão eternamente, a mais perfeita unidade não só neles e com eles próprios mas também com aquele Espírito Eterno e Universal, que nunca deixam e nunca deixarão de engendrar.

A emissão perpétua da Unidade Universal, o Ser Divino.

Além do mais, me parece, não ser infrutífera ou indiferente a noção que obtemos aqui do caráter deste Fruto Perpétuo do real engendramento da Unidade Universal, cujos Poderes são, contínua, necessária e exclusivamente dependentes de si próprios; e se os observadores assim tivessem considerado esta unidade produtiva, dentro deste caráter de emissão necessária e real, teriam tirado grande proveito de suas pesquisas sobre o Ser Divino e Universal, e como resultado, não teriam tentado examinar, no princípio, a natureza deste Ser, sem observarem Sua Ação; pois que Sua Ação é provavelmente Sua total Natureza; a conseqüência de suas táticas errôneas tem sido que, não só não encontraram o Ser Divino que buscaram de forma imprópria, mas foram longe demais ao enganarem a si próprios afirmando que aquilo que não encontraram, não existe.

Se tivéssemos considerado o Ser Universal, como o fruto real, espiritual e divino dos poderes da Unidade Eterna, em Seu verdadeiro caráter, teríamos extraído dali os grandes benefícios que se seguem.

Espírito, o fruto de todos os poderes da Unidade.

Como o fruto de toda geração que temos conhecimento, reproduz e representa tudo o que constitui os poderes que o engendrou, assim, o que chamamos Espírito, no ato gerativo da Unidade Eterna, nada mais pode ser do que a expressão real e manifesta de tudo aquilo, sem exceção, que pertença a esta Unidade Eterna: desta forma, cabe ao Espírito Universal nos tornar tal Unidade conhecida, descrevendo-a inteiramente, assim como o Homem reproduz, temporariamente, todas as propriedades de seu pai e mãe, de quem é uma imagem viva completa.

Sim, se observarmos atentamente com nossa compreensão, este real e perpétuo fruto da Unidade Eterna, veremos que, desde que os poderes desta Unidade são perpétuos, necessários e exclusivamente dependentes uns dos outros, e o fruto da união destes poderes é um real engendramento, tão ilimitado quanto infinito, este fruto deve realmente ser a expressão real e completa desta mútua união; ele deve conter em si, tudo o que pode servir como fundamento para a atração mútua destes poderes, uns em direção aos outros, de forma real e universal.

Assim, é necessário que o fruto deste engendramento e este Ser Divino, se revele e se apresente a nós, sem cessar, em todos os pontos, tamanha a abundância e continuidade de amor, vida, força, poder, beleza, justiça, harmonia, proporção, ordem e todas e quaisquer outras qualidades das quais, nosso pensamento deve, em todo lugar, encontrar o efeito vivo de sua plenitude, e nunca deixar de reconhecer a supremacia de sua unidade universal; acima de tudo, se faz necessário, que este fruto engendrado pela Essência Divina, da mesma forma, se torne um, já que deve ter e ser tudo aquilo que esta Unidade contém e que não se pode admitir nenhum intervalo ou alguma diversidade de graus, entre o amor destes poderes e o ato de seu engendramento, como também não é possível perceber qualquer diferença entre a existência essencial e a natureza constituinte deste fruto.

Só o Espírito pode revelar a si mesmo.

Porém só a esta Essência Universal, a esta real e perpétua emissão da Unidade Eterna, cabe a transmissão deste conhecimento a nós, assim como só cabe ao fruto das gerações naturais, proporcionar o conhecimento dos poderes que os geraram, diante de nossos olhos.

Assim, aqueles que não têm reconhecido este Ser como necessário, este fruto real e perpétuo do engendramento a Unidade Eterna, acabam, naturalmente, não mais reconhecendo a própria Unidade Eterna, já que absolutamente mais nada além deste fruto real poderia apresentá-la a eles, com todas as suas qualidades e propriedades constituintes; da mesma forma, se afastarmos nossos olhos do fruto da terra, perderemos, rapidamente, o conhecimento das virtuais qualidades gerativas da Natureza; e se considerássemos o homem, de forma muda e inerte, perderíamos, rapidamente, a idéia da extraordinária atividade de seu corpo, e a vasta extensão de seu pensamento e de sua inteligência.

A geração e a anastomose oculta dos seres.

Anastomose: Comunicação material ou artificial, entre dois vasos sangüíneos ou outras formações tubulares.

Se os poderes da Unidade Eterna são necessariamente um em seu engendramento, e a Essência Universal ou o Fruto que procede deste engendramento, necessariamente, os torna senão um, esta é, sem dúvida a razão fundamental do porquê desta sua geração ser oculta a nós, já que não podemos conceber este Fruto separado de Suas Fontes gerativas.

Mas, se por outro lado, há, necessariamente, uma união progressiva e gradual de toda a Unidade Universal com toda produção possível, que aparece diante de nossos olhos, não devemos nos surpreender, porque nunca fomos capazes de penetrar na geração das coisas, uma vez que, não só os poderes gerativos, nestas gerações parciais, também seguem a lei da Unidade, de acordo com sua ordem, mas até mesmo seus frutos se tornam um com estes poderes, diante do exemplo da Unidade Universal, ao menos na raiz, e no ato gerativo, embora, mais adiante, o fruto se desprenda de suas fontes gerativas, ao pertencerem às regiões de sucessão.

Vamos fazer uma pausa aqui para contemplar que coisa admirável e quão impressiva é esta profunda lei, que oculta a origem de tudo o que é produzido, mesmo daqueles que recebem ou adquirem esta origem! Sob este impenetrável véu, as raízes de todos os engendramentos estão intercomunicadas com a fonte Universal. E, somente quando ocorre esta anastomose secreta, e as raízes das essências recebem, no mistério, uma preparação vivificante, é que a substanciação tem início, e as coisas tomam forma ostensiva, cores e propriedades. Tal anastomose é insensível, mesmo no tempo, e se torna perdida na imensidade, no eterno, e no imutável, como que para nos ensinar que o tempo é somente a região da ação visível das coisas, mas que a região da ação invisível é infinita.

Sim, a Sabedoria e o Amor Eterno alimentam sua própria glória, e também nossa inteligência; eles parecem temer que acreditemos que nada teve um princípio, e que não há nada que não seja Eterno; já que, na verdade, nenhuma criatura, nem mesmo o homem, tem a mínima idéia de sua própria origem, a não ser a de seu corpo; e ele adquire este conhecimento muito mais pelo cansaço que este corpo ocasiona a seu espírito, do que pelos exemplos de sua

reprodução, os quais testemunha diariamente; pois, de fato, nada pode ter um início (absolutamente) senão o mal e a desordem. E, como o Homem pertence à Unidade, ou ao Centro, que é o meio de todas as coisas, ele pode envelhecer em seu corpo, e nem ao menos acreditar que esteja no meio de seus dias. Assim, a origem oculta das coisas é uma expressiva evidência de sua fonte eterna e invisível, e sentimos que nada começa a não ser o mal e a morte, e que a vida, a perfeição e a felicidade nunca existirão se não existiram desde sempre.

O Ser Universal Se engendra ou Se revela em todo lugar, especialmente em nós.

Isto confirma o princípio demonstrado por nós; se, em todos os exemplos dados, nada pode receber o nome de Espírito, senão pela presença do fenômeno de uma real e constante possível emissão, é muito provável que o Ser Universal deva portar o mesmo caráter, e portanto revelar à nossa inteligência a real e necessária plenitude de uma existência ininterrupta, sem começo ou princípio.

Feliz aquele que pode elevar seu pensamento a esta altura e o manter ali! Ele irá, desta forma, alcançar tal clareza de inteligência, o fundamento de tudo o que existe, na ordem das coisas invisíveis, assim como na ordem das coisas visíveis, lhe parecerá simples, ativo, permanente e, por assim dizer, diáfano; irá ver que o Ser Universal, através de sua viva e contínua Realidade, deve levar a todo lugar a luz e a limpidez da qual É o foco perpétuo.

Mas se quisermos assim considerar a Realidade viva e contínua deste Foco Supremo e Universal, em todas as coisas visíveis e invisíveis, o que ocorrerá quando a considerarmos em nós mesmos, e ver o que ela opera em nosso próprio ser? Pois, descobriremos uma notável diferença, no que diz respeito a nós, que é a seguinte: nós podemos, pela reflexão, observar prontamente tal realidade em todas as coisas individuais, mas também, na verdade, podemos senti-la, na Natureza e em nós próprios.

Sim, se por um único momento, penetrássemos as profundezas de nossa existência interna, sentiríamos rapidamente, que todas as Fontes divinas, com seu Espírito Universal, abundam e fluem na raiz de nosso ser, que somos um constante e perpétuo resultado do engendramento de nosso Princípio, que ele esta continuamente em sua realidade conosco, e assim, após a definição que demos de *Espírito*, podemos ver facilmente, como um ser, capaz de sentir em si a ebulição da Fonte Divina, tem direito ao nome Homem Espírito.

A origem do Homem.

Agora podemos chegar a uma idéia concreta sobre a origem do Homem. O Homem nasceu e nasce continuamente na Fonte Eterna que não deixa de ser a perpétua embriaguez de suas próprias maravilhas e deleites. Esta é a razão pela qual afirmamos freqüentemente que o Homem pode viver somente pela admiração, uma vez que, como mostrado pelo autor Alemão citado, nenhuma criatura pode ser mantida senão pela substância ou frutos de sua própria mãe.

O Desejo e a Vontade.

Contudo, o Homem também nasceu na Fonte do desejo; pois Deus é um Desejo e uma Vontade Eterna de ser manifestado; Sua magia, ou a doce impressão de Sua existência, pode se propagar e se estender a tudo aquilo capaz de a receber e a sentir. O Homem também deve viver

através deste desejo e desta vontade; e ele é encarregado de manter estas sublimes afeições com ele; pois, em Deus, o desejo é sempre vontade, enquanto que no Homem o desejo dificilmente atinge este termo, sem o qual nada pode ser feito. É através deste poder, dado ao Homem de elevar seu desejo ao caráter de vontade, que ele deve realmente ser uma imagem de Deus.

A União entre a Vontade Divina e o desejo do Homem.

De fato, o Homem pode fazer com que a Vontade Divina propriamente dita venha até ele para se unir com seu desejo; a partir de então ele passa a trabalhar e a atuar de acordo com a Divindade, que se digna, por assim dizer, a compartilhar Sua obra, Suas propriedades e Seus poderes com o Homem: e se, ao lhe dar o desejo, que é como a raiz da planta, Ele reserva a Vontade, que é como seu botão ou flor, não é com a intenção de que o homem permaneça na privação desta Vontade Divina e não a conheça; mas, ao contrário, Seu desejo é que o homem chame por ela, a conheça por ele mesmo; pois, se o Homem é a planta, Deus é a seiva ou a vida. E o que seria da árvore se a seiva não corresse em suas veias?

O Pacto Divino.

É nesta profundidade, nas regiões naturais e verdadeiras da emanção do Homem, que o pacto divino é estabelecido; tal pacto liga a Fonte Suprema ao Homem. Através deste pacto, a Fonte Suprema, só podia transmitir ao Homem todos os seus próprios gérmenes sagrados, se acompanhados de todas as fundamentais e incontestáveis leis que constituem sua própria Essência criativa Eterna, das quais não pode se separar sem deixar de existir. Este pacto não sofre alterações, como sofrem os pactos materiais pela vontade das partes.

Ao formar o Homem, a Fonte Suprema haveria de ter-lhe dito: "Com os fundamentos eternos ou com as bases de meu ser, e as leis, eternamente inerentes a eles, Eu te constituo, Homem; Não tenho regras para fixar a ti senão aquelas que resultam naturalmente de minha eterna harmonia; não tenho nem mesmo a necessidade de impor qualquer penalidade a ti se não as infringi-las; cada cláusula de nosso pacto está, exatamente, nas bases de tua constituição. Se tu observá-las e não cumpri-las, irás causar teu próprio julgamento e punição; pois, a partir deste momento deixarás de ser Homem.

O Pacto se estende por toda a Natureza.

Podemos observar este princípio em toda cadeia de seres, onde descobriremos que todas as criações estão ligadas, cada uma de acordo com sua classe, à sua fonte gerativa por um tratado implícito; destas fontes procedem todas as suas leis; e, na verdade estes seres caíram em desarmonia no momento em que estas leis foram infligidas, leis que carregam em sua essência e que são recebidas de suas fontes gerativas no instante em que lhe dão a vida.

O peso, número e medida na Natureza.

Ao prestarmos atenção nas leis fixas e regulares, pelas quais a Natureza produz e governa todas as suas obras, e acompanhando, passo a passo, cuidadosamente, as pistas deixadas por ela,

reconheceremos em todo lugar, um peso, um número e uma medida que são os inseparáveis ministros da Natureza; eles mostram que existiam, primitivamente, na Fonte mencionada acima, e constituem o ternário eterno, cuja imagem encontramos em nós mesmos; sobre eles repousa o pacto divino.

Vemos, além do mais, que estas três bases, satisfazem o Onipotente, pois estabelecem as fundações de todas as obras da Natureza caracterizando externamente todas as variedades de Sua produção, ou aqueles desenvolvimentos externos da forma, cor, duração, cheiro, propriedades essenciais, qualidades etc., coisas que não são números, embora possuam números para manifestação e indicação.

É desta forma que o ternário Universal varia, ad infinitum, multiplicando suas operações, e as mantendo sempre em operação no infinito do qual dependem; assim, o Homem nunca pode numerá-las ou apoderar-se delas; e, de fato, é suficiente para ele ter o uso destas operações; ele está proibido de as possuir com suas propriedades, já que, através desta multiplicidade de meios que o todo poderoso possui de variar as manifestações de seu ternário Universal, Ele assegura somente a si mesmo, o direito de propriedade deste ato gerativo; nunca deixando, contudo, de manifestar esta infinidade, de forma externa, para que seja admirada.

Os poderes opostos na Natureza.

Sem o poder contrário, que trouxe desordem para o Universo, a Natureza não conheceria desarmonia alguma, e nunca se separaria das leis prescritas pelos planos Eternos; mas, apesar de sua desordem, quando consideramos a Natureza como sendo composta de tão vários instrumentos e órgãos, servindo como canais para a vida universalmente difundida, percebemos uma gradação em suas obras, que nos faz admirar aquela sabedoria beneficente que direciona o curso harmonioso das coisas.

Os graus no conhecimento da Natureza, do Homem e do Espírito.

Observaremos, de fato, que na série de obras da Natureza, tudo serve como um grau para chegar não só ao próximo, mas ao mais alto grau.

A ação e a harmonia do fenômeno da Natureza leva ao conhecimento de seus fundamentos e elementos constituintes.

O conhecimento de seus elementos constituintes leva ao conhecimento daqueles poderes temporais e imateriais que criam este fenômeno.

O conhecimento destes poderes temporais e imateriais leva ao Espírito, pois eles não possuem em si próprios a chave do projeto geral.

O conhecimento do Espírito leva ao conhecimento da comunicação entre ele e nosso pensamento, uma vez que, outrora, mantínhamos relações com o Espírito, e toda relação pressupõe dois ou mais seres análogos; uma relação não pode ocorrer quando há um só ser.

O conhecimento da comunicação de nosso pensamento com o Espírito nos leva à luz de Deus, uma vez que somente esta luz pode ser o ponto gerativo central de tudo o que é luz e ação.

O conhecimento da luz de Deus nos leva a conhecer nossa própria miséria, devida a nossa terrível privação desta luz, que é a nossa única vida.

O conhecimento de nossa miséria nos mostra a necessidade de um poder restaurador, uma vez que o Amor, que é uma ordem eterna e um eterno desejo de ordem, nunca pode deixar de nos apresentar esta ordem e este amor, para que desfrutemos deles.

O conhecimento de um poder restaurador nos leva à recuperação da santidade de nossa essência e origem, uma vez que nos traz novamente ao seio de nossa fonte gerativa primitiva, ou à Trindade Eterna. Assim tudo na física, na natureza espiritual, tem o objetivo de crescimento e melhoramento, que poderia servir como uma trilha em nosso labirinto e para nos ajudar a valorizar os direitos de nosso pacto divino; pois, independentemente de nossas descobertas neste pacto divino, alimento revigorante para aquela insaciável necessidade que temos de admirar, é preciso aprender a preencher uma das mais nobres funções do Ministério Espiritual do Homem, a de ser capaz de compartilhar esta felicidade suprema com nossos semelhantes.

"Seja feita a tua vontade"

O Homem clama, desde a queda, pelo cumprimento da vontade divina, esta súplica tem um significado muito profundo e natural, pois rogamos para que o acordo divino possa recuperar seu valor; que toda vontade e desejo procedente de Deus possa ser cumprido, e, desta forma, que a alma do homem possa florescer novamente em seu verdadeiro desejo e vontade original, o que a faria tomar parte no desenvolvimento do desejo e vontade de Deus; portanto não podemos pedir ao Regente Supremo para que seja feita a tua (Dele) vontade, sem, através desta oração, rogar para que as almas de todos os homens possam ser restauradas na possibilidade de desfrutar do elemento primitivo, e para que sejam colocadas em condições de serem restabelecidas no Ministério Espiritual do Homem.

Observe aqui, que, nas orações recomendadas por Deus, não é dito aos homens que peçam aquilo que não possa ser concedido a todos; Ele promete somente o que é compatível com sua generosidade universal, que se refere, por sua vez, as necessidades universais dos homens e à sua glória universal. Quando pedimos a Deus algo particular que não pode ser dado, igualmente, a todos os nossos semelhantes, tal como coisas materiais, empregos ou distinções, nos afastamos essencialmente de nossa lei.

Pelo que se deve orar.

Nunca devemos pedir a Deus algo que pertença a este mundo, pois tudo aqui é contável e limitado, sendo impossível que todas tenham lucro; e se um é beneficiado com uma grande parte, outro deve, necessariamente, sofrer privações. Isto mostra o quão alheia eram as posses para o código primitivo, e que o preceito Evangélico, assim como a renúncia aos bens materiais, está intimamente ligada as próprias e fundamentais bases da verdadeira justiça.

Ao contrário, devemos clamar incessantemente por coisas do mundo real e infinito no qual nascemos, porque nada daquele mundo pode chegar ao homem sem abrir caminho para que desça sobre todos.

Nas orações recomendadas por Deus ao homem, a primeira coisa a que se deve rogar a Ele e a seu Reino, é que ele venha até nós; só após isto é que o Homem será lembrado.

O que se pede ao Homem é que de modo algum peça por coisas terrestres; o pão de cada dia de que se fala, não é nosso alimento elementar, pois o Homem tem mãos para trabalhar e a terra para cultivar, somos proibidos de cuidar das necessidades de nossos corpos, como fazem os

pagãos. Este pão de cada dia, que deve ser adquirido através da doçura do semblante, é o pão da Vida, que Deus distribui às suas crianças diariamente, e o único que pode ajudar a desenvolver a nossa obra. Finalmente, pedimos o perdão de nossos pecados e para que nos afaste da tentação.

Tudo nesta oração é Espírito, tudo é caridade divina, pois seu objetivo é, de modo geral, fazer com que o pacto divino mantenha a condição em que todas têm que contribuir.

Quando é dito no Evangelho, "Busque primeiro o reino de Deus e a sua retidão, e tudo o mais lhe será dado", podemos crer que o auxílio temporal de que precisamos, de fato, não nos falta, se fixarmos nossa morada nas riquezas espirituais; mas o Evangelho vai mais longe e afirma que deveríamos primeiro buscar o reino divino, e que o reino divino, e que o reino espiritual também nos será dado; ou seja, se estabelecermos nossa morada em Deus, não haverá nada na luz e nos poderosos presentes do Espírito que nos será recusado.

Esta é a razão pela qual aqueles que buscam somente as ciências espirituais, e não vão diretamente a Deus, tomam o caminho mais longo e freqüentemente se perdem. Portanto é dito que só uma coisa é necessária, pois ela abrange todas as outras. É, de fato, uma lei indispensável que qualquer região deve abranger, administrar, possuir e dispor de tudo o que vem depois de si, ou num grau inferior a si própria. Assim, não é de se surpreender que ao alcançarmos a região divina, que esta acima de todas as outras, estaremos alcançando a supremacia sobre todas as coisas. Vamos buscar a Deus, e nada mais, se quisermos ter todas as coisas; pois nascemos da fonte do Desejo Eterno e do ESPÍRITO Universal.

Os animais e as outras coisas da Natureza também têm um desejo, mas a vontade que coroa este desejo é um tanto estranha e separada deles: por esta razão eles não precisam orar, como precisa o homem; eles só precisam agir.

A Luz é parte do Convênio Divino com o Homem.

Mas o Homem teve sua origem não só nas Fontes da admiração, do desejo e da vontade, mas também na Fonte da Luz, e esta Luz, conseqüentemente também formou uma das bases do pacto divino com o Homem.

Por esta razão, o Homem é o primeiro componente da relação entre ele próprio e todos os objetos naturais e espirituais à sua volta. Por esta razão, se o Homem não esclarecer a si mesmo a respeito de sua própria existência, nunca esclarecerá nada a respeito da existência de qualquer outra criação ou ser emanado.

O Homem é a escala de medida para todas as criaturas.

De fato, se o Homem teve sua origem na real fonte da admiração, do desejo, da vontade e da luz - em uma palavra, na fonte da realidade - ele se torna, na sua qualidade de ser real, a escala de todo objeto e criatura que assemelhe-se a ele, podendo medir sua existência, leis e ação, apenas através daquilo em que eles diferem de si mesmo: uma profunda e importante verdade, que muitos parecem desprezar, mas que só afastam da indolência somente quando crêem afastá-la da modéstia.

Esta verdade é, além do mais, provada pelas experiências diárias daquilo que se passa entre os homens. Pois, como os homens se tornam juizes e arbitrários nas ciências, leis, artes e instituições, em resumo, em tudo aquilo que preenche sua vida transitória? Não é por começar a dominar, tanto quanto possível, os princípios relacionados a cada assunto? E assim que tenham

penetrado completamente estes princípios e os tornado seus próprios princípios, então eles os tomam como grau de comparação para tudo aquilo que lhe é dado a examinar: quanto mais os homens estão preenchidos com o conhecimento destes princípios fundamentais, mais se espera que sejam capazes de julgar corretamente, e determinar o valor e a natureza dos assuntos submetidos ao seu tribunal.

A santa raça do Homem, engendrada na Fonte da admiração, do desejo e da inteligência, foi, então, estabelecida na região do tempo ilimitado, como um orbe luminoso de onde ele deveria irradiar amplamente uma luz celeste: em poucas palavras, o Homem era um ser, situado entre a Divindade e o traidor, que na região espiritual podia produzir, à vontade, explosões de relâmpagos e trovões, ou a serenidade do silêncio; carregar as correntes da culpa, e lançar-se nas trevas, ou imprimir os sinais de consolo e amor nas regiões da paz.

O Homem e Deus, os extremos da cadeia dos seres.

O Homem e Deus são os dois extremos da cadeia dos seres. O Homem deve, até mesmo agora, aqui embaixo, ter o verbo realizador. Todas as coisas entre estes dois seres, estão sujeitas a eles; a Deus, como suas criações; ao Homem, como seus súditos. E tudo reverenciaria e estremeceria diante de nós, se deixássemos livre acesso à substância divina em nosso ser: em primeiro lugar a Natureza, pois ela nunca conheceu, e nunca poderá conhecer, esta substância divina; em segundo lugar, nosso implacável inimigo, pois ele a conhece não mais que pelo terror de seus poderes invencíveis.

A responsabilidade do Homem, como distribuidor das riquezas de Deus.

Sem dúvida, o Homem nasceu para penetrar as magníficas obras de Deus, e reprimir a desarmonia; mas também para habitar sempre perto de Deus e, desta altura, supervisionar continuamente todo o círculo das coisas, e distribuir as riquezas divinas, sob os olhos da própria sabedoria; e descobrimos que assim deve ser, ao nunca nos sentirmos em repouso e em nossa correta proporção, exceto quando atingimos esta alta posição; mesmo que isto raramente aconteça aqui embaixo.

Pense, então, Oh Homem, na santidade de seu destino; você tem a glória de ter sido escolhido para ser, de alguma forma, o domicílio, o santuário e o ministro das graças de nosso Deus; e seu coração ainda pode ser preenchido com estes tesouros deliciosos, enquanto, ao mesmo tempo, espalha estas maravilhas nas almas de seus semelhantes; contudo, quanto mais importante for o seu ministério, mais certo e justo é que o Homem responda por sua administração.

A Terra, um exemplo para o Homem.

Quando os céus visíveis enviam suas substâncias, ou as matérias do trabalho diário para que a terra possa conduzi-las à maturidade, eles anunciam à Terra: «Estes são os nossos planos, estes são os nossos desejos, tanto para a preservação das coisas, assim como para a expansão das maravilhas da natureza; tu deves prestar contas de tudo aquilo que confiamos a ti; não permita

que nenhuma destas essências permaneça inativa; deixe que tudo coopere conosco, ao fazer com que esta morte universal, que devora todas as coisas, desapareça.»

A Terra, então, para escapar da sua própria morte, incuba e alimenta as virtudes que os céus acabaram de depositar em si; ela desenvolve seus poderes encerrados e coagulados e, em suas aspirações acrescenta outros poderes aos já existentes; então, a terra traz à superfície a leal prestação de contas que testemunhamos, de tudo o que lhe foi confiado, com um grande progresso proveniente do emprego e colaboração de suas próprias faculdades.

A mesma lei é destinada a você, Oh Homem Espírito, para a administração de seus bens como o oficial da Verdade. Você é a terra de Deus; você é um funcionário divino no Universo. Deus lhe envia, todos os dias, talvez a todo momento, pelo menos, a cada período espiritual, a tarefa que Ele lhe dá a desempenhar, de acordo com os Desígnios de Sua Sabedoria, e com a Sua própria idade e força. Ele lhe envia esta tarefa, desejando que você não se poupe da consumação de seus sofrimentos, advertindo que Ele irá exigir, rigorosamente, o seu retorno, o que consiste em nada mais do que a restauração da ordem, da paz, e da vida na esfera de seus domínios os quais Ele confiou aos teus cuidados.

Esta obra é a Magia de Deus, e o complemento daquele que ora.

Este desejo que Deus manifesta, e o alerta que lhe dá, não deve parecer algo estranho; é preciso reconhecer aqui a própria sede de justiça de Deus, e a aniquilação da desordem; quando Deus envia seu desejo ou sede para dentro do homem, Ele faz mais do que admiti-lo em seu conselho, pois Ele traz o seu Conselho para dentro do homem, introduzindo ali os mais doces e elevados propósitos de sua Sabedoria; o Homem é, então, impregnado com as mesmas relações que Deus propriamente dito tem com tudo o que é imperfeito, e Ele próprio o provê do necessário para realizar sua retificação; ou seja, Deus provê o Homem com recursos extraídos de sua própria glória, e procura estimular seu ardor através da esperança que proporciona a ele de participar de todos os frutos com Ele próprio.

Esta obra é o exato complemento daquele que ora, já que é a exata ação, para não dizer, a geração viva da ordem divina que passa dentro do Homem.

Teurgia, suas falhas e perigos.

Esta obra está muito acima de todas aquelas operações teúrgicas, nas quais o Espírito pode se ligar a nós, zelar por nós e até mesmo orar por nós, sem o nosso ser, mesmo que sábio ou virtuoso; como este Espírito está, então, ligado a nós apenas externamente, e opera estas coisas quase sempre nos desconhecidas de nós, que alimentam nosso orgulho e encorajam nossa falsa segurança, talvez seja mais perigoso do que nossas faltas e fraquezas que nos fazem lembrar da humildade.

A verdadeira obra é central e se desenvolve na ação.

Aqui, ao contrário, todas as coisas começam no centro, somos vivificados antes que nossas obras emanem de nós; eis o porque temos muita satisfação a ser extraída de nós através de nossas obras, eliminando a vaidade; e quando o homem é feito para ser, verdadeiramente, o servo de

Deus, este modo de existência, esta condição sublime, deve parecer tão natural e tão simples a ele que não dá para conceber qualquer outra.

Pois qual seria o fim ou o objetivo da ação senão conectar aqueles consagrados a ela com a Ação Universal? É através da atuação que nos unimos à ação, e acabamos sendo nada menos do que órgãos de ação contínua e constante; assim, aquilo que não é esta ação é como nada para nós, e nada além desta ação nos parece natural.

O Homem deve ser a continuação ou o recomeço de Deus.

O Homem é o ser encarregado de continuar a Deus, onde Ele não é conhecido por si mesmo: não em sua ordem divina fundamental; pois, ali, Ele executa sua geração eterna e secreta. O homem continua a Deus nas manifestações e na ordem das emanações, pois ali Deus se faz conhecido somente através de suas imagens e representantes.

O Homem continua a Deus, ou, em outras palavras, o recomeça, como um embrião ou um germe recomeça uma árvore, ao nascer imediatamente daquela árvore, sem agente intermediário.

Um recomeça o Outro como um herdeiro recomeça seu antecessor, ou um filho a seu pai, tomando posse de todos os pertences do predecessor ou do pai; de outra forma ele não poderia representá-lo; só há uma diferença, na ordem espiritual, a vida ainda permanece na fonte que a transmite, porque esta fonte é simples; enquanto que, na ordem material, a vida não permanece na fonte que a engendra, pois esta fonte é mista, e não pode engendrar apenas ao dividir a si mesma. Na ordem material, particularmente na vegetação, o fruto, que é a vida ou o germe, e o grão, que é morte, estão intimamente conectados. No grão, a vida está oculta na morte; no fruto, a morte está oculta na vida.

O processo de recomeço abolido pela queda.

Tenho descrito o Homem até aqui somente em relação ao seu estado original; ao descrevê-lo de acordo com o que tem feito de si mesmo pelo uso falso e criminoso de seus privilégios, este alto privilégio que ele possuía de recomeçar a Deus, desaparece; e somos compelidos a dizer que, desde esta época fatal, Deus tem tido, ao contrário, que recomeçar o Homem; Deus recomeça o Homem diariamente.

Pois, não só no momento de sua queda, Deus foi obrigado a recomeçar o Homem, ou renovar seu contrato divino com ele, mas em todas as épocas, nas quais Ele enviou leis para nossa restauração; épocas que renderam inutilidades pela nossa falta de respeito por seus presentes, e o pequeno fruto que retiramos delas, teve que ser sucedido por outro, sempre mais importante que seu predecessor; mas que, por sua vez, fora igualmente profanado por nós, o que só nos prejudica, ao invés de nos auxiliar; isto requer que o Amor Divino nos recomece novamente.

Se assim não fosse, este universo visível, onde estamos aprisionados, teria sido, há muito tempo, lançado novamente no abismo, fora do alcance do Amor supremo.

O Processo de libertação do Homem: do crime, através da lei, para a ação vital.

O Homem passou do crime para as trevas. Ao deixar as trevas a Divindade Suprema o fez passar pela Natureza. Ao deixar a Natureza, Ele o fez passar pelo ministério da Lei. Fora do ministério da Lei passou por aquele das orações, ou a Lei da graça que deveria ter restaurado todas as coisas para ele.

Mas, como o sacerdócio humano tem corrompido esta lei da graça tornando-a vã, ela teve que ser suspensa, por sua vez, e substituída por uma ação vital violenta, assim como a oração, ou a lei da graça havia substituído a lei que fora mal usada pelos judeus; tal é o Espírito de sabedoria e a terna benevolência, com que o Amor Supremo conduz ou admite que aconteça todos estes lamentáveis eventos dos quais o homem terrestre reclamam, esquecendo que seus próprios crimes os produziram, deixando a terra em completa desordem, enquanto que ele nasceu no mundo para pacificar e melhorar todas as coisas.

A Revolução Francesa foi provavelmente designada pela Providência para expurgar, se não suspender, este ministério das orações; uma vez que este, em sua origem, fora designado a suspender o ministério da Lei. Com isto, o povo Francês pode ser considerado o povo da nova Lei, assim como o Hebreu foi o da antiga Lei. Não precisamos nos espantar com tal eleição, apesar de nossos crimes e banditismos. Os judeus eleitos não foram, em seu tempo, melhores do que os Franceses.

Contudo, há uma coincidência ainda pior; o templo de Jerusalém foi destruído e queimado duas vezes, uma por Nabucodonozor, outra por Tito; e aqueles dias em que tais eventos ocorreram, são os mesmos em que a autoridade temporal da França fora arruinado; i. e., o «10 de Agosto». "Quando Tito se recuou em Antonia, ele resolveu atacar o Templo, no dia seguinte, 10 de Agosto, com todo o seu exército; eles estavam na véspera daquele dia fatal no qual Deus havia, há muito tempo, condenado este santo lugar a ser queimado, assim como havia sido anteriormente, no mesmo dia, por Nabucodonozor, Rei da Babilônia." (Fl. Josephus, 'Roman ----', LVI. Q XXVI)

Esta ação vital que, de acordo com todas as aparências, tem que substituir o ministério das orações, irá alcançar ainda senão uma conquista parcial entre os Homens, se comparado com a grande maioria, que não se beneficiará dela; haja vista a propensão ao mal uso de todas as coisas, que o Homem tem exibido desde o princípio.

O processo consumado no último julgamento.

Desta forma, Deus será novamente obrigado a recomeçar o Homem através do último julgamento, ou o fim dos tempos; mas como nesta ocasião, todo o círculo terá sido rodado, a obra será consumada sem volta; ou seja, sem o temor de qualquer nova delinquência por parte do Homem, e conseqüentemente sem que Deus seja mais obrigado a recomeçar o Homem.

Ao contrário, o Homem irá, então, ter recuperado o sublime privilégio de recomeçar Deus, como deveria ter feito desde o princípio.

Contudo, há uma diferença: no princípio o Homem estava somente sob os olhos do pacto (aliança) e ele podia se comportar como quisesse: no final, ele estará na aliança; desta forma, ele não será mais capaz de escolher, pois ele será eternamente um impulso propulsor na corrente divina.

A porta da Luz e do Amor no Homem.

Em nossa passagem terrestre, e nos vários caminhos espirituais que o Homem pode escolher durante esta passagem, há uma porta particular para cada um de nós, através da qual a Verdade procura entrar; é somente através dela que a Verdade pode chegar até nós. Esta porta é distinta e independente da via principal de nossa origem, pela qual a vida de nossa Raiz desce até nós e nos torna Espírito; pois esta porta principal é comum a todos, e ao Capeta também.

A porta particular, ou a via aludida, tem o objetivo de nos renovar na fonte da vida, e na Luz Eterna do Amor; ela não é oferecida ao Capeta.

Isto possibilita, verdadeiramente, recuperar as fontes da Luz e do Amor; sem elas, passamos nossos dias em vão, muito embora façam parte do verdadeiro conhecimento; até que a fonte da vida encontre esta porta aberta em nós, ela espera do lado de fora.

É só através desta porta que o Homem pode obter sua subsistência; se falharmos em abri-la, permaneceremos completamente destituídos; se a abrirmos, ela nos trará abundante nutrição; se fôssemos sábios não iniciariamos obra alguma sem havermos pago nosso débito, ou seja, até que tivéssemos aberto esta porta e completado a tarefa que ela induz.

Mas como esta porta também é uma determinação de Deus, para nos introduzir ao ministério espiritual quando já fazemos parte daqueles chamados para a obra, agitações e tempestades podem nos atormentar, a fim de retardar a obra, mas a Fonte da Vida ainda assim irá encontrar esta porta naqueles preparados para serem empregados, e a glória de Deus triunfará neles para sua grande satisfação.

Todos devem abrir a porta em si mesmo.

Embora Deus abra esta porta naqueles que emprega, aqueles que não são empregados não devem repousar diante de qualquer suposta impossibilidade sob a justificativa de que nenhuma porta se abrirá neles, pois em todos os homens, há uma porta para o desejo e para a justiça; somos todos obrigados a abrir esta porta nós mesmos, o que podemos fazer se perseverarmos.

A porta da eleição.

Assim como aquela única a levar o Homem à obra de Deus, esta porta também só pode ser aberta por Deus; mas isto não é prova de nosso avanço, se a primeira permanece fechada pela indolência e pela preguiça. Podemos expulsar os demônios em Seu nome mesmo que Ele não nos conheça.

Há um conflito entre aquilo que deve passar por dentro e por fora de nossa verdadeira porta, tornando muito difícil que qualquer coisa seja adquirida por meios externos. É como uma planta enxertada, onde os sumos estão em conflito com a seiva da árvore onde é transplantada; este conflito dura até que a seiva da árvore tome seu curso natural e arraste os novos sumos consigo. Mas algumas vezes a seiva da planta selvagem é vencedora.

A seiva da Árvore da vida.

Qual é a verdadeira seiva que deve levar consigo, em seu curso, todas as coisas? Você que aspira ser admitido no grau dos trabalhadores do Senhor, sabe qual é.

Você sabe que ela deve animar suas próprias essências e que ela flui da eterna Geração Divina.

Você sabe que ela não pode circular em si sem retrair a própria Geração Divina eterna.

Você sabe que até mesmo a menor parte de seu ser deve ser vivificada por esta seiva.

Você sabe que o poder desta seiva vivifica e rege todas as regiões espirituais, assim como as estrelas, animais, plantas e todos os elementos visíveis ou invisíveis.

Você sabe que o que ela faz por todas as coisas, ela tem o direito de fazer pelo homem, se ele não se opusesse.

Portanto se apresente ao Princípio eterno desta seiva fecundante e diga: "Oh, Autor Supremo de todas as coisas, não permita que tua imagem seja degradada e caia na futilidade. Toda a Natureza experimenta contínua e diretamente os efeitos de tua seiva, e não é, nem por um instante, privada de sua ação vivificante; o Homem não está sujeito à tua imagem por ser menos favorecido que a Natureza e outras criaturas feitas por ti; faça-o tomar parte do mesmo benefício; permita-o ser reconciliado com tua Unidade universal e, a partir de então, como tu, ele jamais se movimentará sem que o universo visível e invisível se movimente com ele; ele não irá se mexer sem estar rodeado de agentes que o tornarão um participante de tua Glória e poder".

Isto, Oh Homem de Desejo, é o objetivo ao qual todos os seus esforços devem tender. Você tem em si a porta pela qual esta seiva deve entrar. Se você compreender isto, como uma ajuda espiritual humana, ou que por força das circunstâncias, todas as outras portas estão fechadas a ti, alegre-se por isto, pois é prova que o Pai Supremo pode, assim, lhe forçar a olhar por esta porta sagrada, onde Ele espera por você, e pela qual Ele lhe dará acesso às maravilhas que lhe são preparadas.

Agora, estas maravilhas envolvem o círculo universal de tudo, que já foi o alicerce de teu império; e uma prova de que todos os poderes, visíveis e invisíveis, estavam presentes na ocasião de seu nascimento primitivo, é que eles estão sensivelmente presentes em sua regeneração, e cada um faz a sua parte nesta regeneração. Assim, se Deus deseja que todos os segredos sejam descortinados ao Homem, o que há de permanecer oculto a nós? Tão logo olharmos Deus dentro de nós, veremos nele todas as regiões.

Toda infecção interna deve ser exaurida.

Deus, sem dúvida, conhece nosso estado interior; Ele conhece todas as substâncias corrosivas que acumulamos diariamente, ainda assim, Ele permite que continuemos e ainda nos leva a determinadas situações para que compreendamos este nosso estado interior de forma consciente, e nos faz trazer à superfície todas estas substâncias injuriosas, mostrando-as externamente.

Permitindo, desta forma, que estas falsas influências terminem seu ciclo completo, a glória divina brilha, sem dúvida, com todo esplendor; pois este círculo de falsas influências pode seguir como quiser, ele termina em nada; e o eleito que suportou a prova até o máximo, é inflexível a ele e muito mais na sua guarda contra o inimigo.

É muito mais para nossa purificação, do que para Sua própria glória que Deus nos permite passar por estes estágios dolorosos e humilhantes; ou seja, esta hipocrisia que reina aqui embaixo um dia deve acabar.

Onde há maldade, a hipocrisia reina.

Se o homem tivesse cuidado com sua conduta, ele poderia ter produzido o mesmo resultado, ou tirado de si mesmo uma outra conduta; isto é, quando ele se sentiu atraído pelo que

era falso, deveria ter tentado não esquecer que a verdade não deixou de existir; seria, dizer a Deus, no mais íntimo de seu ser, que ainda há muito mais a ser feito para o aperfeiçoamento da Natureza, da alma humana e para o avanço da obra Divina da Sabedoria. Isto seria mostrar a Ele o quão urgente era aquela obra, e pedir para ser empregado nela, e não ter ficado inativo, ou desistido de qualquer outra obra, até que esta tivesse sido terminada.

É certo que o Homem seria enormemente preservado desta maneira. Mas esta prudência salutar só pode ser o fruto de um longo e habitual trabalho; ela só pode ser, por assim dizer, a recompensa da sabedoria. O Homem deve primeiro expelir de si toda maldade e deformidade; pois, enquanto houver um só vestígio de maldade, a hipocrisia estará por perto e sempre pronta a cobrir esta deformidade: porque, para ser preservado de qualquer hipocrisia, há senão um meio que é a abstenção da maldade.

Por outro lado, ao abster-se da maldade, o homem facilita o desenvolvimento do óleo santo dentro dele. Quando isto ocorre, o óleo santo dentro de nós atrai o fogo, e não pode deixar de se inflamar. Neste instante, todas as nossas condutas são iluminadas, não havendo mais lugar para a hipocrisia.

Os diferentes infernos.

Infelizmente é verdadeiro afirmar que o Homem pode, por atos impróprios e falsas contemplações, acender em si um fogo prejudicial tanto ao próprio Homem quanto a todas as regiões em que terá que exercer o seu ministério; pois tudo é poder, e é a força respectiva dos diferentes poderes que fabrica todo o perigo, sofrimento e a assustadora oposição de todas as criaturas que combatem umas as outras aqui neste plano.

Primeiro, quando deixamos de viver nossa verdadeira vida, ou seja, tão logo deixamos de nos apoiar na região fundamental de nosso pacto primitivo, aprendemos que há uma espécie de inferno passivo, que pode, contudo, ser chamado de inferno divino, já que, para nós, é como o esforço da vida real contra a inércia ou o vazio onde descendemos através da indolência.

Mas se formos além, e ao invés de repousarmos na região de nosso pacto primitivo, nos apoiarmos ou nos unirmos às regiões desordenadas ou viciosas, rapidamente chegaremos a um inferno mais ativo, que possui dois níveis: em um destes níveis, devemos ordenar todas aquelas paixões que nos liga mais ou menos ao serviço de nosso inimigo; o outro é a exata porção ou estado do diabo propriamente dito, e aqueles que se identificam com ele.

O primeiro nível deste inferno ativo envolve, por assim dizer, todo o gênero humano, e, neste ponto de vista, talvez não há um único homem que não realize, diariamente, a obra do diabo, e quem sabe aquela de muitos diabos ao mesmo tempo; apesar que, neste nível, os Homens realizam tal obra sem ao menos suspeitarem disto, sem conhecimento. Isto porque ela não mostra a menor correspondência por parte do demônio, a ponto de manter todos os Homens a seu serviço, e de fazê-los executar tudo o que é possível, e ainda ao fingir tão bem e ao se manter atrás das cortinas, ele faz os homens agirem ao seu bel prazer, e os fazem até mesmo acreditarem que ele não existe.

Este inimigo, sendo espírito, dirige todo pensamento a um ponto fora da mente do homem, ao levá-lo de ilusão a ilusão, pois ele realmente trabalha o Homem no espírito, enquanto parece

estar agindo somente na ordem externa das coisas; isto porque o Homem, que é espírito, apresenta naturalmente o caráter de sua própria existência ilimitada a tudo o que ele aborda.

O inimigo, a quem o Homem serve cegamente, o conduz por este caminho até o túmulo, com projeções e paixões sem fim, ludibriando-o tanto na sua existência transitória como em sua real existência; está é também a razão pela qual a Sabedoria Eterna com, a qual devemos sempre residir, é obrigada a se afastar da morada infectada do Homem.

Como, de fato, a Sabedoria Eterna poderia habitar entre os Homens? vendo como servem um mestre que não conhecem, e em quem não acreditam; e vendo que, em sua cegueira, julgam uns aos outros, corrompem uns aos outros, roubam uns aos outros, lutam e matam uns aos outros. Todos estes movimentos turbulentos A encham de medo, Ela que fora ordenada a observar e habitar exclusivamente a paz, a ordem e a harmonia.

No segundo nível deste inferno ativo, os homens também servem o diabo, mas não inconscientemente, como antes; eles não mais estão na dúvida ou na ignorância de sua existência; eles participam, consciente e ativamente, em suas iniquidades. Felizmente, esta classe de traidores é a minoria, de outro modo o mundo teria afundado sob o peso das abominações do inimigo.

O divino, ou o inferno passivo, compreende toda região de sofrimento, exceto aquela da iniquidade. Ali, portanto, a angústia sucede a angústia, como as ondas do mar. Mas, ali também, uma onda engole a outra e nenhuma tem domínio completo. Por esta razão, a esperança ainda é, de tempos em tempos conhecida neste inferno.

No primeiro nível do inferno ativo, não há, em princípio, espiritualmente, nem angústia nem esperança; não há nada além de ilusão; mas sob esta ilusão está o abismo, que rapidamente faz a veemência de seu remorso amargo ser sentido.

No segundo nível deste inferno ativo, não há nada além da iniquidade, não há nem esperança, nem ilusão; ali, a unidade do mal é inquebrável.

Embora permanecer nos caminhos dolorosos do inferno divino seja algo desagradável, está à mercê da Sabedoria Divina permitir que os homens que se lançaram ali, permaneçam por pouco tempo. Se eles não fossem mantidos ali, nunca saberiam ou esqueceriam que mesmo lá os poderes ainda são divinos. Sim, este inferno se torna uma das fontes de nossa salvação, nos ensinando a tremer diante dos poderes de Deus, e regozijar, ainda mais, ao compará-los com o Seu amor.

A Sabedoria Suprema permite também que nada sobre este inferno, e nem sobre os dois níveis do inferno ativo, seja escondido do homem de desejo; visto que ele deve ser instruído em cada ramo conectado a seu ministério, já que ele, posteriormente terá que dar assistência a outros; mesmo àqueles que, apesar de ainda viverem, possam ter se afundado ou se naturalizado neste abismo ou inferno ativo.

Pois a existência destes membros ambulantes do demônio é um dos assustadores delírios que o trabalhador do Senhor deve conhecer; esta é a parte mais dolorosa de seu ministério. Mas para o profeta ser investido, ele não deve, como Ezequiel, engolir o livro escrito por dentro e por fora;? isto significa que ele deve ser preenchido com lamentações abundantes.

Sim, Deus permite até mesmo que Seus profetas sejam testados pelo Maléfico, para que aprendam a sentir por seus irmãos no cativo e redobrem seu ardor pela promulgação da lei.

Assim, para o trabalhador do senhor cumprir seu destino, que o conclama a ser espiritualmente útil a seus semelhantes, acima de todas as coisas é necessário abster-se de cair no inferno ativo; mas, além disso, é preciso trabalhar para se livrar do inferno passivo ou divino, se

é que ele o tem abordado, descuidadamente; pois, enquanto estiver lá, não pode ser empregado na obra de modo algum.

É somente na medida em que ele se livra deste inferno passivo que as riquezas do pacto divino entram nele, podendo então vivificar outros homens, vivos e mortos. Com isto, o homem se torna não só o órgão de louvor (admiração), mas, até mesmo, de algum modo, seu objeto, quando manifesta aquelas maravilhas inexauríveis com as quais seu coração pode se expandir abundantemente; as quais, de fato, podem sair dele, assim como vemos toda espécie de maravilhas brilhantes que se desprendem ou surgem da luz no instante em que se acendem de sua fonte de fogo.

O Homem pode atingir diferentes eleições.

Deixe este homem ter coragem e perseverança e não se limitar a uma mera eleição de purificação; deixe-o aspirar a obter a eleição da vocação e do ensinamento; ou ainda a eleição da intenção e da vontade, que por sua vez não é tudo; pois o Homem ainda não é nada sem ser conduzido na eleição da ação e da operação; e mesmo esta última eleição ainda não pode ser levada em conta até que se torne como o ETERNO.

Pois o ETERNO é a expressão que tem caracterizado Aquele que É, uma vez que O descreve na sua existência.

A ação de Deus, um foco vivificante no Homem.

Ora, Sua existência está mais longe de nós do que Sua ação; e Sua ação é o que serve como Seu intermediário. E nós não somos nada, caímos na anulação se a ação e o movimento divino não são constantes e universais em nós.

Não vemos nosso sangue dissolver, purificar e sutilar continuamente toda a matéria bruta com a qual o saturamos? e que sem isto o peso desta matéria bruta e sua corrupção colocariam um fim em nossa existência? Não vemos que se a natureza não tivesse, em si, um princípio vivificante que executasse por ela as funções de nosso sangue, ela já teria sucumbido às forças corrosivas que agem contra ela e a contaminam?

Portanto, em nossa região espiritual, deve haver um Foco vivificante ativo para decompor e retificar, sem cessar, todas as substâncias falsas e venenosas com as quais somos preenchidos diariamente, senão por nós mesmos, pelo contato com nossos semelhantes. Se assim não fosse, estaríamos todos na completa morte espiritual.

Este foco é aquele princípio universal da vida eterna e real no Homem, que renova continuamente o pacto divino em nós; Ele nunca nos deixa órfãos se aceitamos Seus presentes: mas é também aquele poder vivificante que negligenciamos e ignoramos a cada minuto, embora ele nunca deixe de estar bem perto de nós. E se poderia dizer de nós o que foi dito em São João (XIII.18): "Aquele que come o meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar".

O Foco da ação cria espelhos da Sabedoria ao nosso redor.

A nossa junção com esta ação vital e vivificante é uma necessidade fundamental de nosso ser; mais que isto, só ela pode satisfazer esta necessidade urgente; é ela também que mais contribui para nossas verdadeiras satisfações ao nos colocar em condições de fazer com que tanta sabedoria desabroche à nossa volta, a qual reflete o fruto de nossas obras; e, assim como a Sabedoria Eterna faz com Deus, ela nos dá a felicidade de ver que são boas.

Pois todos os seres divinos e espirituais necessitam destas sabedorias, para servirem como espelhos aos seus próprios espíritos, assim como eles mesmos servem ao Espírito da Divindade; e somente a classe material animal não tem necessidade destes espelhos, pois esta classe não tem obras de sabedoria a produzir.

O poder da ação de Deus sobre nossos irmãos e todas as coisas.

Ora, o poder da ação vivificante divina em nós se estende a nada menos do que nos fazer abrir o centro mais íntimo das almas de nossos irmãos, passados, presentes e futuros, a fim de que todos possam assinar juntos o pacto divino; ele nos capacita a abrir o centro interior de todos os tesouros naturais e espirituais, dissimulados por todas as regiões; ele restitui a nós aquilo que é, ou seja, a ação de todas as coisas. Esta é a razão pela qual há tantos homens desprovidos de inteligência neste mundo; pois não há nenhum que realmente trabalhe para se tornar a ação das coisas: "Não há nenhum que faz o bem; não, nenhum".

Como podemos atingir esta ação: através do Espírito, e da voz espiritual do Homem.

É pela invasão do Espírito em nós, e da ardente aspiração de nosso próprio espírito, que podemos chegar a ser a ação das coisas; porque através desta aspiração livramos cada princípio de seu revestimento, e damos-lhe a possibilidade de manifestar suas propriedades; uma aspiração que causa em nós, o que a respiração causa nos animais, ou o ar causa na Natureza.

Estritamente falando, podemos dizer que todas as coisas em todas as minúcias de cada ordem das coisas são feitas pelo espírito e pelo ar; na natureza elementar, só o ar está livre e libera todas as coisas, assim como na natureza espiritual, aqui embaixo, só o espírito do Homem tem este duplo privilégio; é justamente pelo ar estar livre, que a voz do Homem Espírito possui tais direitos extensivos a todas as regiões.

Pois, em seus concertos musicais, onde o homem tenta desenvolver todas as maravilhas da música, os acompanhamentos representam a atuação das correspondências, natural, espiritual, celestial e infernal à voz do Homem, que tem o direito de mudar todas as regiões à vontade, e fazê-las tomar parte de seus relacionamentos.

Magia Divina, o princípio desta ação.

Mas como o Espírito do Homem penetra até o Centro Universal, não devemos nos surpreender, ao vermos os homens tão fascinados e levados por seus respectivos dons, talentos e

ocupações, a ponto de se devotarem a si próprios. Tudo isto aponta a um único termo, o de que a Magia Divina envolve, preenche e penetra todas as coisas.

Se os homens dirigissem suas aspirações, nunca com tão pouca constância, a qualquer das direções onde esta magia pode, provavelmente, ser encontrada (a propósito, a fecundidade das fontes divinas esta quase que em todo lugar, tanto na ordem espiritual como na ordem natural), não estariam longe de chegar a uma destas origens, das quais todas possuem a mesma magia como princípio, e eles rapidamente se intoxicariam com deleites, que embora venham de diferentes canais, todos têm o mesmo fundamento em Deus.

Os homens deveriam se emanar em satisfação com tudo o que tem senão uma base.

Desta forma, os homens seriam todos um em seu entusiasmo, se olhassem para a unidade desta base e termo de todas as suas satisfações, o que nada mais é do que o movimento da Vida e da Luz eterna dentro deles, e assim, baniriam, rapidamente, todas aquelas rivalidades, ciúmes e preferências, que se reportam meramente a forma ou modo como estes prazeres os afetam.

Os eruditos têm procurado submeter as Belas Artes a este princípio, sem saberem; e ao mesmo princípio devem ser submetidas todas as ciências, descobertas, invenções e segredos, assim como todas as sublimidades dos homens de gênio, e todo o charme e o divertimento que comunicam a nós, aqui neste plano; pois, se o Espírito do Senhor preenche a Terra, não podemos nos movimentar sem entrar em contato com ele.

Ora, não extraímos a felicidade até mesmo da menor aproximação do Espírito do Senhor? E, como há senão um Espírito do Senhor, não deve repousar no mesmo fundamento todas as nossas bem-aventuranças, e serem radicalmente uma só?

A respiração ou o Espírito do inimigo.

O inimigo também possui uma certa aspiração de seu próprio espírito, uma respiração pela qual, ao invés de nos fazer triunfar, tenta nos submeter a seu falso domínio. Mas a respiração do inimigo, seu espírito, em resumo, não está livre como aquela do Homem. Portanto, enquanto somos vigilantes, ele não pode fazer nada, tanto na ordem espiritual, como na ordem da Natureza, pois não tem acesso ao ar, que, embora livre em si, esta fechado para ele.

Assim, os falsos e figurativos meios que ele emprega, podem representar projetos e princípios a serem exibidos a nós; mas não nos podem ser dados já que o inimigo não os possuem; ele não pode realizá-los, pois só tem poder para destruir e não para gerar.

O inimigo, desta forma, prova que seu crime primitivo foi o de ter desejado dominar a raiz das coisas e o pensamento de Deus; já que deseja, continuamente, dominar a alma do homem, que é o pensamento de Deus.

Oh, monstro! repleto de sangue, como pudestes tornar o inimigo do pensamento de Deus? Mas, tu, Oh, Homem! não eras também um pensamento do Senhor? E mesmo assim pecastes! Aqui o Homem de Desejo exclama: Oh, arrependimento! Deixe-me ser inundado pelas lágrimas; cubra-me, esconda-me da face do Senhor, até que eu possa ver o Homem, o pensamento do Senhor, limpo de suas máculas.

Deus, o purificador de Seu pensamento, a alma humana.

Nossa mente (espírito) está selada por sete selos; e os homens ao influenciarem uns aos outros, usam, de fato, as chaves, reciprocamente, com as quais podem abrir os selos uns dos outros: mas, para nosso pensamento ser puro, o próprio Deus deve purificá-lo, uma vez que só podemos viver por causa de nossa matriz.

E, quando Deus admite um homem na primeira posição, do Ministério Espiritual do Homem, é para transformá-lo num agente perspicaz e vivificante, cuja ação deverá ser universal e permanente; assim, os caminhos de Deus não são manifestados para fins levianos e transitórios. Portanto todo o Universo deveria ser o mesmo que nada aos nossos olhos, em termos de valor, se comparado com uma eleição como esta, se é que fôssemos felizes o bastante para que ela nos fosse oferecida; já que, a partir de então, poderíamos trabalhar com sucesso para o alívio da alma humana.

As aflições terrestres.

Tudo é Espírito na obra divina. Portanto as aflições deste mundo, guerras, catástrofes da natureza, que não são enviadas diretamente de Deus, não ocupam Sua atenção como a preocupação com as almas; e quando os homens massacram uns aos outros, ou seus corpos são vítimas de grandes calamidades, Ele sente essencialmente os males que suas almas sofrem; pois a alma é Seu pensamento, ela lhe é querida, e requer Seu zelo e ação.

As aflições servem somente para amadurecer o Homem, o Homem Espírito; em resumo, é dito a seus ministros e eleitos: todos os fios de cabelos de suas cabeças foram numerados, e que nem um deve cair ao chão sem Sua permissão.

Ele deixa aqueles que estão nas regiões dos poderes espirituais inferiores, serem comandados por aqueles poderes mais baixos.

Aqueles que estão ainda mais baixo, nas regiões da matéria pura, caem sob a classe dos bois; e, de acordo com Paulo (1 Cor. IX.9), Deus não se preocupa com os bois; embora o Espírito se preocupasse com eles no tempo dos Levitas, e com referência aos Judeus, que foram os apóstolos figurativos, mas não com referência a outras nações que buscaram os espíritos da abominação em seus sacrifícios.

Acrescentaremos ainda que Deus normalmente não faz nenhuma mudança no doloroso e desastroso curso das coisas, mesmo para Seus eleitos, aqui embaixo, mas apenas lhes dá força para resistirem: o que não impede Sua preocupação com suas almas e espíritos, em todos os casos, e sob qualquer circunstância, uma preocupação que nossas fracas compreensões não podem, conceber, e nem nossas línguas expressar, o objetivo é que Ele nos preserve somente dos verdadeiros perigos que nos rodeiam e que devem, unicamente, ser temidos, tão grande o Seu desejo de nos ver realizar o convênio divino presente em nossa origem, como poderemos observar daqui a pouco.

O Homem na infância.

Faço aqui uma pausa para considerar o Homem numa idade em que ele ainda não apresenta nenhuma daquelas lamentáveis características que temos observado, ou qualquer daqueles raios luminosos que temos anunciado como sendo o recipiente e o órgão.

Quando contemplamos as alegrias simples das crianças, como é possível imaginar os extremos da virtude e do vício dos quais o homem adulto é capaz, e que podem estar oculto e encerrados neste invólucro infantil?

Esta criatura, carregada como uma boneca, que explode em risos diante de uma bolha de ar, ou que cai na aflição quando perde um brinquedo; este ser pode, repito, algum dia estar tão desenvolvido a ponto de elevar seus pensamentos ao céu ou de olhar o abismo e compreender a correta execução dos decretos supremos sobre o secto dos fracos; ela pode se tornar um exemplo vivo do modelo divino para o mundo; ela pode exhibir a grande penetração na ciência, e o maior heroísmo na virtude; em resumo, ela pode ser, de todas as maneiras, um modelo por excelência.

Mas esta mesma criatura pode vir a ser um modelo do contrário, e imergir na ignorância e no crime; ela pode se tornar a inimiga do Princípio que a gerou, o foco ativo da depravação e de toda abominação.

O contraste é tão dilacerante que é impossível observar, sem dor, que o pensamento destas ternas e inocentes criaturas podem, sobre este interessante exterior, conter as sementes de todas as doenças, e terminar numa vergonhosa degradação do coração, da alma e do espírito; seus frágeis galhos podem nutrir uma seiva pestilenta, a explosão daquilo que será somente a mais mortal, porque está atrasada e adiada para uma outra ocasião; ou seja, talvez estas criaturas contenham em suas essências um suco, doce e benigno no presente, mas que um dia pode se transformar no mais amargo e corrosivo dos venenos.

Como se pode imaginar que a ingenuidade desta criança, para quem o menor doce proporciona uma inocente alegria, possa ser transformada, algum dia, na ferocidade de um tigre; que ela possa se tornar uma perseguidora de seus semelhantes, e ser a vítima e o instrumento daquele inimigo, de quem somos todos escravos, como já afirmei, aqui neste plano.

A esperança na Promessa Divina.

Mas o que pode amenizar, se não remover as angústias do Homem de Desejo, desta lamentável perspectiva, e dar-lhe consolo e esperança para o futuro, é que o pacto divino tem sido também rescrito nas essências desta planta tenra, e traz consigo um remédio específico que não só pode reprimir os germens desordenados, que talvez já a tenha infectado, mas que provoca o florescimento dos germens divinos, dos quais também é depositária por direito de origem.

Sim, não podemos venerar demasiadamente a Sabedoria Suprema, quando vemos a suave progressão com a qual Ela procura nos guiar continuamente ao ponto mais alto, pois é para isto que recebemos vida e existência; e se os olhos inteligentes, amantes do que é bom, observassem cuidadosamente a infância do homem e procurassem, com os altos poderes, trazer os tesouros com os quais o pacto divino tem enriquecido a planta jovem, até a maturidade, não haveria nenhuma espécie de êxtase ou deleite que não se esperasse, em qualquer estágio de sua existência.

Todos estes passos do Homem poderiam ser pacíficos, todos os seus movimentos conectados, todos os seus níveis de progresso poderiam ser unidos insensivelmente uns aos outros, e a satisfação divina acompanharia todos, pois esta satisfação seria o objetivo do

progresso, assim como foi o princípio; em poucas palavras, o Homem chegaria, quase que sem dor, problemas ou esforço, a uma alta perspicácia, inteligência, sabedoria, virtude e poder, da qual parece estar tão longe, em sua tenra idade, a ponto de não acreditarmos que isto possa ser possível algum dia.

A instrução do jovem.

No entanto, seria bom ensinar a esta jovem planta uma lição muito útil e de um caráter sombrio. Por Deus! a Sabedoria, que deve, trazer de si mesma tanta satisfação a nós, é obrigada a se fechar para nós, com trajes de luto e tristeza; nossa sabedoria deve ser agora o sofrimento, ao invés do júbilo, pois o crime dividiu todas as coisas e fez duas sabedorias. A segunda, ou a posterior destas sabedorias, não é vida, mas concentra a vida em nós, e nos prepara para receber vida, ou a primeira sabedoria, a fonte de toda satisfação; é esta sublime primeira Sabedoria que cria e mantém todas as coisas. É por esta razão que ela é sempre jovem.

Esta jovem planta também deveria ser ensinada, na medida em que cresce, que se a Sabedoria Suprema não pode nos permitir, neste plano, olhar a Jerusalém celeste propriamente dita, tal como existia primeiramente na alma do Homem, Ela nos permite, ao menos que observemos, algumas vezes, seus planos, o que basta para nos preencher com o mais doce consolo.

Seria aconselhável ensiná-lo e fazê-lo se convencer, através de sua própria experiência, que a oração deve ser uma companheira espiritual contínua; pois devemos orar somente com Deus, e nossa oração não merece nem mesmo este nome, enquanto Deus não orar em nós, pois só assim faremos nossas orações no reino de Deus.

Seria bom ensiná-lo que os médicos supostamente conhecem a natureza e propriedades da medicina, e que têm apurado todas as virtudes de seus remédios, sendo capazes de curar qualquer doença; que esta simples observação pode esclarecê-lo a respeito do destino original do Homem, o que deve, sem dúvida, capacitá-lo a curar todas as desordens, e conhecer cada substância da Natureza, pois todas estão sujeitas ao Homem. É preciso depreender disto quão vergonhosa é a degradação a que o Homem tem se submetido.

Seria bom dizer-lhe que o homem da verdade deve ser separado dos Homens da Torrente; que ele teria muito a perder ao misturar-se com eles e, acima de tudo, que aquilo que coloca em risco não lhe pertence, mas ao seu mestre.

Seria bom alertá-lo que não há perigo maior para um homem em sua guarda, entre homens que estão perdidos, do que haveria entre os espíritos maus; porque agora, os homens combinam dois poderes, dos quais abusam à vontade, ao encobrirem um sob o outro, enquanto que o diabo só possui um; além disso, ele não tem forma de si mesmo, e é obrigado a criar uma a cada instante, para servir como receptáculo de seu poder; mas o homem carrega consigo, em todo lugar, uma forma que é, ao mesmo tempo, o receptáculo e o instrumento de seu duplo poder.

Sobre este assunto seria bom dizer-lhe que há muitos espíritos errantes que procuram revestir-se de nós, enquanto estamos quase nus, apesar de nossos corpos, e que o Homem não tem nada para fazer aqui embaixo senão buscar revestir-se com seu primeiro corpo, no qual a Divindade pode habitar.

Seria bom dizer-lhe que a castidade encerra, ao mesmo tempo, a pureza do corpo, a Justiça do espírito, o fervor do coração e a atividade da alma e do amor; pois ela abarca, geralmente, todas as virtudes e é a ausência de qualquer vício.

Seria bom dizer-lhe que as virtudes nós cultivamos e a inteligência nós adquirimos, há tantas lâmpadas que acendemos à nossa volta que se queimam quando dormimos.

Seria bom dizer-lhe que quase todas as criaturas na Natureza são uma espécie de humilhação para o Homem; pois são ativas, vigilantes, ordenadas, e só o Homem é passivo, indiferente, covarde e em alguns aspectos uma monstruosidade.

Seria bom dizer-lhe que, embora Deus governe todas as coisas sensíveis, Ele está tão distante delas que nossa natureza terrestre e nossa parte material não pode compreender como podemos tornar Seu reino conhecido entre os Gentios, já que nossas palavras espirituais são ininteligíveis até mesmo aos nossos próprios sentidos. E que devemos estar completamente renovados e exaltados de nossos sentidos e de todas as coisas figurativas, antes de nos tornarmos as testemunhas espirituais do Verbo, e entramos no Ministério Espiritual do Homem.

Seria bom dizer-lhe que os rios fluem, de seu princípio ao seu destino, sem saberem quando atravessam opulentas cidades, ou pobres aldeias, áridos desertos ou terras férteis embelezadas pela Natureza e pelo esforço do homem; e que, tal deve ser o ardor do Homem de Desejo, que ele deve, de toda maneira, tender ao fim que lhe esperava, sem indagar o que há nas margens de sua rota terrestre.

Seria bom dizer-lhe que quando um Homem de Desejo trabalha em si mesmo, ele realmente trabalha por todos os homens, uma vez que ele se empenha, e desta forma contribui, em mostrar-lhes a imagem e semelhança de Deus na pureza; e conhecer esta imagem e semelhança é tudo o que querem os homens.

Seria bom dizer-lhe que quando os Deístas reconhecem a existência de um Ser Supremo, e ainda assim não permitem que Ele encarregue-se do governo deste mundo, e nem dos homens que nele habitam, pode-se dizer que o erro vem do fato de terem se tornado materiais e selvagens; que, de fato, Deus não se intromete com a matéria e muito menos com os selvagens, mas os tem governado através de Seus poderes; que, desta forma, os Deístas enfraquecem suas almas, que Deus não mais Se aproxima deles para guiá-los, pois Ele não pode se satisfazer com nada além de Sua própria imagem e nem Se preocupa com nada mais, é por isto que afirmam que Deus não se envolve com o governo da humanidade; pois, de fato, no estado de degradação e trevas em que os Deístas permitiram-se afundar, Deus não mais se envolve com eles.

Seria bom dizer-lhe que a prova de que verdadeiros pensamentos não vêm de nós mesmos é que se os criássemos, não mais seríamos dependentes de Deus; que nem mesmo os falsos pensamentos vêm de nós; mas que somos meramente colocados entre os dois para distinguirmos entre suas origens divina e infernal; que os homens não podem comunicar nada entre eles, senão ao tornarem seus pensamentos perceptíveis através das palavras ou sinais equivalentes; como consequência todo pensamento que chega até nós não vem do que é externamente sensível, apesar de sua comunicação e expressão, embora nem sempre os ouvimos materialmente; os bebês são um exemplo disto: não podemos negar que possuem percepção, mas seria em vão tentar exprimir nossos pensamentos a eles através de palavras, sabemos que não ouvirão os sons; numa idade um pouco mais avançada as crianças distinguem os sons, mas não compreendem os significados; por fim, num estado mais perfeito elas tanto escutam os sons como compreendem seus significados, recebendo, assim, a comunicação interna de nossos pensamentos; de fato, agimos diante dos bebês ao invés de falarmos com eles, mas certamente eles não enxergam e nem compreendem; em princípio, eles só se afetam através dos sentidos mais grosseiros, o tato, o cheiro, o sabor; a este incipiente estado e idade segue-se o uso de sinais e da audição; por fim, vem a fala, que, contudo, está sujeita a uma progressão bastante lenta, pois seu início são os gritos, e isto é uma lição para que o Homem se torne humilde.

Seria bom dizer-lhe que os grandes pensamentos que Deus freqüentemente nos envia durante o doloroso curso de nossa expiação, são inúmeras testemunhas que podemos trazer diante Dele quando oramos: e nada lhe dará maior alegria do que aquele pensamento de que devemos fazer uso deles, e lembrá-lo de Suas promessas e consolos.

Seria bom dizer-lhe que assim como Deus estava só quando fez o Homem, da mesma forma, estará só ao instruí-lo e guiá-lo em Suas profundezas divinas.

Seria bom alertá-lo sobre a grande prudência que deveria ter na administração das riquezas divinas que possam ser confiadas a ele pela generosidade Suprema, uma vez que não caminhará muito longe na senda da Verdade antes de sentir que há certas coisas que não podem ser ditas, mesmo ao Espírito, já que são mais elevados do que o Espírito.

Seria bom dizer-lhe que há uma linha e uma ordem de instrução, da qual nunca deve se desviar ao tentar direcionar a compreensão de seus semelhantes, que é a seguinte:

nosso pensamento, um espelho divino;
existência de um Ser superior, provada por este espelho quando está puro e limpo;
nossas privações, provam que há uma Justiça;
esta Justiça prova que tem havido uma corrupção livre e voluntária (alteração);
Amor Supremo, despertar;
leis de geração, dadas sob forma de diferentes pactos (alianças);
tempo de retorno;
vida espiritual;
Luz;
fala (palavra);
união;
entrada em repouso.

Tal deveria ser o curso de ensino, se o professor não enganar, nem adiar ou extraviar suas disciplinas.

Seria bom dizer-lhe que não se faça a ilusão de que pode sempre ter sabedoria em sua memória, ou adquiri-la pelo mero cultivo de sua inteligência; a sabedoria é como o amor materno, que só pode ser sentido após as fadigas da gestação e as dores do parto.

Finalmente, seria bom dizer-lhe que não é suficiente para um homem adquirir a luz da sabedoria; ele deve mantê-la quando alcançá-la, o que é incomparavelmente mais difícil.

A queda.

Quando caímos de uma certa altura, ficamos tão atordoados que perdemos a consciência; é somente no instante do choque, que o agudo sentido da dor toma conta de nós, depois normalmente ficamos sem movimentos e insensíveis. Tal foi a história da alma humana quando pecou: ela perdeu a vista da região gloriosa de onde caiu, e o Homem permaneceu morto, em sua totalidade, e privado do uso de qualquer faculdade de seu ser.

O tratamento.

Mas o processo curativo de tratamento também foi similar à nossa prática humana. Da mesma forma que quando o homem sofre um grave acidente, o médico o sangra profundamente, para prevenir inflamações, assim, após a terrível queda da raça humana, a Sabedoria Divina tirou

do Homem quase que todo o seu sangue, ou seja, sua força e seus poderes; de outra forma, este sangue, não encontrando mais os órgãos em condição de cooperar em sua ação, os teria destruído completamente.

É certo que esta precaução indispensável por parte do médico, pode reduzir a vida futura do paciente, que talvez pudesse ter sido maior. Pela mesma razão, Deus tem encurtado nossos dias, como encurta a duração do Mundo, em favor daqueles chamados de eleitos, sem os quais nenhum homem poderia ser salvo.

Conforme o regime médico, líquidos espirituais também são ministrados para nos reviver; após isto, unguentos curativos são aplicados; e, finalmente, alimento substancial nos é permitido para restaurar nossas forças.

Quando, na branda efusão do Amor Supremo, os primeiros tratamentos foram aplicados à alma humana, ela recuperou seu movimento, o que a possibilitou progredir no caminho da instrução através do movimento que rege o universo; pois estes dois movimentos deveriam ser coordenados. Nós, de fato, buscamos, a cada dia, sintonizar nossos pensamentos com tudo o que se move no universo; este foi um favor especial à alma humana, que proporcionou meios para que pudesse contemplar a verdade nas imagens do mundo, depois de ser banida da realidade.

A alma se tornou sujeita ao universo físico sua primeira lei segue a este fato.

A alma humana sabia, em sua glória, que não deveria ter nenhum outro Deus senão o próprio Deus; e embora ela não pudesse conhecer a plenitude de sua glória até que completasse sua obra, ainda assim, por menos que tenha provado das maravilhas e bondade divina, sabia perfeitamente bem que nada mais se comparava a elas.

No entanto, esta alma sujeita a ser infectada pelo poder de um princípio inferior, a saber, este mundo físico universal, onde o sol e as estrelas exercem tão majestoso movimento, se tornou corporeamente sujeita aos seus preceitos. Mas, embora ela tenha caído sob esta regra inferior, que foi parte de sua degradação, a Fonte que produziu a alma humana não permitiu, de forma alguma, perdê-la de vista, transmitindo-lhe, nesta nova ordem das coisas, o preceito fundamental de sua primeira lei: "Não terás outros deuses diante de mim".

O Sol, um símbolo físico da Divindade.

O sol, no mundo físico, é um órgão material daquela revelação sublime, que foi muito anterior aos livros; o sol professou esta revelação no princípio do mundo, e não irá cessar de professá-la, diante de todos os povos, até a consumação de todas as coisas.

É na ausência do sol, durante a noite, que as estrelas se tornam visíveis; é então que o reino daqueles deuses dos Gentios se manifestam; neste período, apesar do brilho das estrelas, a Terra está nas trevas, as flores perdem sua fragrância, a vegetação está protelada, os gritos fúnebres dos animais e dos pássaros da noite são ouvidos, os crimes e os vícios dos mau feitores são propícios, os planos iníquos e os feitos da fraqueza são perpetuados; em resumo, prevalecem aquelas regiões turbulentas onde todas as pessoas da Terra têm oferecido sacrifícios, primeiro por mero engano; mas que, rapidamente, se torna uma abominável fraqueza através das infeções do príncipe das trevas, como veremos daqui a pouco.

Mas, com a aproximação do dia, as estrelas tornam-se opacas, e desaparecem totalmente quando o dia se rompe em sua plenitude; o sol, provocando com sua presença, o desaparecimento da inútil multiplicidade destes falsos deuses, parece dizer ao universo, como foi dito a alma humana, quando emanou de sua fonte gloriosa: "Não terás outros Deuses diante de mim".

A alma humana esqueceu sua lei, quando, de seu estado de esplendor, desencaminhou-se por causa de uma falsa atração; mas esta lei, que não pode ser abolida, a segue até mesmo no abismo terrestre; pois o Princípio de todas as coisas nada pode produzir sem imprimir sua linguagem divina.

A idolatria do Sol.

A idolatria do fogo vem de uma fonte mais remota; ela só poderia ter sido engendrada como uma consequência dos direitos primitivos do Homem, por alguns mortais terem conhecido conscientemente a origem do fogo (que não é um mero raio), pois é uma verdade fundamental que todas as coisas devem revelar-se a si mesmas; e não há nada feito no universo que não prove isto.

O motivo para as calamidades naturais.

Quando o Amor Supremo te viu perder-te ainda mais, através de inúmeros meios providenciados para possibilitar que encontrastes novamente o teu caminho; quando Ele te viu agravar tuas feridas com os objetos perceptíveis que Ele dispôs diante de teus olhos para aliviar tuas dores, Ele não poderia ajudar novamente senão proclamando este importante mandamento em teus ouvidos: "Não terás outros Deuses diante de mim", usando meios ainda mais potentes que antes.

Como o espetáculo da Natureza em sua harmonia produziu em ti não mais que um efeito contrário ao pretendido por Ele, então foi permitido que os poderes da Natureza atuassem sobre ti em desarmonia, para tentar te trazer, através da turbulência e do sofrimento, para onde tua inteligência não foi o suficiente para te manter; e esta é a chave para todas aquelas calamidades relatadas na história de cada nação da Terra.

Assim uma mãe age com relação a seu filho, um professor com relação a seu aluno, deixando-os sentir por algum tempo as consequências de suas fraquezas ou leviandades, para que possam aprender a serem mais cuidadosos no futuro.

Comunicações Espirituais Diretas, os mandamentos divinos.

Mas quando estas punições não ocorrem, quando o perigo é ainda mais insistente, e aquele que é negligente, ao invés de sair do perigo, afunda-se cada vez mais, a ponto de arriscar a perder sua própria vida, então o professor, ou a mãe, vai pessoalmente, com autoridade, reforçar os importantes preceitos que havia apontado antes, afim de produzir pelo respeito, o que a bondade falhou em efetuar; esta é uma explicação positiva e natural de todas aquelas manifestações divinas e espirituais, das quais a história religiosa do Homem escrita ou não está repleta.

Sim, Oh, alma humana! este foi seguramente o caminho do Amor Supremo em direção a ti, quando viu que as grandes calamidades da natureza, que teu descuido havia provocado, não te tornaram mais sábia. Ele veio até a ti com afeições alteradas e assumindo um tom assustador, te lembrou daqueles antigos mandamentos ou regulamentos, onde tua própria origem e o convênio divino estavam baseados; regulamentos que Ele anunciou diante de ti quando lhe deu existência; regulamentos que Ele fez com que a Natureza proclamasse mais uma vez quando te sujeitastes a seus preceitos figurativos; regulamentos que podem, a qualquer momento, ressonar no mais íntimo de teu ser, pois tu ainda és, desde tua origem, o órgão da divina Fonte Eterna, e aquilo que o Eterno pronunciou uma vez, nunca pode deixar de ser pronunciado por toda a eternidade.

As tradições de todas as nações oferecem traços deste visível procedimento do Amor Supremo em nós; desde o princípio, Seu caminho tem sido o mesmo, tanto para com as nações como para os indivíduos, todos os dias, movendo-se através de movimentos secretos violentos, para despertá-los de sua letargia, e tirá-los dos perigos aos quais a insensatez os tem exposto; em resumo, foi neste e por este espírito que Moisés representa a voz do Supremo, anunciando em meio a relâmpagos e trovões, aos Hebreus, este imperativo e exclusivo mandamento divino, que as nações têm se esquecido tanto: "Não terás outros Deuses diante de mim".

Todas as coisas devem fazer sua própria revelação.

Independentemente de inúmeras outras lições instrutivas que a Natureza está encarregada, pelo Amor Supremo, a transmitir diária e fisicamente à alma humana, estamos intimamente convencidos de que todas as coisas devem provocar sua própria revelação, por nenhuma outra razão senão a de ter uma denominação entre os homens. Assim, as práticas religiosas tão universais entre os homens não permitem que nenhuma dúvida permaneça de que um caminho foi aberto pelo Amor Supremo através delas, para a cura da alma humana; embora estas águas curativas tenham se tornado tão sufocadas pelos danos, a ponto de dificilmente serem reconhecidas.

Todas as instituições humanas derivam de um modelo superior: o poder do Homem.

Estando completamente convencido da rigorosa verdade de que todas as coisas devem revelar-se a si mesma sem o que nunca poderia ser conhecida, repetida ou comunicada, é preciso perceber que não há nada, nem mesmo nas políticas humanas e instituições civis, que não seja um modelo que se encontre independente e acima de nós. Se não houvesse legiões acima de nós, nenhuma diferença com relação aos níveis de superioridade, chefes e governos, nas alturas, não teríamos nenhuma destas instituições aqui embaixo. O próprio homem, neste plano, caminha sob os olhos e proteção dos poderes invisíveis, a quem ele deve todas as coisas, embora raramente procura conhecê-los; mesmo quando o homem fica intoxicado com seu próprio poder, isto mostra que ele deve realmente ter poder; ele deve ter um império, além de servos sinceros e obedientes.

Quando um superior, por exemplo, ou um general, se vê rodeado por seu exército, faz a revista e sente uma secreta satisfação e glória de ter à sua frente tantos soldados fortemente equipados e devotados as suas ordens; quando ele parece dizer a todos os espectadores: "Estas

forças que comando não só dependem de mim, mas foram criadas para mim, e a mim devem tudo o que tem", ele meramente repete, numa ordem aparentemente convencional, que o Homem primitivo deve ter sido real, positivo e permanente.

A autoridade primitiva do Homem; no que consiste sua glória.

Este Homem primitivo teria tido também legiões, sobre as quais teria tido autoridade absoluta, comunicando a elas o seu espírito, como um general, por assim dizer, transmite sua vontade a milhares de homens sob seu comando, tornando-os um consigo mesmo, e tirando deles, de certa forma, suas próprias vontades, para dar-lhes somente a sua; de outra forma, seu controle sobre os soldados seria impossível e inexplicável.

Este Homem primitivo teria, igualmente, contemplado a si mesmo em sua legião, e assim teria obtido a verdadeira glória, porque poderia valer por algo que possuía, a beleza de seus exércitos, sua coragem ao defender a causa da justiça, ou seja, todas as maravilhas que poderia, de fato, fazer brotar de si mesmo e florescer em todos os seus subordinados à vontade. Ao invés disto, neste plano, suas legiões aparecem diante dele já vestida, armada e treinada; aqui, não é sempre ele próprio quem semeia aquilo que colhe, já que a maioria nunca tenha visto, e nem ao menos saiba o seu nome; uma espécie de conhecimento deveria ter constituído a verdadeira força do Homem primitivo, assim como venerar suas cortes.

Ora, o que dizemos aqui a respeito da ordem militar, pode ser dito de todas as nossas outras instituições, políticas e sociais; poderíamos dizer também em relação à Natureza, pois o Homem poderia ter cooperado com toda região e com todos os poderes, em cada ordem, para produzir aquelas imagens maravilhosas, aqueles sinais arrebatadores, que teriam enchido seus olhos, por todos os lugares, e preenchido seu coração com uma glória meritória e justamente adquirida, enquanto que, sem seu presente e limitado estado, o homem freqüentemente vale muito pouco em tudo aquilo que está a sua volta, e em tudo o que ele escala.

Mas se é do alto que o homem recebeu e ainda recebe tudo de melhor para o governo de seus semelhantes, quanto mais ele decifrar as alturas, mais boas coisas irá descobrir para seu próprio benefício, e da natureza humana; já que é das alturas que vem o processo de cura, enviado pelo Amor Supremo para a sua recuperação.

"Mysterium Magnum", de Jacob Boehme: A respeito de uma membrana religiosa aberta ao homem pelo Amor Supremo, convido o leitor a extrair, se puder, algo apropriado da obra de Jacob Boehme, Mysterium Magnum, o "Grande Mistério".

O leitor encontrará ali numerosas ramificações da árvore do convênio que o Amor Supremo tem renovado com o Homem desde a sua degradação. Verá ali a seiva desta árvore, manifestando-se, antes de tudo nas raízes, e então desenvolvendo-se nos diferentes brotos, na medida em que crescem e, finalmente, nas flores e frutos da árvore, desenvolvendo todas as propriedades contidas em seus gérmenes, e trazendo-as à luz através de seus canais. Verá ali a verdadeira linhagem sob o manto daquela que é simbólica e, mesmo assim, uma só seiva corre através destas duas linhagens, simultaneamente e de forma distinguível, apesar das diversidades de características que possuem; assim, há uma harmonia entre todas as épocas que ela abarca em seu curso. Mas, o leitor verá também, uma seiva contrária, circulando da mesma forma pela terra, desde o momento em que fomos aprisionados nela e apresentamos, desde aquela primeira época, até os dias atuais, um santuário de abominações, ao lado do santuário da santidade. As descrições que encontrará neste autor, irão instruí-lo completamente, sobre o curso daquelas diferentes

instituições religiosas que se espalharam pela terra; e fico satisfeito ao indicar tal obra, senão deveria transcrevê-la ou traduzi-la quase que inteiramente.

Instituições Religiosas: Sacrifícios.

Entre as instituições religiosas de modo geral, já estabelecidas sobre a terra, mas das quais nós quase perdemos os traços, o sacrifício de animais e outras produções da natureza tem um lugar proeminente, e merece ser considerado de forma detalhada, visto que nenhuma tradição ou observação nos tem oferecido qualquer coisa satisfatória, e mesmo Boehme é incompleto, embora tenha levantado alguns aspectos muito interessante sobre este ponto.

Não, não se pode negar, os sacrifícios são praticados de um modo geral, por todo o globo; eles devem, apesar do abuso, e talvez mesmo através deste abuso, ser colocados entre os nossos privilégios, e incluídos entre os auxílios concedidos a nós desde a Queda, pela Sabedoria Divina, para a renovação, tanto quanto possível, de nosso pacto divino; e, como tal, eles chegam com o consentimento do Homem Espírito.

Homem, um Rei subjogado pelos seus próprios súditos; a escravidão da natureza animal, como meio de sua recuperação. O Espírito de sacrifício.

Apesar dos esforços incessantes da falsa filosofia para extinguir a sublime natureza do homem, é tarde demais para questionar se ele nasce ou não para um grande destino; e o inestimável valor dos presentes que o homem ainda pode descobrir em si, mesmo em sua miséria, é uma indicação daquilo que pode formalmente ter possuído na liberdade e abundância.

Não devemos temer o erro, se considerarmos o Homem, no seio do Universo, como um Rei culpado, sujeito ao poder de seus próprios súditos, os quais ele próprio levou a desordem e anarquia, através da injustiça de seu governo; mas acima deste mar agitado, podemos discernir a eterna razão das coisas, tendendo através do imutável peso de sua sabedoria, fazer com que todas as nossas faculdades desarmonizadas recuperem sua calma e equilíbrio.

Talvez, possamos até mesmo reconhecer que, em seu estado primitivo, antes da Queda, o homem possa ter tido também um ministério de sacrifício a completar; não expiatório, pois ele era puro, mas sacrifícios de glória a seu Princípio; não sacrifícios sangrentos, mas sacrifícios de admirações divinas que estão encerradas em todas as criaturas e as quais o homem teria tido o poder de desenvolver diante de Deus, que o incumbiu deste ministério; é o Homem sendo, por assim dizer, estabelecido no centro da criação universal.

Mas enquanto estamos ocupados com os sacrifícios em uso sobre a Terra e seu significado particular, seja físico ou espiritual, veremos o Homem fortemente preso ao sangue, que parece ser o órgão e um recurso, ou domicílio, de todos os seus inimigos aqui embaixo, o sepulcro da escravidão, no qual este Rei idolatro está sepultado vivo por ter tentado contrapor os decretos da Providência, e cultivado deuses estranhos.

A lei que condena o homem à escravidão tem por objetivo mantê-lo em privação, para que esta privação o leve ao arrependimento e, do arrependimento à confissão de suas faltas; esta confissão pode colocá-lo no caminho que leva ao perdão; e, como o zeloso cuidado da Sabedoria Suprema, com este infeliz exílio, é incansável, ela o provê de meios para curar os males a que esta exposto diariamente pelas mãos de seus inimigos, e para preservá-lo de seus ataques;

finalmente, ela o provê de meios de consolo em meio à sua miséria; e iremos nos esforçar aqui para mostrar que este foi o espírito da instituição dos sacrifícios, por mais absurda ou impiedosa que aquelas cerimônias possam ter se tornado ao passarem pelas mãos dos homens, e ao caírem sob o controle do mesmo inimigo que pretendiam expulsar.

Unidades de ação no Universo e na Natureza.

Uma positiva e bem conhecida lei, que retrato aqui aos amigos da sabedoria, como uma das mais úteis luzes em sua senda, é que, apesar das inumeráveis diversidades das criaturas e classes que compõem o universo, há certas unidades de ação que abarcam todas as classes, e agem sobre os indivíduos destas classes, por uma analogia natural.

É por isso que, em todas as produções da natureza, há gêneros, espécies, famílias, todas carregando a marca desta unidade de ação, cada uma de acordo com sua classe.

Os poderes e faculdades de nossas mentes, apresentam a mesma lei, mostrando uma espécie de uniformidade nos movimentos dos pensamentos dos homens, e reduzindo todo os seus sistemas a um número limitado de teoremas e axiomas, e todas as suas instituições a fórmulas fundamentais, que dificilmente variam uma das outras. A arte medicinal, a moral, a política, assembléias científicas e deliberativas, coisas pertencentes à ordem religiosa, e, se posso assim dizer, até mesmo as coisas pertencentes à ordem infernal, tudo testemunha a favor deste princípio.

Através desta lei de unidade de ação, a mesma ação física que rege o sangue do homem, rege também o sangue dos animais, pois os corpos de ambos são da mesma ordem.

Mas, se a mesma ação física governa o sangue dos homens e dos animais, esta ação está, sem dúvida, exposta as contradições e desordens a que os dois estão sujeitos; e esta lei física, embora não esteja baseada na liberdade, como estão as leis morais, pode contudo sofrer desordens, pelos obstáculos e oposições que envolvem e ameaçam tudo o que existe na Natureza.

Se estes diferentes indivíduos, homens e animais, estão sujeitos as mesmas leis, dentro das desordens a que estão expostos, por outro lado, eles também participam nas perfeições da unidade da ação regular que os governa; e, se a desordem é comum a ambos, a restauração deve ser também, assim tanto o espírito como o uso de sacrifícios podem ser compreendidos; mas isto não seria suficiente, se não pudéssemos descobrir, como estes sacrifícios operam neles próprio, e como seus resultados podem afetar o homem.

A operação espiritual e a causa dos sacrifícios.

A lei hebraica nos diz que há animais puros e impuros. Jacob Boehme nos dá um motivo real para isto, com as duas tinturas, que se encontravam em harmonia antes do crime e que foram subdivididas com a grande alteração. A Natureza não se opõe a isto, uma vez que reconhecemos uma distinção entre os animais, alguns sendo úteis, outros nocivos. Desta forma, até mesmo num mero sentido físico, o significado das Escrituras pode ser confirmado.

Mas e se isto tivesse um significado espiritual? Na verdade, a matéria possui uma vida unicamente de dependência e sua existência, virtudes e propriedades só existem através das diferentes ações ou influências espirituais, pelas quais são engendradas, combinadas, constituídas e caracterizadas; a matéria é, além do mais, o contínuo receptáculo dos poderes opostos à ordem,

que só tendem à estampar a marca da irregularidade e da confusão em todo lugar; por este motivo, não é de se surpreender que esta matéria apresente todo tipo e atuações destas ações ou influências diversas e opostas, das quais vemos melancólicas evidências em nós mesmos.

Assim, quando o homem caiu sob o domínio de algumas influências desordenadas, o animal puro representou um meio de livrá-lo destas influências; a ação desordenada seria atraída pelo fundamento que ele representa e sobre o qual deve ter certos direitos e poderes.

Mas para esta atração não prolongar as conseqüências e efeitos das influências desordenadas, é necessário, em primeiro lugar, que o sangue do animal seja derramado; depois este animal, embora limpo pela Natureza, deve receber algumas influências preservativas extras, pois é composto de elementos mistos e exposto a influências desorganizadoras do inimigo, como tudo o mais que seja matéria. Ora a ação preservativa, neste caso, era representada, entre os Hebreus, pela imposição das mãos do sacerdote, sobre a cabeça da vítima, o sacerdote representa o Homem restabelecido em seus direitos primitivos; e tal é o espírito destas duas leis.

Pelo derramamento do sangue do animal, a ação desordenada unida a matéria do homem, é mais fortemente atraída para fora do que pela simples presença corpórea do animal, porque, quanto mais perto chegarmos do princípio, mais energética e eficaz são todas as suas relações, em qualquer ordem que seja.

Pela preparação sacerdotal, ou da preparação do Homem, que desfruta da virtualidade de seus direitos, este sangue, e esta vítima, são colocados além do alcance desta ação desordenada; que assim abandona a matéria do homem, sugada pela atração do sangue animal; mas sendo repelida pela poderosa virtude que o sacerdote comunicou ao sangue, ela é forçada a banir a si mesma, para ser mergulhada nas regiões da desordem, de onde veio.

Ao que me parece, isto dá uma visão geral do espírito da instituição dos sacrifícios. Esta visão sobre o assunto pode nos ajudar a descobrir o espírito particular que ordenou os detalhes de todos os sacrifícios hebreus; aqueles, por exemplo, para o pecado e expiação; aqueles chamados oferendas de paz; e até mesmo aqueles da redenção ou reconciliação e da união do homem com Deus, confirmada pelos visíveis sinais de sua aliança.

Sacrifício para o pecado.

Esta simples lei da transposição, da qual temos falado, é suficiente para nos dar uma idéia do espírito de sacrifício para o pecado, banir a profanação para as regiões da desordem e sobre o inimigo que a causou.

Oferenda de paz.

O objetivo do sacrifício para paz, seria o de dar forças ao homem para resistir a este inimigo e até mesmo prevenir seus ataques. A preparação da vítima, pela imposição das mãos do sacerdote, torna isto inteligível, já que coloca um sangue puro que está em conjunção com influências regulares, em proximidade de um sangue cercado por influências destrutivas e maleficiente e é ainda assim capaz de recuperar a calma e o repouso.

Um grande número de detalhes sobre cerimônia de sacrifícios justificam nossa confiança nestas conjecturas. O sangue vertido ao redor do altar e consagrado aos quatro cantos, os combatentes do sangue, o consumir da vítima etc., tudo se refere estritamente a um trabalho de paz e preservação.

Os sacrifícios perpétuos e aqueles de consagração.

As Leis dos sacrifícios perpétuos, e daqueles ordenados para a consagração dos sacerdotes (cujo objetivo espiritual era unir o pontífice a Deus) nos levarão a seu próprio significado; este tipo de sacrifício não foi instituído a todos os homens, mas somente àqueles chamados por Deus, através de uma eleição particular, a seu serviço.

Tais homens, preparados, exatamente através da eleição de cada um, estavam em conexão com as mais altas virtudes, que, abarcando todas as coisas, estão sempre unidas àquelas ações regulares que cuidam de afastar nosso sangue da desordem. A vítima imolada, após estas preparações, apresenta um sangue onde estas influências desenvolve seus poderes, e permitem que as altas virtudes, por sua vez, também se desenvolvam, pois tudo o que é harmonioso participa mais ou menos das propriedades do pacto divino, mesmo que se encontre entre os animais.

Não é de se surpreender, então, que estas mesmas altas virtudes devam agir sobre o homem escolhido, e produzam para ele todas aquelas manifestações perceptíveis tão necessárias para direcioná-lo em suas trevas; o homem só pode receber as evidências da verdade através de um intermediário.

Tudo isto ocorreu com Abraão, quando sacrificou os animais divididos em dois; com Araão, nos oito dias de sua consagração; com Davi, na eira de Ornan; o que ocorreu no templo, após os sacrifícios dos altos sacerdotes, o que indica, de forma clara, o objetivo e o poder que realmente possuíam os sacrifícios sagrados, quando executados pelos eleitos do Senhor, que exerciam, de uma forma adequada à época, o Ministério espiritual do Homem.

Destas poucas observações sobre os sacrifícios de sangue em geral, segue-se que seu objetivo era o de desenvolver certas influências puras e regulares (ações) que unidas ao homem poderiam auxiliá-lo a elevar-se de seu abismo, às regiões de ordem e regularidade.

As causas e operações das excomunhões e exterminações.

Numa direção oposta, mas tendendo ao mesmo fim, a interdição ou excomunhão operada é mencionada no último capítulo dos Levitas. O que foi consignado por este tipo de consagração, à justiça do Senhor, era, aparentemente, o domicílio do mais irregular e abominável e portanto o que havia de mais fatal aos escolhidos. Assim, todos aqueles sujeitos à excomunhão haviam de ser exterminados, a fim de que a ação ou influência irregular que estavam neles, não encontrando mais apoio, fosse obrigada a partir e a se tornar incapaz de injuriar as pessoas.

Temos aqui a oportunidade de não apontar erro na punição de Achan, na execução de Agag por Samuel e na rejeição de Saul que desejou salvar este rei impiedoso e condenado; e até mesmo em todos os massacres autorizados de cidades inteiras com seus habitantes, relatados nas Escrituras, tão revoltante para aqueles que não estão preparados, ou estão pouco familiarizados com as verdades profundas, e especialmente para aqueles cujo o corpo material é tudo enquanto Deus só pertence as almas.

Por que o inocente cai com o culpado; a exterminação de animais.

Esta classe de pessoas, a que nos referimos anteriormente, está longe de suspeitar do grande segredo, comentado no "O Espírito das Coisas", através do qual a Divindade permite,

freqüentemente, que o inocente caia com o culpado nas pragas ou catástrofes da Natureza, para que possam, pela pureza que possuem, se preservarem de uma corrupção maior, assim como cobrimos com sal as carnes que preservamos e que de outra forma putrefariam.

Em resumo, é com este intento, de remover os princípios fundamentais do veneno, que encontramos a razão pela qual, na conquista da terra Prometida, os judeus eram tão freqüentemente ordenados a exterminar, mesmo entre os animais, porque, neste caso, a morte de animais infectados com as influências impuras daquelas nações, preservavam os escolhidos dos venenos; enquanto que, nos sacrifícios, a morte de animais puros atraíam influências preservadoras e salutares.

A destruição rápida daquelas nações teria exposto as crianças de Israel às influências impuras daquelas bestas da Terra, pois tais nações eram seus receptáculos e bases de ação; é por isso que Moisés disse ao povo: "Iahweh, teu Deus, pouco a pouco irá expulsando estas nações da tua frente; não poderás exterminá-las rapidamente: as feras do campo se multiplicariam contra ti." (Dt. VII,22).

O sangue dos animais puros, a morada das boas influências na escravidão.

Isto não significa que as virtudes puras e regulares estejam encerradas e sepultadas no sangue dos animais como pensam alguns, entre eles os Hindus que acreditam que todos os tipos de espíritos habitam e se sustentam ali; isto leva a crer simplesmente que aquelas influências puras e regulares estão ligadas a certas classes e elementos distintos entre os animais, e que, ao romper as bases nas quais estão fixadas, elas podem se tornar úteis ao homem; é neste sentido que devemos ler a passagem: "É o sangue que faz expiação pela vida" (Lev.XVII.11); pois não devemos confundir a alma humana e, portanto, a alma dos animais, com as ações regulares externas que as governam.

Desta espécie de escravidão ou confinamento, onde se encontra este tipo de ação ou influência, surge uma outra conseqüência, justificada anteriormente pelo doloroso estado ou espécie de reprovação em que se encontra o homem e que o denuncia como um criminoso. Esta conseqüência é que se o homem exige que todas estas ações sejam liberadas, antes que possa dar início a recuperação de sua própria liberdade, se, em resumo, ele é colocada em operação, ele deve ter sido também o objetivo de algo que as subjugou, durante a revolução.

O Homem causou a escravidão destas virtudes ou influências.

O conhecimento que o leitor terá adquirido, a esta altura, irá fazer com que isto pareça um tanto natural. Se o consideramos como um Rei; se teve sua origem exatamente na Fonte de Luz; se o reconhecemos como tendo sido feito à imagem e semelhança da Divindade e sua finalidade era ser o seu representante no universo, ele deve ter sido superior a todas estas ações que agora são empregadas na preservação da Natureza.

Ora, se estas ações diversas procuram o homem para mantê-las em sua ordem e em seu emprego primitivo, ou seja, se ele deve ter desenvolvido e manifestado nelas as maravilhas divinas das quais eram depositárias e as quais deveriam servir como sacrifícios de glória, fica claro que, quando o homem se perdeu, sua queda deve ter colocado estas ações e poderes num

estado de sujeição e violência, para o qual não foram feitos e que representa para eles uma espécie de morte.

Assim, vemos nas tradições hebraicas, os judeus como sendo, por assim dizer, os primogênitos de um povo; as prevaricações do faraó e a dureza de coração induziu a Justiça a atingir não só a ele, mas a todos os primogênitos de seu reino, dos animais aos homens; do filho do escravo ao filho daquele que sentou no trono.

A oferta do primogênito.

Após esta terrível vingança, aplicada sobre o Egito, verificamos os hebreus ordenados a consagrar todos os seus primogênitos à Deus, desde o primogênito do homem até aquele dos animais. Esta coincidência é mais uma indicação do que já adiantamos a respeito do objetivo e espírito dos sacrifícios; pois a consagração do sacerdote, que parece reunir em si o significado de todas as outras consagrações, não foi feita sem o sacrifício de um carneiro.

Se seguirmos estas comparações, verificaremos que, através do crime do homem, todos os primogênitos, todos os princípios produzidos de cada espécie, foram mergulhados com ele em seu abismo; mas que através do amor perfeito da Sabedoria Suprema, o Homem recebe o poder de restaurá-los sucessivamente às suas posições e depois deles os seus semelhantes, por sua vez; e fazer com que as almas desfrutem os seus sabath, assim como teve o poder de fazer a natureza desfrutar dos seus.

Veremos, em resumo, que os sacrifícios de sangue tendiam a dois objetivos, seja para restaurar a liberdade original a todas as ações puras e regulares, cujo pecado atacou nas diferentes classes de animais e coisas criadas, seja para permitir que tragam alívio ao homem e o liberte da servidão onde definha.

O Êxodo, a dualidade fundamentada na natureza do Homem.

No exemplo que acabamos de dar, devemos sempre considerar que seu objetivo era o Homem, e que sua dualidade se aplica as duas nações distintas, a Egípcia e a Hebraica, uma representa o Homem em sua queda e estado de reprovação, e a outra sob sua lei de libertação e retorno em direção ao posto sublime do qual descende.

Nós, contudo, não tomamos as leis e os costumes hebraicos como base e fundamento sobre o qual repousa esta teoria.

Ela repousa, em primeiro lugar, na natureza do Homem, na forma em que ele estava, em sua origem, e como ele está no momento, ou seja, em nossa grandeza e em nossa miséria; e quando, mais tarde, esta teoria encontra sobre a terra testemunhos que a sustente e a confirme ela se utiliza deles, não como provas, mas como confirmações.

Portanto, não precisamos nos referir aos escritos sagrados para descobrir a época em que os sacrifícios tiveram origem. Os sacrifícios de glória datam de uma época anterior à queda do homem: assim como os sacrifícios de sangue e expiação tiveram início tão logo o homem começou a ver o caminho da libertação diante de si, e isto ocorreu quando ele teve a permissão de vir habitar a Terra; já que sendo, previamente, tragado como uma criança num abismo, não teria matéria alguma à sua disposição para sacrificar, não tendo o uso de suas faculdades.

As relações do Homem (conformidades) com a Natureza e os Animais.

O destino primitivo do Homem era estar conectado com toda a Natureza, até que a obra a qual tinha que realizar, se tivesse mantido seu posto, estivesse acabada. Apesar de sua queda, ele ainda se encontrava conectado com esta Natureza da qual não podia sair e cujo peso opressivo era ainda maior, pelo domínio que o homem permitiu que seu inimigo adquirisse sobre ela e sobre ele próprio. Assim, a conexão do homem com a Natureza não era outra senão o sofrimento, e seu ser propriamente dito estava identificado com o poder das trevas. Aos poucos, quando o caminho de volta lhe foi aberto, estes meios salutares (sacrifícios) podiam operar somente através do órgão ou canal que é a natureza, lugar onde o Homem estava sepultado ao invés de ser seu comandante. Desta forma, as relações (conformidades) que o homem tem com os animais não terá fim até que a Natureza tenha completado seu curso; contudo, estas relações variam em suas características, de acordo com as diferentes épocas em que o homem está situado. Em seu tempo de glória, ele reinava como um soberano sobre os animais; e se supomos que haviam sacrifícios naquela época, seu objetivo não podia ser a restauração do Homem, já que não era culpado.

Quando caiu, o Homem se tornou a vítima destes animais e de toda a Natureza. Na ocasião de sua libertação, ele foi capaz e teve a permissão de empregar tais animais para o seu desenvolvimento: isto não pode ser duvidado, depois de tudo o que foi dito. Ora, sendo estes fundamentos apoiados em bases firmes, nada mais satisfatório do que encontrá-los plenamente confirmados nos escritos sagrados.

O significado espiritual e correspondência dos Sacrifícios Mosaicos.

O primeiro Homem, em seu estado de glória, é apresentado nas Escrituras como sendo investido com total autoridade sobre a Natureza, particularmente sobre os animais, já que lhe foi concedido o poder de aplicar a eles seus nomes essenciais e constituintes; com a queda a Terra foi amaldiçoada, e animosidade se colocou entre a mulher e a serpente; contudo dificilmente vemos o homem sendo enviado para cultivar a terra, antes encontramos o uso dos sacrifícios de animais em sua família, uma forte indicação de que ele próprio os praticou, e que transmitiu esta prática a seus filhos que a espalharam por toda a Terra.

É fácil verificar o quão vantajosa esta instituição tão salutar em seu princípio e em seus objetivos, teria sido para o Homem se ele a tivesse observado em seu verdadeiro espírito; basta olharmos os sacrifícios restaurados na época de Moisés, para reconhecer que, se o povo os tivessem observado sinceramente, nunca teria sido abandonado, ao contrário lhe teria sido oferecido todas as boas coisas que era capaz de receber, uma vez que a luz e o poder divino os teria envolvido constantemente.

A primeira coisa a se notar, nas regras relacionadas a estes sacrifícios, é que eram, de longe, mais numerosas e importantes na ocasião dos três grandes festivais Hebraicos: a Páscoa, a Festa das Semanas, e a Festa dos Tabernáculos.

Estas três épocas solenes, tão instrutivas pelos fatos que relembram, os períodos fixos em que ocorriam, e a conexão que possuíam com a história espiritual e a regeneração do homem, mostra claramente como eram importantes os sacrifícios então praticados, uma vez que é natural supor que aconteciam para o desenvolvimento daqueles grandes objetivos.

A melhor coisa para se verificar a conexão destes três principais festivais com a história espiritual da regeneração do Homem é olhar continuamente a nossa própria natureza, e observar que, como somos caracterizados espiritualmente por três reinos ou eminentes faculdades constituintes, que requerem o máximo de desenvolvimento em cada um dos três planos, terrestre, espiritual e divino, através das quais passamos, é certo que todos os meios e leis que cooperem com nossa regeneração, deva seguir um curso correspondente a este número, e análogo ao tipo de assistência que solicitamos, de acordo com nossos estados de desenvolvimento e o trabalho de suas respectivas épocas.

Digressão sobre os números.

A fim de que a palavra número não alarme o leitor, irei parar por um instante para mostrar-lhe que os números, embora fixos na ordem natural, não são nada, e só servem para expressar as propriedades das coisas, da mesma forma que em nossas línguas, as palavras só servem para expressar idéias, e não possuem, essencialmente, valor algum.

Contudo alguns pensaram que como os números expressavam as propriedades das coisas, eles realmente continham em si estas propriedades: esta tem sido a causa de tantas ilusões e descrédito com relação à ciência dos números, na qual, assim como em milhares de outros exemplos, a forma tem tragado a substância; enquanto que os números não podem mais ter valor ou existência, sem as propriedades que representam, assim como uma palavra não vale nada sem a idéia da qual é o símbolo.

Mas, há aqui uma diferença, a saber, que nossas idéias, sendo variáveis, as palavras que empregamos para expressá-las também podem variar; enquanto que, sendo fixas as propriedades das coisas, os números ou os algarismos que as representam não pode ser suscetível a mudanças.

Os matemáticos, embora longe do reconhecimento e emprego destes números fixos, dão uma idéia deles através dos números arbitrários ou livres de que fazem uso; pois eles aplicam, continuamente, estes números arbitrários à valores especulativos e quando os números são desta forma aplicados, nada mais são do que seus próprios representantes e símbolos, se separados não são nada, e os matemáticos puro, separados de qualquer aplicação, nada mais são do que uma invenção de si próprios.

A Natureza nada sabe deste tipo de matemáticos. A Natureza é a contínua união de leis geométricas, com fixos, embora desconhecidos, números. O Homem pode, em sua mente, considerar estas leis de forma independente de seus números fixos; mas a Natureza é a execução efetiva destas leis e não conhece abstração alguma.

Ora, os matemáticos se preocupam somente com os movimentos externos e com as dimensões das coisas, e não com suas propriedades internas, é certo que eles não precisam se preocupar com os números fixos, que são unicamente os símbolos destas propriedades. E, de fato, eles só tem haver com as dimensões visíveis das coisas, ou no máximo, com seu peso aproximado, velocidade e atração; fica claro que, para cumprir seus objetivos, a numeração ordinária é suficiente.

O que acabo de dizer sobre os números basta para acabar com o preconceito que geralmente resulta desta ordem de conhecimento, agora retorno ao nosso assunto, o sacrifício.

O Êxodo, uma correspondência da regeneração do Homem.

O primeiro passo de nossa regeneração é a nossa evocação fora da terra do esquecimento, do reino das trevas e da morte. Este primeiro passo é tão indispensável, que depois dele podemos caminhar na estrada da vida, já que ele é como um grão que deve primeiramente fermentar na terra, para depois seguir seu curso de vegetação e de produção de frutos. Da mesma forma, vemos que a regeneração do povo Hebreu teve início com o poderoso trabalho que o trouxe fora do Egito, e o colocou no caminho da terra prometida. O mais notável é que, a própria época traz seu tributo de correspondência a esta obra maravilhosa, já que ocorreu no primeiro mês do ano santo hebraico, que tem início na primavera, o que expressou, temporariamente, a passagem em que a Natureza sai do langor e da morte do inverno, para a vida e a fertilidade.

É verdade que os Hebreus, naquela época, não ofereceram sacrifícios; isto porque, assim como o homem, no primeiro ato de sua libertação, eles ainda estavam em um estado de impotência, e desconheciam a lei que atuava sobre eles, como ocorre a uma criança quando é recém nascida no mundo.

No entanto, eles mataram um cordeiro em cada casa; e embora isto não tenha sido feito de acordo com a forma de sacrificio instituída mais na frente, houve nesta cerimônia uma virtude eficaz daquilo que estava por vir; assim, naquela grande época, verificamos o surgimento de quatro coisas importantes, ou seja, a evocação do Homem pela vida terrestre, a libertação do povo escolhido, o nascimento da natureza na primavera e o derramar do sangue de animais; e tudo isto não podia ter ocorrido de forma mais notável sem que tivesse uma correspondência íntima.

O Cordeiro.

É preciso observar que o abatimento de um cordeiro era o ato preparatório, anterior à libertação dos Hebreus; disto podemos presumir o quão puras e regulares eram as influências ligadas a esta espécie de animal, quando liberadas através de seu abatimento, uma vez que eram respeitadas pelo anjo da destruição, e haviam se tornado o meio de proteção, ordenado por Deus, a fim de preservar os Hebreus da espada da justiça. Isto nos leva, com suficiente evidência, ao que dissemos anteriormente, que o sangue é o sepulcro do homem, do qual ele precisa, necessariamente, ser liberado, para dar o primeiro passo na grande senda da Vida. Isto mostra, da mesma forma, que de todos os animais, o cordeiro tem a maior e mais útil harmonia para a libertação e regeneração do homem, e que o seu sacrificio gera a ele grandes vantagens, já que dispõe ao homem, através das virtudes secretas do sacrificio, o mais seguro e glorioso meio de sair de seu próprio sangue.

Podemos encontrar algumas evidências desta verdade, até mesmo na ordem material, onde observamos que a espécie de rebanho a que pertence os cordeiros é o mais útil aos nossos corpos, e é suficiente a todas as nossas necessidades primárias, já que nos provê de alimento, roupa e luz. E não será supérfluo acrescentar, que esta espécie de rebanho, não obstante, só provê nossas necessidades passivas, necessidades que podem ser comparadas àquelas de nossa infância, ou do homem em privação; ele não nos proporciona nenhum daqueles suprimentos ativos que necessitamos numa idade mais avançada e que são fornecidas por outro tipo de animais.

Verificamos aqui o porquê dos cordeiros terem sido sacrificados somente na partida do Egito, que era o lugar em que, naquela época, o povo escolhido tinha acabado de nascer e representava, temporariamente a infância corporal e espiritual do homem, assim como a estação da primavera representava o nascimento e a infância da Natureza.

A Páscoa, seu caráter triplo: o primeiro período.

O primeiro período da Páscoa apresentava três características de uma só vez: a comemoração da chamada do primeiro homem para a vida terrestre; a chamada atual do povo escolhido para a lei espiritual, e um sinal profético de nosso futuro renascimento na lei de Deus; este caráter triplo será encontrado nos outros períodos que examinaremos a seguir, pois todas estão conectadas pela realização de seus respectivos números, e assim se tornam, sucessivamente, o primeiro, comemorativo; o segundo, atual ou efetivo; o terceiro, figurativo ou profético.

A Lei, sua correspondência espiritual: o segundo período.

Após o primeiro período, segue-se o segundo, no qual os Hebreus receberam a Lei no Monte Sinai. Todas as relações mencionadas acima também serão encontradas neste período.

Após termos sido chamados para a vida terrestre, há um período em que o espírito se junta a nós pela primeira vez, e nos comunica seus primeiros raios. Depois que o primeiro homem foi retirado do abismo em que o crime o havia mergulhado, e obteve através da morte de Abel e do arrependimento, uma porta para os caminhos da justiça, ele foi consolado, isto é comprovado pelo nascimento de seu filho Seth, que lançou sobre sua família a primeira sedimentação daqueles presentes, que a Misericórdia Suprema, ainda digna-se a oferecer à humanidade.

Mesmo supondo que nada sabemos sobre o período em que o primeiro homem, que nunca foi uma criança, recebeu, pela primeira vez, os auxílios da graça, sabemos que para o homem individual os primeiros germens do espírito se apresentam por volta de seus sete anos, e os frutos destes germens serão naturalmente desenvolvidos nas épocas correspondentes aos múltiplos deste número.

Sabemos que a Lei foi dada ao povo Hebreu quarenta e nove dias após a passagem do mar vermelho; sabemos que este período coincide com o tempo dos primeiros frutos, e que a festa instituída com referência a este fato foi chamada de a Festa das Semanas e dos Primeiros Frutos.

Finalmente, sabemos que esta lei foi salpicada com o sangue dos sacrifícios e das oferendas de paz, tirado do grande rebanho ou bezerros (Êxodo XXIV.5). É fácil levar a cabo as comparações que resultam de tudo isto, de acordo com os princípios que temos delineado.

As sete formas ou poderes espirituais: o segundo período continuou.

Recordando aqui o campo universal das sete formas da Natureza Eterna, o número sete contido no quarenta e nove mostrará a atuação e operação dos sete poderes espirituais, abrindo o caminho dos trabalhos ativos ao povo escolhido, uma vez que este processo é também demonstrado nesta época, através da produção dos primeiros frutos da terra; não se pode duvidar que esta lei atuou, pelos poderes do mesmo número, no primeiro Homem, como ainda ocorre no homem individual, e com certeza seria muito mais positivo e significativo se não nos

enchêssemos diariamente com falsas substâncias, que nos mantém sob falsas proporções, e impedem aquelas que são verdadeiras de atuarem sobre nós.

Neste período, o sangue dos bezeros foi derramado, enquanto que no primeiro período só o sangue do cordeiro é que foi derramado; isto porque este foi unicamente o período da libação, e o sangue do cordeiro serviu como órgão na obra de misericórdia, realizada sobre o povo, e indicada pela doçura, cujo cordeiro é o símbolo; nas características aparentes dos animais, podemos entrever suas influências predominantes, assim como das obras em que tomam parte, nos desígnios da Sabedoria.

O segundo período, estando o povo na selvajaria, no caminho oposto à sua terra, requereu mais energia para resistir a seus inimigos; e tudo nos leva a crer que o sangue de um grande rebanho, foi derramado nesta ocasião, o que indica que este era o objetivo do sacrifício desta classe de vítimas.

No primeiro período, o povo não tinha nada a fazer; apenas seguir o espírito que fez todas as coisas para ele, como uma mãe ou uma babá faz por uma criança em sua tenra idade: logo, não havia lei.

No segundo período, o povo é considerado capaz de agir por si mesmo; assim, a lei lhe foi dada e os preceitos da lei lhe foram ensinados a fim de que controlasse sua conduta através das árduas jornadas que havia à frente.

Portanto era natural que a mesma sabedoria que ditou as leis, comunicasse a força necessária para a sua observação, o sacrifício dos rebanhos apontam para isto; sem falar da força espiritual derivada do testemunho das maravilhas realizadas diante dele na montanha, não aquelas que esperavam da ordenação de seus sacerdotes, que foi subsequente à promulgação da lei, e da emancipação do povo, e que pode ser considerada como o complemento e a consolidação deste segundo período: Moisés foi ordenado diretamente, sem a intervenção de qualquer ministério do Homem, pois ele era para ser como Deus para o Faraó, e tomar Aaron como seu profeta.(Ex.VII).

É certo que este segundo período era ao mesmo tempo comemorativo, real e figurativo, como o primeiro; mas devemos observar que cada uma destas relações ascende um grau, já que o segundo período tem início num grau mais elevado que o primeiro; é preciso ter em mente, quando considerarmos os períodos seguintes, que eles sempre avançam por graus e elevam suas operações continuamente, sem perderem suas características.

A Festa dos Tabernáculos: O Terceiro Período.

Este terceiro período, no sentido restrito a que nos limitamos por enquanto, não é marcado por nenhum evento histórico nas escrituras sagradas. Foi indicado apenas pela solenidade do festival consagrado para esta celebração, a festa dos tabernáculos. Esta festa, não tendo qualquer evento atual a consagrar, aparece nas Escrituras (Lev. XXII.43) somente como uma comemoração de um fato anterior, ou seja, fazer com que o povo se lembre de que Deus o havia feito para habitar em tendas, após Ele o ter libertado da escravidão Egípcia.

Não será importuno acrescentar que o processo de regeneração não estava tão desenvolvido naquela época a ponto de oferecer à mente do povo tudo aquilo que expressava, particularmente com relação à via que o Homem é obrigado a construir nas regiões intermediárias entre seu primeiro e seu atual domicílio para que quando se despir de seu

envoltório corporal, de sua terra do Egito, o seu sangue faça com que um verdadeiro faraó o domine.

A Festa dos Tabernáculos, presságio do futuro advento do Reino Espiritual.

Ora, este festival, o mais importante de todos, pelo número de vítimas oferecido, era a expressão figurativa e profética dos benefícios que aguardam o povo em tempos vindouros, mas dos quais ele não poderia ter idéia alguma, pois seu tempo ainda não havia chegado.

Podemos julgar quão enormes podiam ser estes benefícios, pela época do ano em que ocorria o festival; era no sétimo mês, após o recolhimento de todas as colheitas; era na renovação do ano civil, embora na metade do ano santo.

Podemos, então, certamente, ver neste festival o fim do círculo das coisas temporais, o advento do reino do Espírito e os inefáveis presentes e riquezas que se seguem ao desenvolvimento de seus poderes através de todos os períodos consecutivos e intermediários, desde a primeira instituição do festival, ao complemento do grande círculo.

Não preciso relembrar as propriedades características do setenário, para confirmar esta visão; basta nos convenceremos de que este festival era mais profético do que comemorativo e se designava aos homens iluminados daquela época; embora, para o povo, este festival possa ter sido mais comemorativo do que profético. Iremos acrescentar apenas, para informação daqueles que estão familiarizados com os princípios dos quais os números são os símbolos, que estes atos setenários, neste terceiro período, são mais amplos do que no segundo período que era apenas uma iniciação à lei, enquanto que aqui se trata do cumprimento da lei.

No segundo período, o setenário ainda agia somente, por assim dizer, consigo mesmo e em seu próprio círculo; enquanto que no terceiro ele penetrou todo o círculo das coisas, por intermédio dos seis meses lunares através dos quais estendeu e desenvolveu seus poderes; isto aponta para as seis operações primitivas da criação, que terminou no sabbath, e para a grande Época sabática, pela qual o grande círculo da duração do Universo chegará a seu fim e restaurará a liberdade a todas as criaturas.

A Lei dos Sacrifícios continuou.

Uma segunda verdade fundamental, ligada ao que mencionamos acima, pode ser expressa aqui: sob a lei dos sacrifícios, tudo foi feito através das transposições, pois o Homem estava longe demais da verdade para que esta se unisse a ele diretamente.

A serpente de bronze, as obrigações, os sacrifícios, até mesmo as jornadas do povo Hebreu são evidências suficientes de que tal era o caráter da lei; isto se manifestou quando se percebeu que o Homem estando conectado, através do crime, com influências (ações) divididas, embora análogas, poderia ser liberado desta dolorosa divisão, somente através da reunião destas analogias.

Mas esta lei, à medida em que se desenvolveu, se tornou cada vez mais benéfica para o povo escolhido, que deve ser reconhecida como o símbolo do Homem. Da mesma forma, como

já observamos anteriormente, vemos uma progressão de benefícios, atividade e graça que se seguia à progressão festivos e períodos; o sacrifício perpétuo, enquanto servia como comemoração da libertação do Egito, mostrava, ao mesmo tempo, a contínua vigilância do Amor Supremo sobre Seu povo, o qual Ele nunca irá desamparar.

O extraordinário holocausto, adicionado aos três grandes festivais, era para trazer ao povo aquelas virtudes ativas, de acordo com os planos reservados a cada diferente período; pois podemos ver touros, carneiros e sete cordeiros - independentemente de todas as outras oferendas que sempre eram acrescentadas aos sacrifícios importantes.

Assim, os gérmenes foram plantados no povo, eles começariam a dar seus primeiros frutos no período seguinte; estes gérmenes não poderiam ter sido plantados no Egito, pois era necessário que o povo fosse primeiramente purificado; a morada da morte não é capaz de receber a semente da vida.

Os nomes primitivos dos animais podiam revelar, nos Sacrifícios, sua natureza e influência.

Sem dúvida, se não havia nenhum véu estendido sobre a Natureza e sobre as propriedades dos animais, vemos claramente o real motivo pelo qual touros, carneiros e cordeiros eram preferencialmente empregados com relação a outros animais, em todos estes sacrifícios. Poderíamos justificar, com minuciosos detalhes, o princípio geral e fundamental, já que estas vítimas sendo conectadas às influências externas, e tendo seu sangue derramado, eram forçadas a trazer ao povo as influências das quais eram, respectivamente, os emblemas ou símbolos; se fazia com que os poderes se aproximassem do Homem, embora fossem somente os representantes daquele de quem um dia receberiam o espírito propriamente dito, e do qual ainda estavam muito longe.

Contudo nós perdemos os nomes primitivos dos animais, e nada com pouco conhecimento poderia verter uma luz viva e clara, nas diferentes espécies de animais, incluídos na classe de vítimas, assim como nas diferentes espécies de vegetais que serviam de oferendas nos sacrifícios; pois, se os números verdadeiros expressam as propriedades das coisas, seus nomes reais as expressam de forma ainda mais eficaz, pois são seus órgãos ativos. Isto é o que uma vez caracterizou a preeminência do primeiro Homem, e ainda deve caracterizar, de qualquer forma, em parte, o verdadeiro sábio, e o real ministro das coisas divinas, pois ele cumpre o Ministério do Senhor de forma útil e eficiente.

Os nomes hebraicos não ajudam muito a esclarecer esta grande questão. Estes nomes são ativos somente quando aplicados aos homens, às gerações do povo escolhido e aos seus ministros, como vemos pelos nomes característicos dos profetas e patriarcas, porque o homem era o objetivo principal deste processo de eleição e restauração; enquanto que, não tendo chegado ainda a grande época da restauração da Natureza, os nomes das plantas e animais não vão mais além em hebraico do que em outras línguas, e seus verdadeiros nomes ainda estão ocultos no que Jacob Boehme chama de "a língua da Natureza", até que os selos sejam abertos.

Podemos nos estender a respeito da idéia geral que expressamos acima, ou seja, que na assustadora destruição da natureza, na ocasião do lapso criminoso do Homem, algumas substâncias, minerais, vegetais ou animais foram melhor preservadas do que outras; isto quer dizer, que elas retiveram uma grande proporção das propriedades vivificantes e poderosas de seu estado primitivo; e que, sem dúvida, estas tem sido preferencialmente usadas nos sacrifícios e em outras cerimônias de veneração, como sendo mais capazes de prestarem serviço ao Homem, uma vez que permaneceram mais próximas do pacto primitivo: mas isto requer um conhecimento mais extenso de nossa parte, sobre o estado primitivo das coisas, e nós apenas fizemos uma alusão a seu respeito.

Circuncisão, sua razão e efeito.

Vamos considerar agora uma questão que pode ser considerada a chave para a explicação dos sacrifícios.

Se os sacrifícios operados para o Homem, através de suas correspondências, se o derramar do sangue das vítimas era o meio estabelecido para efetivar este objetivo, podemos nos perguntar como que a circuncisão não podia ocorrer no lugar dos sacrifício? Pois poderíamos supor que sendo derramado o próprio sangue do Homem, ele poderia operar com mais eficácia do que aquele de outras vítimas, devido à superioridade de suas correspondências. A esta questão responderíamos da forma que se segue.

A virtude dos sacrifícios derivam da convicção.

Se os sacrifícios de sangue atuavam através de suas correspondências, eles derivavam suas virtudes, radicalmente, pelo desejo do ministro e do desejo daquele que crê e que o acompanhava; desta forma, o desejo divino propriamente dito se unia a eles. Ora, como este desejo, que é a fé real ou convicção, não pode, sob circunstância alguma, ocorrer sem uma base ou campo; o sangue dos animais servia para auxiliar este desejo a alcançar um campo ainda maior, até repousar em bases perfeitas, no Coração Divino, que governava, em segredo, todos os sacrifícios, e que por fim os iria coroar.

A convicção; a diversidade das formas.

Podemos notar, que a necessidade de uma base para apoiar a verdadeira convicção ou desejo é a chave para todas as diversidades de sacrifícios, sejam de sangue ou não, assim como a adoração de ídolos e qualquer outro tipo de adoração praticada sobre a Terra, além de tudo aquilo em que as nações têm a mesma fé, e erram somente em relação a esta base; a escolha desta base é muito importante já que deveria ter correspondências fixas com um verdadeiro centro, natural, espiritual ou divino, - e as nações cometeram um enorme erro a este respeito, e não é de se surpreender que suas trevas sejam tão universais.

A circuncisão, não como base da convicção, apenas uma iniciação.

Ora, a circuncisão não poderia servir como base para a convicção ou desejo, já que era praticada a poucos dias após o nascimento; e se, em Abraão ela foi praticada na maturidade, foi somente porque este patriarca não havia sido escolhido enquanto criança para ser o chefe da raça eleita, e ele tinha que participar livremente da aliança. Além do mais, ele representava somente os primeiros degraus da reconciliação.

Contudo, embora uma criança não possa ter uma verdadeira convicção ou desejo, o sangue do Homem, derramado durante a circuncisão das crianças tem, sem dúvida, um efeito; contudo, tal efeito era limitado, por assim dizer, a realizar uma espécie de purificação religiosa, como se, de alguma forma, os apartassem deste sistema sangüíneo em que o crime do Homem nos submeteu, e os iniciassem num trabalho ativo e eficaz no qual a convicção ou desejo de cada um pudesse algum dia os empregar voluntariamente. Este era, mais que nada, um efeito figurativo da grande circuncisão e da libertação corporal, do que a realização de algum poder regenerativo vivificante, como o holocausto, quando a convicção tinha ao menos alguma influência, uma vítima pura era sacrificada, e o completo desenvolvimento de todas as correspondências das influências regulares atuavam na restauração do Homem, ainda que parcialmente, aos seus direitos e alegrias.

Além do mais, vimos que a morte do Homem foi o único sacrifício de sangue capaz de restaurá-lo à plenitude de suas relações, e ao perfeito caminho de retorno ao seu Princípio. Portanto, como o princípio da vida animal não era eliminado através da circuncisão, a observação desta lei não poderia, por si mesma, atrair sobre ele nenhuma influência restauradora poderosa; e se o sangue dos animais (sacrificados) não tivesse sido substituído pelo do homem (na circuncisão) ele teria permanecido pela vida na mesma privação e escravidão.

Ao mesmo tempo, como já dissemos, esta circuncisão não era inútil, já que era uma espécie de iniciação nas etapas que o Homem ainda não podia apreciar. Mas, precisamente por ser uma iniciação, era necessário que o tornasse capaz de receber seus frutos progressivos, e isto acontecia realmente, na medida em que abria seu sangue a todas as influências regulares que os sacrifícios dos animais pudesse lhe trazer.

Assim, quando a autoridade divina consagrava este princípio, que talvez já fosse até usado entre outros povos (embora não usado com este mesmo objetivo) e ordenado como uma das leis sagradas do povo judeu, esta cerimônia era estritamente recomendada. Todos aqueles que não eram circuncidados eram excluídos dos sacrifícios porque as influências regulares, que aqueles sacrifícios atraíam, não encontrando nenhum caminho aberto para atingir seu princípio de vida, poderia atuar forçadamente e com violência contra aqueles que não cumpriam a lei e exterminá-los no meio do povo.

Antes e Depois do Dilúvio.

Como a circuncisão parece ter sido praticada após o Dilúvio, todos os sacrifícios, feitos anteriormente a este evento, devem ter sido inúteis. Ora, se não temos provas que esta prática estava em uso antes do Dilúvio, também não temos nenhuma prova do contrário; admitindo que ela tenha tido início após o Dilúvio, todas as dificuldades desaparecem quando refletimos sobre as diferenças de estados em que a humanidade se encontrava nestas diferentes épocas: reflexão que também se aplica aos animais.

Antes do Dilúvio, o Homem desfrutava de todos os poderes de sua natureza corporal animal; esta roupagem temporária que lhe foi dada como um órgão para as influências e virtudes superiores, que é tão útil a ele, estava mais de acordo com o plano traçado para a sua restauração, estando, conseqüentemente, mais aberto as influências salutares, ele podia não recorrer a circuncisão para que elas tivessem acesso ao Homem.

Por outro lado, como os animais desfrutavam de um tempo de vida maior do que jamais haviam tido, seu sangue era mais eficaz, o que poderia fazer com que a assistência da circuncisão fosse menos necessária do que se tornou no segundo período, quando todas as coisas foram mudadas. Toda a natureza tinha sido torturada e alterada pela calamidade do Dilúvio. Os crimes da humanidade afundaram no Dilúvio e está se tornou muito mais presa pelas correntes da matéria; os próprios animais perderam suas virtualidades na renovação de suas espécies, que vieram menores do que eram antes desta explosão de vingança da Justiça Suprema. Em resumo, a que reflexões não levariam aqueles enormes esqueletos?

Se a Sabedoria não tivesse provido ao homem meios de remediar este fatal resultado da justiça, ele teria continuado sem caminho algum de retorno ao seu Princípio, e o plano do Amor divino em favor da humanidade teria sido irrealizável, já que a primeira iniciação neste caminho não teria ocorrido. Ora, de tudo o que temos visto, a circuncisão parece ter sido o meio que supriu, após o Dilúvio, as vantagens que os homens e os animais desfrutavam antes daquela catástrofe.

Talvez mesmo se o povo tivesse sinceramente observado as leis e instrumentos que Noé transmitiu a eles, na qualidade de eleito e escolhido de Deus, ele tivesse continuado sob condições poderosas suficientes para que este novo meio fosse desnecessário.

Mas, através da ofensa de Ham e Canaã, e pelas abominações cometidas nas planícies do Shinar, eles acrescentaram mais correntes àquela que o Dilúvio colocou sobre eles, e agravaram os obstáculos que já os posicionaram contra a reunião com sua Fonte. Não é de se admirar que o amor que os criaram os seguiu até ao abismo em que afundaram, lhes oferecendo uma nova rota através da qual poderiam retornar a Ele.

Vamos retomar os três períodos, e os veremos retratados em menor escala, na importância dada à circuncisão entre os Hebreus.

A circuncisão Judaica: o primeiro período, durante a época de Abraão.

É durante a época de Abraão que pela primeira vez encontramos algo sobre circuncisão nas Escrituras; o Senhor confirma ali sua aliança com ele e sua posteridade. Sob quais circunstâncias esta circuncisão foi ordenada pelo Senhor? Foi quando Ele deu um novo nome a Abraão, e também à sua esposa, adicionando a seus nomes antigos, uma única letra do nome sagrado através da qual Ele se tornou conhecido a Moisés pela primeira vez. Foi quando Abraão tinha noventa e nove anos, logo após Deus ter feito um pacto com ele, prometendo-lhe a terra de Canaã; em resumo, foi quando Deus escolheu para Si, pela primeira vez, um povo de quem todas as gerações devem ser abençoadas.

Tudo isto mostra, mais uma vez, que a circuncisão tinha uma virtude iniciatória, onde todas as virtudes que Deus preparou para seu povo não teriam efeito algum se Ele não tivesse aberto este caminho para que se cumprissem. Abraão havia recebido, contudo, auxílios divino previamente a esta cerimônia; ele foi tirado de sua própria terra, que havia sido invadida pela iniquidade; ele havia erigido altares ao Senhor em Bethel, e invocado seu nome; ele havia sido

abençoado por Melchizedeck e no sacrifício de sangue que ele ofereceu por ordem de Deus, recebeu evidências da presença do Espírito; mas isto contradiz os princípios que estabelecemos.

Abraão foi eleito do Senhor, embora tenha nascido entre os ídólatras e de alguns o acusarem de ter comerciado ídolos. Seu coração pode ter permanecido puro, embora seu espírito possa ter sucumbido as mesmas trevas que cubriam seus contemporâneos. Assim, os auxílios divinos podem ter encontrado acesso a ele, sem os meios secundários da circuncisão.

Além disso, é preciso fazer uma distinção essencial entre os meios empregados por Deus para manifestar uma eleição, e aqueles usados para fazer com que esta eleição se cumpra.

Veremos sempre estes diferentes meios formarem duas classes em todas as eleições e épocas subseqüentes; temos uma prova real disto na eleição de Abraão, já que, apesar de todos os auxílios que ele havia recebido, antes de sua circuncisão, foi somente após a sua obediência a esta lei, assim como a de todos os seus familiares, que ele recebeu a visita de três anjos; que a época para o nascimento de Isac foi claramente fixada; e que, no final do ano recebeu seu Filho prometido, através de quem o pacto iniciado com Abraão, deveria ser realizado e completado.

Nada mais é preciso para nos convencer de que, na época em que se começou a falar sobre circuncisão, ela era entendida como iniciação em todos os benefícios prometidos na eleição, e assim sendo, tem uma sensível relação com o que dissemos sobre a Páscoa, ou o primeiro período do retorno dos Hebreus à terra prometida.

O Segundo Período, durante a época de Moisés.

A segunda vez em que a circuncisão é mencionada nas Escrituras é em Moisés (Ex.IV.25), de onde se conclui que esta cerimônia tinha sido negligenciada, sendo a causa da fúria do anjo, além do mais a circuncisão é novamente recomendada assim como todas as outras leis e decretos da montanha (LV.XII.3); isto nos leva a considerar a lei da circuncisão, dada na montanha, e aquela realizada no filho de Moisés, como um único e mesmo período.

O tempo em que esta lei reapareceu é notável pela sua conformidade com aquilo que se passou no período de Abraão. Foi após Moisés ter visto a sarça ardente e recebido a promessa de Deus de que o povo seria libertado; foi após ele próprio ter sido escolhido o instrumento desta libertação, e recebido os mais extraordinários sinais de sua missão, que a vingança divina, prestes a cair sobre seu filho, foi detida pela submissão de Séfora; finalmente, foi no momento do retorno de Moisés ao Egito para iniciar sua missão que esta cerimônia foi realizada em seu filho.

Esta comparação mostra claramente que a cerimônia era como uma iniciação dos frutos da libertação prometida, da mesma forma que na época de Abraão era como uma iniciação aos frutos de sua eleição; nenhuma delas pode ser realizada sem o derramamento de sangue. Não se deve dar importância ao fato de o sangue do filho, no caso de Moisés, é que foi derramado e não o do próprio patriarca, pois embora fossem dois indivíduos distintos, o sangue deles pode ser considerado como um; além disso, há sob este véu inumeráveis relações de outras verdades, que os olhos observadores irão descobrir sem dificuldade.

Assim, sem minha interferência na exposição destas verdades, se verificará, num período mediano, uma dupla circuncisão, uma comemoração do sacrifício do filho de Abraão, e a profecia de um outro sacrifício, sobre o qual ainda não é hora de falar a respeito. Devemos ficar satisfeitos com a observação de que a eleição de Moisés, e a circuncisão ocorrida visavam os primeiros frutos vivificantes da promessa feita a Abraão, conectá-los quase que naturalmente com o segundo período, ou com o segundo festival Hebraico, no qual a terra ofereceu sua

primeira produção, e o povo recebeu os primeiros frutos do Espírito, que era a Lei; pois, nestas comparações, nunca se deve esquecer que todo ternário de épocas forma um círculo, e que todo círculo precedente é um grau menos elevado do que seu sucessor.

Circuncisão, terceiro período, durante a época de Josué: suas correspondências.

Finalmente, a terceira vez em que o ritual da circuncisão aparece nas Escrituras, é durante a época de Josué, quando o povo está prestes a entrar na terra prometida (Js.V.2). Este ritual não havia sido realizado durante os quarenta anos em que o povo viajou no deserto; e aqueles que haviam sido circuncidados no Egito tinham todos perecido; assim, Deus reviveu este ritual para todos aqueles que permaneceram não circuncidados, a fim de que "todo o opróbrio do Egito pudesse ser extraído do povo"; e todo o povo foi circuncidado em Guilgal.

Não se pode evitar de notar o momento em que esta circuncisão apareceu novamente, e as numerosas maravilhas que se seguiram. Foi por ocasião da entrada na terra prometida, assim como a circuncisão de Abraão foi na ocasião de sua entrada no pacto da eleição e aquela do filho de Moisés no momento de seu ingresso no caminho da lei e do trabalho; e a este respeito, este período está conectado com o terceiro dos festivais hebraicos, que foi aquele da abundância, da festa celebrada após a colheita, a realização de todos os seus trabalhos.

Este período está tão conectado com as comemorações na ordem temporal e terrestre, porque representa o futuro repouso que o povo deve desfrutar depois de destruir ou subjugar os habitantes de Canaã, apenas profeticamente, pois sua entrada na terra da promessa os admitem unicamente nas batalhas que devem travar ali; e as vitórias que eventualmente possam se seguir tinham sido indicadas por aquelas conquistadas sobre o povo do deserto.

Não é demais observar que foi no primeiro mês que ocorreu esta entrada na terra prometida; assim como foi no primeiro mês que o Êxodo do Egito, ou a libertação, ocorreu; isto porque aqui os dois círculos retornam ao mesmo ponto, embora o segundo seja relativo a uma ordem das coisas, muito maior e mais ativa que o primeiro.

Mas o que realmente indica o quão vantajosa era a circuncisão naquela ocasião é que após a cerimônia, o maná deixou de cair, e o povo começou a comer dos frutos da terra; que Josué entrou sob a proteção direta do Príncipe visível dos exércitos do Senhor; que as trombetas do Júbilo se tornaram as principais armas do povo, e ao seu som, acompanhado por aquele do Verbo, ou palavra (parole), os muros de Jerico foram derrubados, e cada homem foi capaz de entrar na cidade seguindo a este som; tudo isto é um modelo daquilo que está reservado ao Homem nos períodos subseqüentes, e do que nos espera quando estivermos fora de nosso confuso e terrestre círculo.

Eficácia dos Sacrifícios ao longo da destruição de Jerusalém.

Verificamos aqui o poder e eficácia dos sacrifícios, pois todas as maravilhas que mencionamos foram precedidas não somente pela circuncisão mas também pelos sacrifícios ígneos da Páscoa que o povo celebrou em Guilgal, e provavelmente também aqueles que Moisés e os anciãos recomendaram por ocasião em que deveriam entrar na terra prometida (Dt. XXVII.),

e sobre quais o livro de Josué não menciona antes da conquista de Hai (VIII.30), mas que se acredita terem sido oferecidos após a passagem do Jordão, como Moisés havia ordenado.

Não iremos recapitular o que já dissemos a respeito da eficácia destes sacrifícios, confirmada pelo sucesso maravilhoso que se seguiu a eles; é suficiente já ter estabelecido uma vez os sacrifícios como um princípio de relação que o sangue tem com influências regulares (ações) e que estas possuem com influências mais elevadas, para compreender as vantagens que o homem ou o povo escolhido pode extrair destas cerimônias, com relação à sua libertação e progresso com relação ao cumprimento de sua verdadeira liberdade.

Deveríamos observar no mesmo espírito todos os sacrifícios oferecidos pelos hebreus, desde sua entrada na terra prometida até a destruição de seu último templo pelos Romanos; é desnecessário seguir a linha histórica e as épocas, pois todas derivam de um princípio reconhecido, precisamente o princípio ou a chave universal com a qual devemos atuar; completamente convencidos de que isto é derivado da verdade, irá então solucionar nossas dificuldades.

Iremos, assim, passar a um outro tipo de observação com relação a estes sacrifícios, a saber, como que a sua instituição veio a ser estabelecida por todo o mundo, sob tão variadas formas e, às vezes, de forma tão contrária à razão e até mesmo de forma criminosa.

A prática dos sacrifícios entre outras nações; sua corrupção.

É evidente que o uso destas cerimônias entre outras nações não se atribui à religião Judaica e nem aos sacrifícios em que ela estava fundamentada, porque os Judeus eram um povo exclusivo e isolado, que não possuía relações com outras nações; isto porque eles deixaram de existir como um povo, somente na nossa época e, a partir de então, tem perdido o uso de suas cerimônias e sacrifícios; além do mais, tendo os sacrifícios estado em uso desde o início do mundo, quando este fora renovado após o Dilúvio, a renovação dos sacrifícios entre todas as nações deve ser atribuída à dispersão destas nações, que teriam carregado consigo os costumes e cerimônias de seus antepassados.

Não é, portanto, o prevailecimento universal dos sacrifícios que irá agora nos surpreender e ocupar, pois, já que são reconhecidos como originários de campos naturais, nenhuma de suas ramificações pode ter outra origem; mas, as mudanças que estas correntes ou ramos tem tomado em seu curso é o que deve ser objeto de nossas pesquisas e reflexões.

Esta mudança corrupta nunca teria ocorrido se não houvesse uma nascente pura a que tudo deu início; e aqueles que tem atribuído o uso dos sacrifícios à mera ignorância e superstição, tem confundido o abuso e as conseqüências com o princípio e, agindo desta forma, impedem a si próprios de conhecer tanto o princípio como as conseqüências. Não vamos esquecer jamais a infeliz situação do Homem neste mundo de aflições e trevas, exemplificado pelos sofrimentos de todos os mortais e pelas lágrimas de todos os tempos. Não vamos esquecer de que se estamos rodeados por influências regulares, das quais os animais puros são os intermediários, também estamos rodeados por influências desordenadas, que tentam incessantemente introduzir a

desordem em tudo o que se aproxima de nós, para que possa nos invadir e adiar o nosso retorno em direção a luz.

Este quadro, infelizmente tão real e caro a nós, assim se torna ainda mais quando lembramos das preparações sacerdotais a que as vítimas eram submetidas de acordo com a lei Judaica; e especialmente quando nos recordamos das aves que desceram sobre as carcaças, na ocasião do sacrifício de Abraão e que foram afastados por este patriarca.

Não se deve acreditar que na multiplicidade de sacrifícios que foram oferecidos, seja na família de Noé, ou na de seus descendentes que povoaram a Terra, nunca houve a falta destas preparações sacerdotais, e que as aves foram sempre afastadas das vítimas; isto, eu afirmo, não se pode acreditar, na medida em que vemos a abominação aparecer no seio da própria família de Noé, e a sua posteridade envolvida nas trevas, a ponto de obrigar a Sabedoria Suprema a fazer uma nova eleição. Ainda que um único ato de negligência, nestas importantes cerimônias, basta para dar acesso as influências desordenadas assim como a todas as suas conseqüências.

Julgue, então, que conseqüências foram estas se o sacrificador à negligência uniu a profanação, à profanação uniu a impiedade e à impiedade um propósito criminoso; em resumo, se ele mesmo abriu o caminho à influência desordenada, e atuou em concordância com ela, ao invés de resistir a ela. Com certeza, nada mais se poderia ter esperado do que uma inundação de horrores e abominações surgisse deste ato, inundação que cresce diariamente a uma proporção que não se pode estimar e que deve ter invadido o mundo com suas águas impuras, cobrindo-a com a iniquidade.

A influência ou ação desordenada a que o sacrificador deu acesso em si mesmo, o levou ao erro de várias formas; em um momento, sugeriu a idéia de trocar de vítima e substituir as vítimas puras por vítimas tais como bestas, adequadas aos desígnios abomináveis; a partir disto não é de se surpreender o fato de observarmos sobre a Terra os inúmeros animais usados nos sacrifícios.

Numa segunda oportunidade, sem interferir com as vítimas, a influência desordenada deve ter instigado o sacrificador a endereçar a ela própria o espírito e intenção de sua obra, levando-o a esperar por isso um benefício maior do que aquele que se poderia esperar de um Ser severo e zeloso, que retira todas as suas graças por causa da menor negligência durante as cerimônias que Ele instituiu; e, ao lançar a sua cobiça em várias direções, esta influência desordenada teria unido o Homem a si mesmo, afundando-o nos mais fatais abusos e monstruosas abominações.

Uma outra vez, empregará todas estas iniquidade juntas e fazendo com que tenham uma piedade aparente, para assegurar o sucesso, irá, sob esta máscara, levar o Homem às mais revoltantes e desumanas práticas, persuadindo-o de que quanto maior o preço e maior o número de vítimas, mais ele poderá ser amado pela Divindade; além disso, como este poder desordenado estava, assim como o poder ordenado, conectado a todas as substâncias e materiais do sacrifício, ela terá a capacidade de fortalecer e confirmar todas estas falsas insinuações, através de manifestações visíveis, todas de grande eficácia, porque correspondem aos sentimentos internos e movimentos secretos que o sacrificador já havia recebido.

Vamos, então, considerar a raça humana sob o jugo de um inimigo engenhoso e atento, que respira unicamente para levar o Homem de erro em erro, e que o tem feito se curvar de joelhos diante de si, em todo lugar, através dos mesmos meios que foram dados ao Homem para repeli-lo.

Há três classes ou níveis de desordem e abominações.

Estes erros podem ser divididos em três classes: primeira, abominações de primeiro grau, quando todas as faculdades do Homem se encontram corrompidas. Segunda, abominações religiosas que tem início, assim como a anterior, com a própria corrupção do Homem, mas que o comanda, a partir de então, através de suas fraquezas. Terceira, a mera superstição ou idolatria, que embora derive das outras duas, não tem o mesmo efeito e conseqüências.

Podemos até acreditar que as superstições pueris e abusos secundários, aos quais o Homem tem sido levado através de sua fraqueza e credulidade, possa o ter preservado e salvado de crimes mais essenciais na medida em que possuísse mais luz e poder.

E, na verdade, não são os ídolos que possuem bocas, eles não falam, a ponto de evitar aqueles que possuem boca e que falam, que possuem ouvidos e ouvem, que possuem olhos e vêem etc.

O primeiro grau de abominações: tragado pelos elementos.

As abominações conectadas com estes tipos de ídolos, ferindo a justiça em seu centro, deve ser enquadrada no primeiro grau; isto tem atraído inumeráveis calamidades, tanto conhecidas como desconhecidas, sobre os culpados: pois, quantos crimes tem afundado no abismo juntamente com aqueles que os cometem! Podemos ter uma idéia, por todas estas abominações transmitidas a nós nas Escrituras, das outras que se mantêm em silêncio.

Lembrar o pecado do primeiro Homem, que lhe provocou uma profunda mudança, o fez passar da luz para as trevas em que vive; lembrar as abominações cometidas pela sua descendência durante o Dilúvio, e do imenso número de culpados levados por este, é fazer uma idéia da grande quantidade de crimes que deve ter sido eliminado de nossa vista por este intermédio; verifique as abominações dos Egípcios, e dos habitantes da Palestina que atraiu a ira de Deus sobre aquelas regiões, compelindo-o a fortalecer os elementos e poderes da Natureza e até mesmo o fogo do céu para destruí-los.

Em resumo, basta olharmos para o nosso globo, onde talvez não encontremos um único ponto que ainda não mostre os sinais da ira do céu espalhada sobre os desafortunados que foram insanos e culpados o suficiente para se juntar ao inimigo contra a Divindade; e este quadro de nosso globo é uma história viva, mais convincente do que qualquer outra contida nos livros, e demonstra a prevalência universal do crime, não mencionados nos livros, ou aludidos apenas resumida ou incidentemente.

Tudo indica que as calamidades e abominações do primeiro grau parecem ter diminuído; e, se não acabaram completamente, não se encontram mais nas estruturas das nações, mas apenas praticadas por indivíduos.

O segundo grau: abominações religiosas, ilusões Satânicas, ciências ocultas etc.

Na pura observação dos sacrificios legítimos, o sacerdote sincero e seu povo recebiam visíveis evidências da aprovação do Poder Soberano, já que tinham instruções para a sua conduta na senda da santidade, respostas para as perguntas dentro da sabedoria e justiça; contudo, tão logo a negligência ou corrupção invadiu estes sacrificios, a influência desordenada entrou

imediatamente neles, mostrando-se visivelmente sob a forma que desejasse; ela elaborava respostas e se estabeleceu como oráculo e a real arca da aliança.

Muitos sacerdotes foram ingênuos e vítimas destas falsas aparições; e muitos tendo primeiro se submetido ao seu governo, governaram, então, nações através destas seduções encantadoras! Esta influência desordenada pôde comunicar algumas verdades que chegou a conhecer através da imprudência dos homens; ela previu eventos que vieram a ocorrer, e freqüentemente respondia questões de forma correta; isto era o suficiente para fazer o povo se prostrar diante dela, seja qual for a forma que tomasse, ou qualquer ordens que prescrevesse.

Tal é, sem dúvida, a origem de muitas religiões e formas de culto no mundo, assim como das atrocidades associadas religiosamente a elas; é preciso distinguir claramente estas abominações secundárias daquelas do primeiro grau, que atacam a própria Divindade intencionalmente; o efeito dos crimes do segundo grau parece ter sido apenas o de desviar os homens e privá-los dos benefícios dos propósitos divinos; isto representa atacar a Divindade apenas indiretamente. Mas estes crimes parecem superar em número e extensão o que não possuem em importância.

Nesta classe devemos colocar todos aqueles mestres das ciências ocultas, a quem os ignorantes tem chamado de iluminados; todos aqueles que tem ou tiveram espíritos Pythonicos, que consultam espíritos de familiares, e deles recebem mensagens.

Nesta classe se deve colocar todos aqueles oráculos dos quais as mitologias estão repletas, todas aquelas respostas proféticas e ambíguas que os poetas tem feito de base e centro dos seus poemas, na tentativa de despertar nosso interesse em seus heróis representando-os como vítimas do destino, ou até mesmo vítimas de palavras ambíguas, através das quais foram levados a caminhos de erros e problemas, ao invés de marcharem sob os estandartes da verdade e sabedoria.

Nesta classe devem ser colocados muitos daqueles prodígios realizados na suspensão de nossos sentidos corporais (torpor mesmérico, sonambulismo etc.) que expõem os homens a qualquer domínio que se apresente; além do mais, temos motivos para crer que o crime do Homem teve início com o sono, e que por ter permitido seus sentidos reais se tornarem torpes, mergulhou na ilusão e nas trevas.

Nesta classe devem ser colocadas todas aquelas práticas ilegítimas e falsas, de todas as épocas, que sob a aparência da verdade, separou os homens da única Verdade que deveria ser seu guia. Me refiro a todas as práticas abusivas, pois apesar da não realização dos sacrifícios em grande parte do mundo, é certo que estes abusos tiveram início na corrupção destes sacrifícios, sendo então propagados de geração em geração, produzindo novos erros até a nossa própria época, já que a fonte criminosa de onde surgiram é viva e apodera-se de cada oportunidade que os homens lhe proporciona para estender seu reino e realizar seus desígnios.

Somos levados a acreditar que se a maioria dos homens vive sob o jugo destas iniquidades e ilusões, ainda que de boa fé ou pela ignorância, podem também trazer suas paixões e intenções egoístas para dentro de si, ao invés da virtude; aquele que se acerca das abominações do primeiro grau, mostram muito bem o que tem sido as lamentações dos profetas e como toda vontade é fundada.

Terceira classe de desordem: superstição, idolatria, confecção de santos, imagens etc.

Finalmente, a terceira classe destas abominações é aquela de todo tipo de idolatria e superstição. As múltiplas formas que a influência desordenada era capaz de assumir, a fim de alterar os sacrifícios e desencaminhar o Homem, foram as principais fontes da idolatria material, os sacerdotes que recebiam tais manifestações sendo levados por uma tendência natural a reverenciar animais e outras substâncias naturais com que aquelas formas, assumidas pelo poder desordenado, tinha alguma relação; e esta era a origem de cultos oferecidos por tantas nações a diferentes criaturas.

Deste ponto para a idolatria figurativa, ou a confecção de imagens, não há mais que um passo; inumeráveis causas freqüentemente levam à substituição da imagem de ídolos pelo próprio ídolo; o povo transfere facilmente sua veneração do ídolo para a imagem.

A deificação tem uma origem similar; o sacerdote tem sido objeto de adoração. Assim, quase que em todas as nações, encontramos uma Divindade visível e uma invisível; no Norte, dois Odins, um é o Deus supremo, o outro é um conquistador; entre os gregos encontramos dois Zeus; dois Zoroastros entre os Persas; dois Zamolxis entre os Thracias etc.

Não é muito difícil descobrir a origem das superstições populares. Não foi pela falta de profetas que os judeus caíram em todo tipo de idolatria já que em seus escritos particularmente os Salmos, o Deus Supremo é claramente distinto de qualquer coisa que o Homem tem tomado por Deus.

Mas, ao abordar os sacrifícios, esteja corrompido ou não, e pelo testemunho das cerimônias daquelas abominações secundárias, o Homem verá que, sob certas circunstâncias ocorrem certos resultados; o Homem perderá a visão do espírito que deveria dirigir todas estas formalidades e ao lhe dar valor e se prender à forma vazia, substância, ou somente a cerimônias isoladas, entregando a eles aquilo que conquistou enquanto o espírito vivo estava com eles.

Vemos aqui como o povo vem consultar as entranhas das vítimas, mesmo no últimos momentos do agonizante animal; o vôo dos pássaros; talismãs; criptograma; amuletos; ou seja, a todos aqueles inumeráveis sinais naturais cuja as opiniões agitam as mentes dos homens, e a cobiça, se tem dado um valor e uma importância que na verdade não possuem.

Este triste quadro é suficiente para mostrar a que tipo de aberrações a mente do Homem está exposta, quando ele para de olhar contra a influência desordenada, que após tê-lo desviado na época de sua glória, o desviou novamente quando os sacrifícios foram instituídos para a sua regeneração; ela tem propagado a desordem de tal forma que o Homem não pode conhecer nenhuma paz até que sua morada seja inteiramente renovada.

É preciso notar, com relação aos presentes, que estes sempre foram oferecidos ao vidente, uma imitação daqueles oferecidos no templo através do sacrificador; estes presentes e oferendas faziam parte, a princípio, da virtude do sacrifício, depois é que se tornaram órgãos inferiores de correspondência e por fim um mero objeto de fraude, avareza e especulação.

As leis são progressivas em sua ordem e objetivo.

Todos as leis dadas ao Homem desde o seu pecado, tem tido a sua elevação como objetivo. Por esta razão, a lei é sempre inferior ao limite para o qual aponta e para o qual pretende levar o Homem, embora seja superior àquele onde o encontrou: é por este motivo também que estas diferentes leis teriam sido sempre progressivas se o Homem não tivesse atrapalhado seu curso, tão freqüentemente, através de seus erros; contudo, tendo o Homem multiplicado continuamente

suas próprias quedas, e aumentado suas próprias trevas, ele atraiu leis de rigor e repressão enquanto deveria ter recebido aquelas de bondade e consolo.

A lei dada a Adão.

Após a primeira expiação do primeiro Homem culpado, ele recebeu uma lei certamente mais vasta e luminosa do que aquela posteriormente dada aos Israelitas; podemos verificar isto através da diferença de nomes pelos quais estas leis eram governadas. Era o próprio nome de Deus que governava a primeira, e apenas o nome representativo que governava a segunda: ver Paulo aos Gálatas (GL III.19) onde ele diz: "esta lei foi promulgada por anjos, pela mão de um mediador".

Além disso, Adão, embora culpado, estava apenas privado de suas alegrias primitivas; ele não estava até então sob a mancha do pecado, que havia sido removida pelo batismo da libertação das mãos de seu inimigo, o que pode ser chamado de sua grande ou espiritual circuncisão.

O envoltório corporal que ele recebeu era um puro extrato de todas as substâncias mais vitais da Natureza que ainda não haviam passado pelas catástrofes secundárias que se sucederam; não é surpresa alguma que, então, sob estas circunstâncias, a lei do retorno dada a Adão fosse mais poderosa e virtuosa do que a lei judaica. Um único exemplo será suficiente para mostrar a diferença.

Os hebreus eram proibidos de aliarem-se àquelas nações que iriam combater na terra prometida; a transgressão desta lei levou a várias sujeições especiais as quais foram submetidos. Enquanto que para Adão, e sua posteridade, toda a Terra foi dada para ser cultivada e para que extraísse dela os espinhos e as ervas daninhas; e justamente por ter feito o contrário, ou seja, cobri-la de maldade, que o Senhor retirou Seu espírito dos homens, e despejou o Dilúvio sobre eles. Pela extensão do crime podemos avaliar a extensão da lei.

Esta lei não podia ser dada a Adão enquanto ele ainda se encontrava no abismo, sob o jugo absoluto de seu sedutor. Foi somente a graça livre que operou naquele terrível momento, para extrair da morte eterna aquele que era a imagem e semelhança do Deus de todos os seres; naquele momento o Homem era incapaz de progredir através de qualquer lei; mas, superado este primeiro passo, ele se tornou suscetível a uma lei para a sua restauração. Ora, a lei que ele recebeu, trazia, sem dúvida, as três características já mencionadas; ou para ser mais claro, era um julgamento do inimigo através de quem o Homem havia sido arruinado; era um alerta ao Homem, para que reconhecesse os perigos que o rodeava, e para evitar que o Homem sofresse novas quedas; finalmente, era um meio para a sua santificação, através do caminho traçado para o seu retorno e um meio para os sacrifícios que foram utilizados pelo seu primogênito, o que nos leva a supor que Adão também tenha feito uso destes sacrifícios.

A Lei no período de Noé.

A lei restauradora, tendo sido anulada pela assustadora conduta da posteridade do Homem, agora duplamente culpado, o lançou novamente no abismo, sendo que só um alvo fora preservado. Noé permaneceu fiel às ordens do Senhor; e quando após o Dilúvio, o vemos oferecendo um sacrifício de doce aroma, não devemos concluir que ele tenha sido o fundador dos

sacrifícios, mas considerá-lo como o preservador e ministro de uma lei tão antiga quanto o exato início das coisas; o que de fato, indica que o sacrifício foi oferecido pelo primeiro Homem.

Se a posteridade de Noé tivesse prosseguido na sabedoria e santidade daquele patriarca, a obra teria avançado em direção à sua realização sem a necessidade de se instituir uma nova lei, e eleger um povo peculiar; isto porque todos os pecados foram eliminados pelo Dilúvio, a família foi salva e seus descendentes, deveriam ter sido a imagem viva do primeiro Homem em seu caminho de volta, dentro da lei que favorecia seu retorno.

Contudo a posteridade de Noé ao se permitir cometer todo tipo de fraqueza, fez com que esta lei restauradora perdesse seu efeito; a partir de então, se tornou necessário que Homem passasse novamente pelo que havia sofrido no princípio, já que todas as línguas foram confundidas, e eles não mais permaneceram como nos dias de Noé, uma única família que mantinha a língua pura.

Abraão, quando não estava sob a lei.

Neste estado de trevas universal, Abraão foi escolhido para ser o chefe de um Povo Eleito; tudo lhe foi dado, a princípio, pela revelação, por assim dizer, profeticamente, até mesmo a história de seu próprio povo que ele viu num sonho: mas nada foi dado em desenvolvimento; ele não possuía a terra que lhe havia sido mostrada; ele foi obrigado a comprar até mesmo a tumba onde Sarah foi enterrada. Ele não viu a numerosa prole que lhe foi prometida; ele viu unicamente o filho prometido, mas não os filhos deste filho, pois morreu antes do nascimento de Jacó e Esau; ele não foi encarregado de nenhum cerimonial religioso, pois o sacrifício que lhe foi ordenado a oferecer, era apenas o de servir de testemunha da aliança; Deus não lhe deu o sacrifício como uma instituição.

Ao nos dizer que a extensão da iniquidade dos Amonitas não estava completa, as Escrituras certamente nos dá um motivo pelo qual a lei não foi dada a Abraão; contudo, uma razão ainda mais direta pode ser encontrada: a lei era para ser dada a um povo e não para um indivíduo, como no caso de Adão, e este povo ainda não havia nascido. A lei deveria vir para um povo, porque eram os povos ou nações que haviam se corrompido e se afastado da lei; porque as cerimônias desta lei requeria um grande número de ministros; porque esta lei era para ser baseada no número perdido, na antiga numeração das nações, para que fosse restaurada a elas; e finalmente, porque requeria um receptáculo que deveria estar conectado em suas subdivisões com cada ramificação da lei; pois, se Adão que, corporalmente, é a raiz e tronco de toda humanidade, todos estes galhos são senão um.

A eleição de Abraão não podia alcançar seu complemento até que as doze crianças de Jacó estivessem aptas, em número, a oferecer um receptáculo, capaz de receber a influência salutar correspondente a este número, mesmo que seja somente em princípio na bênção do pai; foi somente no Sinai, que as doze tribos receberam o necessário desenvolvimento desta lei, da qual seus antepassados haviam recebidos os primeiros frutos.

A lei Mosaica, preparação para a lei profética ou espiritual.

Esta lei era unicamente uma preparação do povo para a lei espiritual que o aguardava, depois que a lei das formas e cerimônias cumprisse seu curso. Era necessário que esta lei das

formas desenvolvesse as bases e essências espirituais que continha, para que o povo, por sua vez, apresentasse ao espírito um receptáculo apropriado onde este pudesse vir e repousar.

A lei profética ou espiritual, uma preparação para a lei divina.

Finalmente, a própria lei espiritual era somente uma preparação para a lei divina, o único fim do Homem já que é uma criatura divina. Ora, é nesta lenta e suave progressão de auxílios enviados de Deus, que podemos dizer, de todas as leis em geral, o que São Paulo disse da lei hebraica em particular: "a lei se tornou nosso pedagogo para nos levar até Cristo" (Gl. III 24,26), pois não há nenhuma das leis temporais que não podem ser referidas como um tutor ou condutor para o seu objetivo, quanto a nós, somos realmente crianças até que sejamos admitidos na lei e adquiramos forças para praticá-la.

Esta tem sido a administração divina em todos estes períodos; sob a regra levítica, ou aquela dos sacrifícios de sangue, o sacerdote, por estar ainda e unicamente nas regiões naturais, recebia sua substância do povo, e a lei apontava cidades e dízimos para suas necessidades espirituais. Sob as regras proféticas, Deus alimentou seus servos por meios especiais, mas através de ação natural, como vemos em Elias e Daniel. Sob a lei da graça, a intenção do instituidor era que os sacerdotes fossem cautelosos com tudo; o alimento era para ser dado a eles pelo céu, como foi mostrado a São Pedro e na descrição e benefícios prometidos das águas vivas.

Contudo é somente para as crianças dóceis e submissas que estas leis mantêm suas características; elas mostram mais o que o homem deveria ser do que aquilo que realmente é. A mão que administra estas leis salutares, é freqüentemente obrigada a deixá-las atuar na punição do homem mais do que na sua recompensa.

Este, como vimos, foi o caso do lapso do Homem com relação à lei de Moisés; enquanto que se a posteridade de Adão tivesse sido fiel à assistência recebida nos diferentes períodos já observados, teriam facilitado enormemente a sua volta à Verdade e teriam conhecido somente os deleites dos caminhos Divinos ao invés de quase sempre experimentar seu rigor e amargor.

Tal será novamente o caso dos filhos de Israel, no período que agora iremos considerar, ou seja, o período profético ou o preceito.

A época profética, ou preceito; ameaças e promessas: seus objetivos espirituais.

Se o povo tivesse observado fielmente os decretos do Senhor, dirigidos aos superiores da raça eleita, aqueles auxílios que os acompanharam através do deserto não os teria abandonado na terra prometida; a lei dos sacrifícios de animais os teria conduzido à lei espiritual, sob a qual receberia, diretamente, os auxílios recebidos de forma indireta, enquanto estava sob a lei dos sacrifícios.

Porém, como o povo, os governantes e sacerdotes não deixaram de agregar abominações, além de violarem todas as leis de sacrifício - como testemunharam os filhos de Eli - e mais, tendo abandonado o governo teocrático, instituindo aquele vigente em outras nações que separa o povo inteiramente, não é de se surpreender que este povo atrasasse seu próprio curso, ou que, de acordo com a linguagem das Escrituras, que a palavra de Deus se tornasse rara dentre ele.

Mas se, por um lado, o Homem é aprisionado em seu caminho por suas iniquidades, o tempo não pára; e como a hora da lei espiritual havia chegado para os Judeus, ela só podia transcorrer diante de seus olhos, muito embora eles pudessem estar despreparados.

Todavia esta lei tomou, então, um caráter duplo, conforme a dupla forma de Misericórdia e Justiça que precisava realizar na Terra; como a luz que fora acesa na ocasião da eleição dos Judeus não pode ser apagada, ela então exibiu tanto os primeiros raios de sua iluminação, como os terrores da ira divina.

Esta é a razão pela qual distinguimos claramente dois tipos de profecia, uma que aterroriza o povo com ameaças, outra que promete dias de consolo e conforto aos amantes da paz. Observamos também o quanto a influência da profecia cresce nesta época; vemos como ela aborda a regeneração da alma humana, que, embora visada em todas as prévias manifestações divinas, se encontrava oculta em rituais simbólicos.

É com os Profetas que vemos o Homem escolhido desdobrar seu caráter como sacerdote e sacrificador do Senhor; ali, vemos o sacrifício de nossos pecados substituídos pelo sacrifício de animais e a circuncisão do coração e do espírito recomendada como o verdadeiro caminho da reconciliação do Homem com Deus; vemos ainda, os falsos profetas e maus pastores maculados ludibriarem a alma de seus rebanhos e lhes assegurar a vida; em resumo, vemos o início do despertar daquele dia espiritual e divino que se tornou evidente para nunca mais se pôr; assim, o Homem viu, ainda que vagamente, que nascera na região do espírito e da santidade, e que só ali poderia encontrar sua verdadeira lei e seu verdadeiro repouso.

Afirmamos que estas verdades só lhe foram mostradas vagamente porque, além da humanidade em geral, que os profetas vieram despertar, era preciso agir e fazer profecias a um certo grupo de pessoas em particular, aqueles que ainda não haviam ido além de sinais e figuras. Mas em todos os aspectos, o profeta pode sempre ser considerado como uma vítima, seja pelas mortes violentas que a maioria sofre ou seja pelos trabalhos espirituais a que se submeteram.

A razão dos sacrifícios proféticos e suas operações.

De fato os profetas substituíram as extintas virtudes do sacrifício e tornaram, aos olhos do Espírito, o lugar das vítimas, que eram, agora, oferecidas como uma mera formalidade, sem fé por parte dos sacrificadores. O sangue destes profetas tornou-se o holocausto da expiação onde a ação do Espírito operava de forma mais terrível e salvadora do que no sangue dos animais.

Operava de forma mais terrível porque este sangue derramado injustamente era um notório testemunho dos crimes e cegueira do povo. Este sangue, contudo, atraía a mais desordenada das influências espirituais, com a qual este povo perdido e culpado estava poluído, de acordo com as leis de transposição que citamos anteriormente.

Os espíritos dos profetas conduziam também, pelos sofrimentos e labuta, as iniquidades de Israel, para que, ao dispersar estas influências desordenadas, irregulares, agarradas ao povo, a comunicação de influências regulares e ordenadas fosse restituída de forma mais fácil e confiável.

Se o povo tivesse aproveitado todos estes auxílios enviados pela Sabedoria e Amor Supremo, teriam por sua vez aliviado o sangue e o espírito dos profetas da opressão daquelas influências desordenadas, comunicando-lhes novamente e participando com eles do efeito daquelas virtudes e influências ordenadas que o sacrifício corporal e espiritual dos profetas haviam atraído.

Contudo, ao endurecerem-se cada vez mais, prolongaram aos profetas, mesmo após suas mortes, as dores e os trabalhos que lhes causaram durante suas vidas, tornando-os ainda maiores, pela prática da resistência e pelo peso de suas próprias iniquidades, que a caridade divina dos profetas havia tirado de suas cabeças. Ao atraírem sobre si mesmos uma dupla mancha, a de não terem ouvido a voz da Sabedoria e a de manter em penoso encarceramento aqueles que a Sabedoria tomou como seus instrumentos, todo o sangue dos profetas derramado pelo povo, desde Abel a Zacarias, lhes será cobrado; pois não se deve esquecer que o povo Hebreu foi nada menos que o representante do Homem, de toda posteridade de Adão.

Por outro lado, o sangue dos profetas operou no povo de forma mais salvadora do que aquele das vítimas Levíticas, porque, como o sangue e a vida do Homem são a base da exata imagem da Divindade, ele não poderia ser derramado sem a liberação ou sem trazer à Luz as santas influências que as almas dos justos difundem naturalmente ao seu redor; além do mais, se o sacrifício de animais pudesse abrir a região espiritual ao povo Hebreu, o sangue e a palavra dos profetas abriam a eles as vias do divino.

O fim da época profética. A contínua corrente da orientação e misericórdia divina.

Através deste duplo poder, os profetas executaram sobre o povo Hebreu aquilo que o Espírito lhes havia enviado a realizar.

Tendo esta obra sido efetuada, as profecias acabaram entre os Judeus, pois embora o tempo não exista para o Espírito propriamente dito, a mista morada que habitamos sujeita sua ação a intervalos e partes; assim, após a escravidão babilônica, que confirmou e evidenciou as ameaças dos profetas, a obra destes parecia ter chegado ao fim; desde então, eles pareceram dar muito pouca luz, e mesmo tão pouca apenas para acelerar a construção do segundo templo; o povo então é deixado por sua própria conta, para que pudesse ter tempo de reconhecer a justiça das severidades pelas quais havia passado.

Mas, ao deixá-lo por si só, o Espírito deixou para sua orientação tanto as palavras dos profetas como a memória dos eventos recém ocorridos; assim como, após a sua eleição e Êxodo do Egito, tiveram a lei Levítica, e a história de sua libertação e de suas árduas jornadas no deserto; assim como, após o Dilúvio, os filhos de Noé ainda tinham as instruções de seu pai, e a tradição de tudo o que havia se constituído suas iniquidades, por terem considerado o Senhor um inimigo, e, o véu que caiu sobre todos os filhos de Adão só se tornou mais espesso através de seus atos.

O "Tableau Naturel" ao mostrar a necessidade de um Redentor (Reparador) que deve ser um Homem-Deus, mostrou os altos mistérios deste sacrifício, no qual a vítima oferece a si mesma sem cometer suicídio, e no qual os sacrificadores cegos, acreditando terem executado um criminoso, deram ao mundo, sem saberem, um elétron universal que realizaria sua própria renovação; "O Homem de Desejo" mostrou que o sangue desta vítima era espírito e vida, desta forma quando os Judeus perguntaram se ele poderia ser derramado sobre eles e seus filhos, não puderam separar a misericórdia da Justiça que estavam contidas ali.

Nós apenas recordamos, rapidamente, estas profundas e confortantes verdades, pois os espírito do Homem não as pode ter constantemente diante de si.

O Homem libertado da prisão de seu sangue.

Vimos que, após a queda, o sangue se tornou uma barreira e uma prisão para o Homem, e que havia a necessidade deste sangue ser purificado a fim de que o Homem recupere sua liberdade progressivamente, através das transposições que o derramamento deste sangue forjou a seu favor. Contudo vimos, ao mesmo tempo, que cada uma das leis fornecidas para a sua regeneração era apenas uma espécie de iniciação a uma lei ainda mais elevada; o objetivo de todas estas leis preparatórias era levar o Homem a fazer um sacrifício livre e voluntário de si próprio; nenhum sacrifício prévio poderia substituir a este, uma vez que, sem o derramamento de seu próprio sangue, ele não pode afirmar que está realmente libertado da prisão em que seu sangue o enclausurou.

Ora, o que lhe poderia ensinar esta bela e profunda verdade? Que o ideal não era o sacrifício de animais, já que estes, destituídos de moralidade, não deu ao Homem idéia alguma de sacrifício voluntário; e como eles traziam nada mais que seus corpos ao altar, nada mais podiam conseguir do que liberar suas correntes corporais.

Tampouco o sacrifício e morte dos profetas foi suficiente, já que estes não morreram voluntariamente, embora possam ter tido resignação; esta morte foi, para aqueles que a sofreram, apenas uma incerta consequência de suas missões, e não a missão propriamente dita; eles foram enviados apenas para enunciar a chegada do dia eterno da libertação do Homem; além disso, desejaram observar este dia eterno, que proclamaram sem conhecerem, e que avistaram apenas parcialmente, de tempo em tempo, e através de lampejos do espírito.

As condições necessárias da vítima e do sacrifício para libertar a humanidade.

Posto que a palavra e o sangue dos profetas foram mais úteis ao Homem do que as vítimas da lei Levítica - e de ocorrerem desde a época de Adão até os dias de hoje; e por Adão, após sua queda, ter a lembrança de seu crime e do sacrifício do Amor que a Bondade Suprema havia feito voluntariamente a seu favor a fim de arrancá-lo do abismo - vemos que desde o primeiro pacto divino e a partir da região pura onde a verdade habita, uma contínua corrente de luz e misericórdia se estende ao Homem, através de todas as épocas, até o fim dos tempos, até retornar à morada de onde descende, levando consigo todas as almas pacíficas que terá coletado em seu caminho; que o Homem saiba que foi o Amor que abriu, dirigiu e fechou o círculo de todas as coisas.

A transição da época profética para aquela das boas-novas sobre a libertação universal.

O sangue e as palavras dos profetas levou o povo hebreu apenas até as vias do templo da região divina, porque não havia chegado o tempo em que o Homem podia adentrar ao templo

propriamente dito. Muitos profetas foram empregados nesta obra preparatória, e a mão que os guiou no deserto lhes traçou diferentes caminhos pelos quais nunca haviam passado. Por esta razão, cada profeta, percorrendo seu próprio caminho particular, nem sempre sabia o termo final para o qual suas profecias apontavam.

O povo, que não havia reconhecido a lei do Espírito nas cerimônias Levíticas, apesar de lá estar presente, tampouco reconheceu a lei divina contida na lei do Espírito, ou as profecias; além do mais, continuaram a caminhar nas trevas e assim chegaram à época da libertação universal, que nunca deixou de ser anunciada pelos profetas, de acordo com o conhecimento de cada um; a época da libertação universal também é citada nos livros de Moisés, particularmente nas bênçãos que Jacó proferiu a seus filhos; se o povo tivesse feito um cuidadoso estudo destes livros, teria encontrado algo que prenderia suas atenções, a passagem do poder temporal de Judá para as mãos de Herodes!

A união secreta de todas as leis divinas.

A íntima união de todas estas leis é um dos mais sublimes segredos da Santa Sabedoria, que se mostra, assim, ser sempre uma, apesar da diversidade e dos intervalos de suas operações.

O povo judeu era demasiadamente bruto para penetrar esta simples e profunda verdade. Onerado, sobretudo, por todas as iniquidades cometidas ao negligenciar as leis e recomendações de Moisés e pelo derramamento do sangue dos profetas, o povo judeu viu que a lei da graça, cujo o tempo havia chegado para toda a humanidade, recaiu sobre este como reprovação, já que falhou no seu papel de representante desta lei; ao invés de eliminarem seus crimes através da fé na nova vítima, que veio para oferecer-se a si próprio, eles o colocaram ainda mais longe ao libertarem sua mente; não o conduziram àquela sublime idéia de um sacrifício submisso e voluntário, encontrado no conhecimento do abismo ao qual nosso sangue nos retém e na viva esperança de nossa libertação absoluta quando este sacrifício é feito sob os olhos da Luz e no verdadeiro movimento de nossa natureza eterna.

Assim, uma outra vítima foi requisitada, alguém que reunisse em si as propriedades das vítimas precedentes e que ensinasse o Homem, através do preceito e exemplos, o verdadeiro sacrifício que ele ainda tinha que fazer para cumprir completamente o espírito da lei.

Esta vítima deveria ensinar ao Homem que, para alcançar o objetivo essencial do sacrifício, não é suficiente que ele morra como carneiros e touros, sem a participação do espírito de que estavam privados; ensinar que, ainda não é suficiente que morra corporalmente, como os profetas, mortos injustamente pelas paixões do povo para o qual pregavam a verdade, pois acreditavam que pudessem escapar deste erro, assim como Elyah, sem falharem em sua missão.

Era preciso ensinar ao Homem que era necessário, por sua própria vontade, conscientemente e em perfeita serenidade, entrar em sacrifício de seu ser físico e animal, assim como o único que poderia separá-lo do abismo no qual está confinado pelo seu sangue, que, para o Homem é o órgão e ministro do pecado; em resumo, é preciso ensinar ao Homem a encontrar a morte como um triunfo, que o eleva da posição de escravo e criminoso e lhe dá posse de sua própria herança.

Estas condições se cumpriram no derramar do sangue do Redentor.

Este era o segredo sublime que o Redentor veio revelar aos mortais; esta era a luz luminosa que ele permitiu que os homens descobrissem em suas próprias almas, ao sacrificar-se voluntariamente por eles, deixando-se capturar por aqueles a quem veio derrotar através do sopro de seu verbo; orando por aqueles que mataram seu corpo, o derramamento de seu sangue realizou todas estas maravilhas, porque, ao mergulhar em nosso abismo de trevas, o Redentor seguiu todas as leis de transposição pelas quais esta região é constituída e governada.

De fato, o derramar do sangue de uma vítima deve operar de acordo com a posição e propriedades das vítimas; se o sangue de animais podia apenas libertar as correntes corporais do pecado no Homem, que são todas elementares, se o sangue dos profetas libertaram as correntes do espírito do Homem, ao permitirem que este discernisse os raios da estrela de Jacó, o derramamento do sangue do Redentor serviu para libertar as correntes de nossa alma divina, já que o Redentor era o próprio princípio da alma humana, ele abriu os olhos desta alma divina o suficiente para ver a exata fonte de sua existência, e sentir que é unicamente através do sacrifício voluntário interno de tudo aquilo o que está ou pertence ao nosso sangue, é que podemos algum dia satisfazer o desejo e a vontade essencial que sentimos de nos reunir com nossa fonte divina.

O Homem Espírito pode atingir sua regeneração ainda neste mundo.

Não é de se surpreender que uma revelação como esta abolisse todos os outros sacrifícios e vítimas, uma vez que agora o Homem é colocado exatamente na sua posição: assim, de agora em diante, o Homem Espírito é elevado à posição de um verdadeiro sacrificador e aguarda o momento de reentrar nos caminhos da regeneração e atingir, pelo menos através de sua compreensão, sua plena realização ainda neste mundo, basta unir a si mesmo em coração, mente e obra com aquele que abriu o caminho e atingiu o objetivo antes dele.

Revelação do Homem-Deus comparada com tudo o que veio antes dele.

Aqui também não há surpresas; como todas as revelações anteriores esta também deveria chegar até nós através de um homem, já que o Homem era seu objetivo; mas o que eminentemente a distingue das outras é que esta foi pregada, provada e inteiramente realizada no Deus-Homem e no Homem-Deus, enquanto que, dentre as outras, nenhuma teve este caráter universal.

A morte de Abel não foi voluntária: ela pode ter sido útil para a elevação de Adão, na transposição das influências desordenadas aderidas ao pai culpado da humanidade, efetivadas através deste sangue que fora derramado; mas isto não cumpriu a obra da aliança com Deus, pois Abel nada mais era do que um homem concebido no pecado; seu irmão Seth foi escolhido, em seu lugar, para transmitir ao Homem a continuação e o curso das graças espirituais, aprisionadas pela sua morte.

A revelação da justiça feita a Noé e derramada, diante de seus olhos, sobre a posteridade do Homem, o colocou, sem dúvida, na primeira posição daqueles escolhidos pelo Senhor, para a

execução dos planos de sua Sabedoria divina; mas Noé aparece, nesta grande catástrofe, mais como um anjo exterminador, do que como um libertador da humanidade, além do mais, as vítimas que ele oferece em sacrifício eram de uma natureza diferente da sua e poderiam buscar auxílios para o Homem somente após ajudarem sua própria espécie.

Abraão derrama seu sangue em circuncisão, como um sinal de sua aliança com Deus e evidência de sua eleição: mas ele não derramou o princípio, propriamente dito, de seu sangue, onde residia sua vida animal; não é preciso acrescentarmos mais nada além do que já foi dito sobre este patriarca.

Seu filho Isaac chegou bem perto, mas não consumou o sacrifício, porque o Homem ainda estava no tempo das formas, e a fé de seu pai foi suficiente para consolidar a aliança, sem manchá-la pelas atrocidades do infanticídio.

Moisés serviu como órgão para a eleição do povo Hebreu, foi até mesmo, como Homem, ministro deste povo; é ainda como Homem que foi escolhido para operar sobre o Homem ou seus representantes (os Hebreus); mas como agia somente sobre os representantes do Homem em geral, era chamado apenas a empregar sacrifícios externos e vítimas figurativas, por causa da permanente razão de que como o Homem estava ainda apenas na era dos símbolos e imagens, a lei das transposições só poderia operar sobre ele desta forma, não podendo se elevar.

Os profetas vieram, para dar seu sangue e sua palavra cooperando assim, na libertação do Homem. Se houvesse a necessidade de que os próprios homens viessem executar os decretos da justiça, e traçar figurativamente os caminhos da regeneração, seria ainda mais necessário que os homens viessem para abrir as entradas dos verdadeiros caminhos do Espírito; os profetas eram o órgão, a língua e a exata expressão do Espírito, enquanto que Moisés recebeu a lei e a transmitiu unicamente sobre pedras; em resumo, Moisés, diante dos mágicos do Faraó, só tomou a serpente pela cauda; é preciso um poder maior do que Moisés para pegá-la pela cabeça, de outra forma a vitória não seria completa.

Tudo num profeta mostra o que eles queriam a fim de introduzirem o Homem na revelação de sua própria grandeza; podemos acrescentar uma razão simples e notável ao que já dissemos, a de que estes homens altamente favorecidos não eram um Princípio do Homem.

Podemos aqui encontrar uma explicação parcial da passagem de São João (X.8): "Todos aqueles que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não lhes deram ouvidos", embora esta passagem se aplique muito mais diretamente aos grandes sacerdotes do que aos profetas, mostra claramente que todos aqueles superiores e enviados eram incapazes de fazer com que o povo adentrasse ao reino, já que caminhavam somente no espírito e o reino é divino; mas esta passagem mostra também que eles não eram verdadeiros pastores, uma vez que não ofereciam suas vidas voluntariamente para o povo, e ao invés de protegê-lo do inimigo, freqüentemente eram os primeiros a entregá-lo à sua própria ira.

Isto é o que Deus combateu de forma tão forte em Ezequiel (XXII. 24-31), onde após marcar os crimes dos princípios e os pecados dos profetas diz: "Tenho procurado entre eles alguém que construísse o muro e se detivesse sobre a brecha diante de mim, em favor da Terra, a fim de prevenir a sua destruição, mas não encontrei ninguém".

As condições necessárias de um verdadeiro libertador se completaram em Cristo. "Está feito".

Estava reservado a Ele, o Princípio do Homem, reunir todas estas condições para o Homem. Nada senão este criativo, vital e vivificante Princípio poderia ser o verdadeiro libertador, porque o derramamento voluntário de seu sangue, ao qual nenhum sangue sobre a terra pode ser comparado, foi capaz, por si só, de realizar o completo deslocamento das substâncias estranhas mergulhadas no sangue do Homem.

Nada, senão este divino princípio poderia extrair a alma humana de seu abismo, e identificá-la com sigo próprio, a fim de que a alma fosse capaz de experimentar os prazeres de sua verdadeira natureza; só Ele, sendo o depósito da chave de Davi, poderia por um lado fechar o abismo e, por outro, abrir o Reino da Luz, restaurando o Homem ao posto que sempre deveria ter ocupado.

Observá-lo somente de um ponto de vista externo e temporal, é não saber nada sobre o Redentor, é não se elevar, através de um desenvolvimento da compreensão, ao centro divino a que pertenceu. Vamos, então, traçar, a partir da diversidade de características com as quais foi revestido, alguns meios de adequar sua homificação (Antropomorfização) espiritual as nossas débeis faculdades, o que precedeu seu advento corporal.

Sendo o Eterno Princípio do Amor, era necessário, antes de mais nada, que ele tomasse o caráter de Homem imaterial, seu Filho; e para cumprir tal tarefa, foi suficiente olhar a si próprio no espelho da Virgem Eterna, ou SOPHIA, no qual sua mente havia gravado, por toda Eternidade, o modelo de todas as coisas.

Após se tornar Homem imaterial, pelo simples ato de contemplação de sua mente no espelho da Virgem Eterna ou SOPHIA, era preciso se revestir com o puro elemento, aquele corpo glorioso que está absorvido em nossa matéria desde a Queda.

Após se revestir com puro elemento, ele tinha que se constituir de princípio da vida corporal, unindo-se com o Espírito do Grande Mundo ou Universo. Depois de se tornar o princípio da vida corporal, era preciso se tornar elemento terrestre, unindo-se com a região elementar; para tanto, teve que se fazer carne, no ventre de uma virgem terrestre, revestindo-se com a carne procedente do pecado do primeiro Homem, já que foi da carne, elementos e espírito do Universo (Grand Monde) que veio nos libertar. Sobre isto, tenho que reportar o leitor a Jacob Boehme que tem emitido tão grande e profunda luz sobre este assunto.

Agora vemos porque o sacrifício feito pelo Redentor a cada passo, descendo das alturas de onde caímos, era necessariamente apropriado a todas as nossas misérias e todos os nossos sofrimentos. Este foi o único sacrifício que culminou com aquelas confortantes, ainda que terríveis palavras, "Está feito"; confortantes pela certeza que nos dá de que a obra está realizada, e de que nossos inimigos serão colocados sob nossos pés, sempre que seguirmos os passos daquele que os subjugou; terríveis porque se permitirmos que se tornem vãs através de nossa ingratidão e indiferença, nenhum recurso, então, nos restará, porque não podemos contar com nenhum outro Deus, e não há nenhum outro libertador a esperar.

Agora não é hora de expiar nossas faltas e limpar nossas manchas através do sacrifício de animais, já que Ele próprio expulsou as ovelhas, bois e pombos do Templo. Não é tempo em que os profetas podem vir e abrir a nós os caminhos do Espírito, pois já deixariam estes caminhos abertos e o Espírito olha por nós continuamente.

Finalmente, não é mais tempo de esperar que o Salvador das nações venha até nós, Ele já veio; sendo o princípio e o fim de todas as coisas, não podemos agir como se houvesse outro Deus depois dele, e nem lhe negar uma fé sem limites e uma convicção universal, já que tudo o que sabemos sobre isto aprendemos com ele, seria uma ofensa; a fé e a convicção de fato só poderia repousar nele, real e fisicamente, pois só o Redentor é universalidade. Está feito.

Desta forma, não temos outro trabalho, outra tarefa senão a de nos empenhar, ao máximo, a fim de participarmos da obra acabada e banir de nós tudo o que possa evitar nosso progresso.

Origem e natureza do mal moral, uma transposição, sua retificação.

Se o Redentor, pela virtude da simples mas frutífera lei das transposições, restaurou todas as nossas essências ao seu lugar e fez com que as trevas e a desordem desaparecessem para o Homem restabelecendo-o em seu posto, é fácil reconhecer que o mal não é um princípio essencial eterno, oposto através da necessidade de sua natureza ao Princípio de Deus, como acreditavam os maniqueístas; é fácil perceber que, como a liberdade é o caráter distintivo que coloca o ser moral entre Deus e a matéria, basta deixá-lo ao uso desta liberdade, que o Autor de todas as coisas não pode dar e tirar ao mesmo tempo, para conceber tanto a origem do mal nas criaturas morais como sua natureza inferior.

De acordo com esta explicação do mal, que se apoia unicamente nas deslocções (transposições) das substâncias, fica igualmente fácil perceber as várias propriedades e uso dos sacrifícios, além do processo e efeitos que procuramos explicar.

Finalmente, é simples perceber o quão vastamente superior foi o sacrifício do Redentor em relação a todos os precedentes, já que o próprio príncipe da iniquidade que comanda o Homem, teve que ser transposto no abismo; estava reservado ao próprio supremo e divino comandante da Luz, Força e Autoridade obter tal vitória.

Não seria demais observar aqui que, embora os sacrifícios de sangue de Jesus terem tido continuidade após o grande sacrifício, chegando até à destruição de cidades, o povo não apreendeu senão a forma; o espírito foi inteiramente perdido, uma vez que o sacrifício da vítima divina estava mais longe deles do que nunca.

Portanto, a partir daí, só restou a degeneração cada vez maior e o período que culminou com a grande expansão de vingança sobre este povo culpado, mostra, de uma vez, a retirada da influência protetora (ação) do Espírito, e os terríveis efeitos da justiça do Espírito vingador; foi um julgamento severo, que não poderia ser executado ao mesmo tempo que a obra do Redentor, pois Ele veio unicamente para realizar a obra do amor e da misericórdia.

A Instituição da Eucaristia.

Embora o sacrifício do Redentor tenha colocado os homens numa posição de cumprir, quanto mais possível, aqui embaixo a sublime tarefa da regeneração, servindo e se unindo ao espírito e à verdade, Ele deixou também, quando partiu da Terra, um sinal da aliança, que poderia trazer sua presença e devoção aos nossos olhos diariamente; temos visto sinais e testemunhas após as várias manifestações das leis da justiça, os rituais Levíticos e as revelações proféticas que tem sido promulgadas desde o início do mundo.

Ele pretendeu que este sinal de aliança fosse como um desenvolvimento daquela semente divina que veio semear em nossa estéril e corrupta terra; e como somos seres compostos, Ele compôs este sinal de várias substâncias operativas, a fim de que todas as substâncias que nos compõem possam ser nutridas, preservadas e sustentadas, cada uma de acordo com sua classe e necessidade. Mas pretendeu, sobretudo, que esta instituição extraísse todo seu valor do Espírito,

de onde tudo procede e pelo qual tudo é santificado; neste aspecto devemos observar quantas vantagens tal instituição pode nos oferecer quando nos elevamos ao sublime sentido que seu criador lhe deu.

Não há mistério para o Homem Espírito.

Se está escrito que devemos ser santos, abordemos o que é santo; devemos também ser espírito, então abordemos o que é Espírito; esta é a razão pela qual o Homem terrestre só enxerga com os olhos de trevas e profanação, enquanto que o Homem Espírito responde por tudo o que lhe é dado para seu uso e oferecido à sua reflexão.

Os ministros das coisas santas têm feito com que a mente humana reflita sobre estes assuntos relativos à Eucaristia inserindo, no que chamam de cerimônias sacramentais, as palavras *mysterium fidei* (Mistérios santos), que não aparecem no Evangelho e estavam longe da mente do Senhor; se nos empenhássemos em nossa verdadeira regeneração, como Ele nunca deixou de nos advertir, não haveria mistérios para nós, já que, ao contrário, fomos feitos para trazer à luz todos os mistérios, na condição de ministros da Fonte Eterna de Luz.

Como o espírito trabalha no símbolo.

Vamos lembrar que o Espírito repousava no cordeiro por ocasião da libertação do Egito e isto é o que deu todo valor ao sacrifício. Assim, vamos lembrar que a vida divina repousava, e ainda repousa, nas substâncias do sacrifício no novo pacto; uma vez que o Espírito da Verdade não foi espalhado em vão e não pode ser confundido em seus planos e efeitos; desde o início do novo pacto (e talvez desde o princípio) podemos nos referir ao pão e ao vinho como sendo marcados pelo espírito da vida que tem sido derramado sobre eles.

Não devemos nunca, em tempo algum, comer o nosso pão e beber nosso vinho sem trazer à mente o sagrado sinal com o qual têm sido investidos, não permitindo, assim, que caiam diretamente sob os poderes elementares que não são santos.

Estas substâncias estão unidas ao elemento puro, este está unido ao Espírito, que por sua vez, está unido ao Verbo e o Verbo está unido à primeira Fonte Eterna; através desta ordem harmônica, a instituição da nova aliança trabalha para o benefício de todos os princípios que nos compõem; de fato, ela trabalha em espírito e em verdade em todo o nosso ser; o pão sem fermento purifica nossa matéria; o vinho purifica nosso princípio de vida animal; o corpo glorioso ou elemento puro restaura em nós aquele revestimento primitivo que perdemos através do pecado; o Espírito trabalha nossa compreensão; o Verbo trabalha na raiz de nossas palavras; a vida trabalha em nossa essência divina; estes trabalhos consistem na elevação de cada ordem do ser até um grau além do ponto em que se estende sua ação.

Mais que nada, a instituição do nosso pacto tem como sinais quatro grandes e eficazes unidades, a saber:

A dupla relação elementar, que é comunicada a nós nas duas substâncias; a correspondência de todos os eleitos que tenham auxiliado o sacrifício, desde o início do mundo, eles estão sentados à mesa santa de onde fazem fluir em nossos corações, as palavras sagradas que ouvem, superiores talvez, àquelas conhecidas na consagração; O elemento puro ou o verdadeiro sangue e carne, que fortalecem todas as nossas faculdades de inteligência, e nossa atividade no trabalho; e, finalmente, o próprio Agente Divino que, sob os olhos do Pai, espalha a

santificação, o selo e caráter do que tem recebido; sendo ao mesmo tempo o autor, ministro e fundador do sinal de sua aliança, restaura nosso peso, número e medida.

Ora, por que só este Regente Divino pode dar o batismo universal? Por que é o cordeiro que tira o pecado do mundo? Se não é unicamente a sua presença que restaura todos os princípios ao devido lugar, não há desordem senão na transposição?

Mas, sendo sujeito à lei do tempo, que tem dividido todas as coisas, Ele faz com que a sua virtualidade repousasse sobre os sinais materiais de sua aliança, apenas de maneira passiva, aguardando uma reação por parte do Homem renovado; assim, durante o curso de sua obra na Terra, Ele próprio esperou que a reação do verbo de seu Pai desenvolvesse seus próprios poderes.

Por esta razão é que realizou esta instituição para os homens regenerados por ele, enquanto ascendia à sua origem, para beber o novo sumo do vinho celeste e para pronunciar incessantemente, no reino invisível, palavras de vida correspondentes àquelas do sacramento. Desta forma, os homens regenerados, que devem administrar seus sacramentos, estão em relação harmônica (conformidade) com Ele e sua obra regenerativa, sendo capazes de conectar com esta obra regenerativa todos aqueles que desejam dela participar, ingressando em espírito e verdade.

Vamos lembrar que estamos mortos, e que o Redentor teve que penetrar nossa morte para se tornar como nós; mas como ao entrar em nossa morte ele não deixou de estar na vida, ao se fazer como nós ele ainda era nosso princípio único; portanto, ele não poderia morrer sem se elevar novamente e sem nos elevar com ele; esta ressurreição foi necessária para que pudéssemos provar, louvar e celebrar a Vida, que foi e será eternamente, o objetivo da existência de todo ser espiritual, feito à imagem do Autor Soberano de todos os seres.

A instituição do Superior tinha, então, o objetivo de retrair esta morte e ressurreição em nós, mesmo antes da dissolução de nossas essências corporais; isto é, nos ensinar a morrer com o Redentor e com ele nos elevar novamente. Assim, esta cerimônia religiosa, considerada em toda sua sublimidade, pode se tornar em nós realmente uma emanção, criação e regeneração ou uma perpétua e universal ressurreição; eu diria que pode nos transformar no reino de Deus, e nos tornar uno com Deus.

A porção do Homem na ceia; confissão e fé.

Ao mesmo tempo, é essencial que o ministro repita incessantemente aos fiéis as palavras do instituidor: "A carne não traz benefício algum: minhas palavras são espírito e vida"; pois quantos espíritos tem sido mortos pela letra de outras palavras! Todo pensamento da carne e do sangue deve ser banido tanto do ministro como de nós, isto é, devemos ascender, como o Redentor, à região do puro elemento, nosso corpo primitivo que contém a Eterna SOPHIA, as duas tinturas, o espírito e o verbo. É somente a este custo que aquilo que circula no reino de Deus, pode também circular em nós.

Se não nos elevarmos a esta sublime unidade que abarca todas as coisas, através de nossos pensamentos, se confundirmos a instituição com a obra que deve ser realizada internamente e se confundirmos o fim com os meios, o subsidiário com o essencial, estaremos longe de cumprir o espírito da instituição. Este espírito requer que confessemos a morte do Cristo à nossas próprias iniquidades, a fim de extraviá-las; confessá-la aos homens de Deus, de todas as épocas, para que possam estar ativamente presentes em nossa obra; confessá-la a Deus, para lembrá-lo de que fomos trazidos à vida desde que Ele selou seu próprio selo e caráter no libertador que escolheu;

finalmente, é necessário que confessemos esta morte ao inimigo, em todo lugar, a fim de fazê-lo fugir, pois este foi o objetivo da morte corporal do Redentor.

Ora, a instituição da Ceia foi deixada para nos ajudar a trabalhar efetivamente nesta obra viva, a qual temos que realizar individualmente. É nesta obra viva que todas as transposições desaparecem e tudo retorna à sua própria posição, recuperamos aquele puro elemento ou corpo primitivo, que só pode ser restaurado na medida em que sejamos novamente a semelhança de Deus; porque a verdadeira semelhança de Deus só pode habitar tal corpo.

A divina forma humana.

Podemos aqui descobrir a fonte natural de todas aquelas representações antropomórficas das quais o mundo está cheio. Se os escultores representam todas as virtudes terrestres e celestes, sob formas humanas, seja masculina ou feminina; se os poetas personificam todos os deuses e deusas do Empíreo, além de todos os poderes da natureza e dos elementos; se sectos religiosos enchem seus templos com estátuas humanas, o princípio de origem destas práticas não é, de forma alguma uma ilusão, assim como são os efeitos.

A forma humana primitiva deve, de fato, mostrar-se e reinar em todas as regiões. O Homem, sendo a imagem e extrato do centro generativo de tudo o que é, sua forma é o lugar onde todos os poderes de cada região vinham exercitar e manifestar suas ações; em uma palavra, era o ponto de correspondência para todas as propriedades e virtudes. Assim, toda representação que o Homem faz de si mesmo, reproduz apenas a figura daquilo que poderia e deveria ser, recolocando-o, figurativamente, numa posição (medida) na qual ele não está.

Vamos observar, que, quando os sábios comparam o corpo humano com o dos animais, o que chamam de anatomia comparativa, nosso corpo real não entra nesta comparação anatômica, o que de fato nos ensina que somos como outros animais.

Seria melhor que comparassem nosso corpo superior, que não é animal, com nosso próprio corpo animal, se quisessem obter nossa verídica anatomia comparativa; não é suficiente observar coisas em sua similitudes, é essencial observá-las também em suas diferenças.

Da comparação de nossa forma atual com a primitiva, podemos obter resultados úteis sobre a questão de nosso destino original; mas na falta desta importante comparação, que de fato estaria ao alcance de poucos, devemos ao menos extrair indícios luminosos sobre nosso estado anterior, das maravilhosas obras que ainda produzimos através de nossos órgãos corporais; coisas que apesar de nossa condição de queda e dos meios artificiais aos quais estamos restritos, devem abrir nossos olhos às maravilhas naturais que poderíamos ter engendrado se tivéssemos preservado os direitos pertencentes a nossa forma primitiva.

Imagens religiosas e suas origens.

O abuso do antropomorfismo religioso que encheu os templos com imagens humanas rapidamente se transformou em objetos de adoração e idolatria pelo simples fato de ter surgido do exato movimento do coração de Deus para a restauração da humanidade, no momento de nossa queda, quando este coração divino se tornou Homem Espírito.

Como o pacto da restauração é implantado em todos os homens através de sucessivas gerações, eles estão sempre prontos a vê-lo germinar e a olhar os ídolos humanos como a expressão e o cumprimento deste pacto ou a necessidade que tanto sentem de cumpri-lo, embora

isto seja desordenado. Além do mais, os homens estão sempre prontos a formar para si próprios, tanto interna como externamente, modelos perceptíveis de acordo com a obra a ser realizada por eles.

Assim, a necessidade de ter um Homem-Deus por perto e a prontidão em acreditar segundo seu desejo, tem sido a origem dos ídolos humanos e sua adoração. Depois disso, ficou fácil operar, através da fraude, sobre a fraqueza e a ignorância a fim de propagar a superstição, seja de forma absurda ou até criminosa; é sempre necessário, até mesmo neste caso, excluir a origem espiritual ativa do antropomorfismo, como mostramos acima.

A obra da perfeita regeneração após a morte; o poder do inimigo; a Virgem na alma.

Nada senão a renovação de nosso ser, aqui embaixo, pode produzir ao Homem, o que ele procura em vão em suas superstições e ídolos; esta própria renovação é apenas uma preparação para a perfeita regeneração, que, como vimos, só ocorre com a separação de nossos princípios corporais ou o derramamento de nosso sangue. Além do mais, após a morte somos removidos para o grande ternário, ou o triângulo universal, que se estende do Primeiro Ser à Natureza; cada uma das três ações extraem para si todos nossos princípios constituintes: divino, espiritual e elementar, para restabelecê-los, se formos puro, e restaurar a liberdade à nossa alma, para que acenda novamente à sua fonte. Isto é o que Cristo permite que seja feito a si mesmo, fisicamente, através de sua morte e sepultamento.

Mas, se não formos puro, o inimigo que não se opõe a separação das partes corporais, que pertence à forma, se opõe à renovação dos princípios sobre os quais havia obtido o comando e os retém todos ao seu domínio, para o grande detrimento da alma desafortunada que se tornou sua vítima.

Podemos auxiliar a renovação de nossos princípios apenas enquanto possuímos uma Virgem Eterna renascida em nossas almas, pela qual o Filho do Homem pode habitar a carne, com todas as suas virtudes e poderes; alcançar o renascimento desta Virgem Eterna em nós é reviver o corpo primitivo ou o puro elemento. Aqui, vemos escrito no Homem todas as leis dos sacrifícios simbólicos dos quais o Homem é realmente o objetivo, mesmo quando ele parece ser apenas um órgão ou instrumento.

O Homem é o microcosmo onde o sacrifício é oferecido.

O Homem sendo uma miniatura dos mundos físico e divino, é certo que seu corpo contém as essências de tudo o que há na Natureza, assim como sua alma contém as essências de tudo o que há na Divindade. Assim, deve haver neste corpo uma correspondência com cada substância do universo, conseqüentemente, tanto com animais puros como impuros e com tudo compreendido nos sacrifícios; embora, não possamos discernir tais essências em nós, podemos acreditar em suas correspondências externas, através das figuras e formas perceptíveis que apresentam em nossas mentes, também através de símbolos e imagens que assumem os bons e maus espíritos, diariamente e fisicamente para a nossa instrução ou provação. Contudo não é necessário, na ocasião do sacrifício, conhecermos tudo isto fisicamente para que nossa intenção seja pura, viva e para que estes primeiros passos da lei material se complete em nós; é suficiente

que, pela retidão de nosso senso espiritual natural, permitamos que o princípio da verdade que nos anima aja, pois Ele tem sob si sacrificadores que irão sacrificar conosco os animais puros, oferenda que nos será útil, e separar de nós os animais impuros, que não devem participar dos sacrifícios. Esta é a lei que atua em nós e, por assim dizer, nos é desconhecida; ela requer de nós a pureza legítima ordenada ao povo judeu, mas não requer mais conhecimento do que tinha o povo quando abordou os sacrifícios; esta é a lei de nossa infância, que nos conduzirá com segurança à lei pura de nossa maturidade.

Não duvidemos que o sacrifício destes animais puros em nós abra um caminho de correspondências salutare, como ocorreu aos hebreus quando celebraram seus sacrifícios externos.

O efeito seria ainda mais certo e positivo, para cada homem individualmente, se não fôssemos continuamente perturbados por povos estranhos que aceitamos no sacrifício e pelos animais impuros que permitimos estar sob a faca do sacrificador, pois eles nos abrem correspondências invertidas; tudo deve atuar nos princípios do Homem, enquanto que na lei simbólica hebraica tudo atuou externamente.

Mas esta obra preliminar, estando além das forças do Homem, em sua infância, irá ter o ramo de conhecimento de seus mestres temporais como guia do Homem, dirigindo a obra em seu interior; os mestres devem responder por este Homem, quando ele chegar na próxima época.

A jornada individual rumo a Canaã. Os Dez Mandamentos.

Quando o Homem, devidamente preparado, chega a esta época, a lei espiritual dentro dele associa-se com o que é perceptível, até tomar completamente o seu lugar. Esta lei espiritual se anuncia através de uma incrível iluminação, como ocorreu aos hebreus no Monte Sinai; ela proclama conosco, em alta voz, o primeiro mandamento: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de minha face".

Esta voz ressoa por todo nosso ser: ela não só faz com que todos os falsos deuses fujam pelo terror de suas palavras, mas também destrói todos os povos estranhos e os sentimentos idólatras que temos vivido entre os Caldeus, até sermos chamados à terra de Canaã.

Posteriormente, proclama todos os outros preceitos do Decálogo, que nada mais são do que uma necessária seqüência do primeiro. Como esta lei, terrível ainda que salutar, será proclamada somente quando já estivermos fora da terra do Egito, desfrutando da liberdade e engajados na lei do Espírito, deste momento em diante seremos responsáveis por nossa própria conduta sob a luz da lei espiritual. Portanto somos felizes ao "gravar esta lei em nossos corações e ao escrevê-la nos umbrais de nossas portas" (Deut. VI 9).

A sujeição espiritual individual, o sacrifício e a libertação levam à era profética individual.

Neste estado, a lei do sacrifício ainda nos é, sem dúvida, necessária; mas nós mesmos somos os Levitas e sacrificadores, uma vez que temos acesso ao altar e devemos, de acordo com a regra levítica, sacrificar ao Senhor, diariamente, vítimas de sua própria escolha, oferecendo aquelas de aroma agradável a Ele.

Devemos oferecer este sacrifício para o nosso próprio progresso no campo das correspondências, pois ao fazermos um uso santo de nossos princípios constituintes, nos reunimos às influências restauradoras (ações) da mesma natureza destes princípios. Devemos, mais ainda, fazê-lo de forma contínua a fim de nos adaptarmos ao espírito que se estabeleceu em nós, porque o ato deste espírito jamais deve ser interrompido, mas sempre reforçado.

Este alto empreendimento que podemos chamar de a primeira idade da lei do Espírito, está consagrado; este dever é tão imperativo que se falharmos, rapidamente cairemos no domínio de diferentes tipos de escravidão, análogas às nossas faltas; porém quando oprimidos pelo jugo dos déspotas, choramos ao Deus Todo-Poderoso, e Ele envia os libertadores para nos colocar novamente no caminho certo.

Os auxílios que Ele envia estão fundamentados na centelha de vida e na luz semeada em nós na medida em que invocamos a lei espiritual; esta nunca é totalmente extinta por nossas faltas, mas se fermenta ainda mais sob confinamento e sob as tormentas dos diferentes tipos de escravidão, emitindo alguns raios que a Divindade reconhece como pertencentes a Si, o que O induz a descer e auxiliar Suas miseráveis criaturas.

Ele, assim, procedeu com os hebreus, quando chegou a hora da libertação do Egito; não se pode esquecer que eles eram os filhos da promessa e carregavam consigo o espírito da eleição de seu pai; assim Ele procedeu com eles diante dos Juizes, quando representaram o Homem emancipado ou sob a lei da liberdade. É desta forma que sob uma quase ininterrupta alternância de quedas e recuperações chegamos à segunda idade do espírito, a profética.

**Quando a idade profética individual é alcançada completamente,
o espírito do Homem queima com ele a fim de propagar a Verdade,
dá-se o início da Misericórdia.**

Foi dito ao pai dos Judeus que todas as nações deveriam ser abençoadas nele. Ora, até a idade profética, o povo hebreu viveu bem separado das outras nações; a única relação que mantiveram com elas foi de luta; a lei proibiu que se aliassem com estranhos e ordenou que praticassem os rituais e cerimônias dos quais eram depositários, para seu próprio progresso; esta é uma representação do que devemos fazer durante nossa primeira idade ou lei espiritual, quando devemos nos separar de tudo aquilo que possa impedir nosso crescimento ou a aquisição de dádivas necessárias; que as nações possam, algum dia, ser abençoadas em nós.

Contudo, quando a idade profética chegou, os germens da Misericórdia foram primeiramente semeados em Israel, assim como a instituição dos sacrifícios havia plantado neles os primeiros germens do Espírito. Este povo que, até a idade profética, só pensou em si e desprezou todos os outros povos, começou, através da alma de seus profetas, a se sentir entusiasmado pelo retorno de outras nações à verdade.

Os profetas se tornaram oprimidos e aflitos por todos os males que afligiram, não só Israel, mas todas as nações pecadoras à sua volta. Eles foram enviados a declarar a ira do Senhor em Nineveh, Egito, Babilônia e na ilha dos Gentis.

A razão para isto é simples, era o momento em que as promessas da aliança com Abraão começaram a ser cumpridas; mas como os hebreus estavam mais adiantados com relação ao cumprimento destas promessas do que as outras nações, foram os primeiros a sentir as dores da Misericórdia, enquanto que os outros recebiam, até então, apenas advertências. Assim, quando o

homem individual passa a primeira idade espiritual, também começa a sofrer pelas trevas de seus semelhantes e é pressionado pelo desejo de trazê-los à verdade.

Neste novo estágio, o Homem continua, sem dúvida, a observar a lei dos sacrifícios, que não pode ser inteiramente realizada até que derrame seu sangue; mas se acerca dele uma forte influência (ação) que em conjunto com a ação da primeira idade espiritual tomam o domínio sobre ele e o guia, é a própria Ação divina que está começando a aparecer no mundo: ela ainda deixa o Homem livre, pois é apenas uma lei iniciatória e um alerta.

Vemos muitos profetas resistirem às ordens que lhes são dadas; vemos homens, na sua segunda idade espiritual que não usam adequadamente os auxílios que lhes são oferecidos; é por esta razão que muitos eleitos nunca chegam à plenitude de sua eleição.

Não é menos verdade, contudo, que nesta segunda idade espiritual, ou em outros termos, esta primeira idade divina, o verdadeiro espírito de sacrifício que originalmente tinha como único objetivo a caridade e a felicidade dos outros, começa a ser cumprido.

O Espírito divino, descendendo sobre os profetas e pousando sobre eles o peso das nações, aliviou parte do peso que oprimia estas nações, que se tornaram capazes de melhor receber os primeiros raios de luz que as levariam ao caminho certo; em resumo, foram capazes, através das dores e angústias dos profetas, de ver se realizar sobre eles o que fora realizado perceptivamente por meios de sacrifícios materiais.

O homem individual, chegando a esta segunda idade espiritual, tem o mesmo emprego; podemos dizer que é só então que se inicia a idade da maturidade, ou verdadeiro Ministério Espiritual do Homem; é só então que ele realmente começa a ser útil aos seus irmãos, visto que, na idade anterior, ele era útil apenas à Natureza e a si próprio.

A idade divina para a bênção de todos.

Quando a grande época da salvação chegou, o verdadeiro espírito de sacrifício adquiriu uma extensão ainda maior; não era mais limitado, como na primeira idade espiritual, ao progresso de um povo particular e nem aos meros alertas dados às nações, como no tempo dos profetas; ela abarcou toda a família humana, impulsionando todas as coisas em direção ao cumprimento da promessa feita por Abraão, nele todos deveriam ser abençoados.

A grande época divina do Redentor recolocou o Homem no caminho da verdadeira recuperação e lhe deu os meios de libertar os escravos (com ele) da casa da servidão, manifestando a todos os planos e a toda ordem de coisas a Glória, Justiça e Poder do Ser Supremo cujo selo e caráter foram investidos no Homem pelo Santo Redentor.

Vemos aqui o verdadeiro significado da palavras dirigidas a Jeremias (I.10): "Vê: dou-te hoje poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares", pois Jeremias era um profeta designado apenas para os reinos terrestres enquanto que o reino de Cristo designou o Homem para todos os reinos espirituais.

Paz e harmonia sob a nova lei do Amor.

Vimos que quando o Homem chegou, pela primeira vez, na lei do Espírito, recebeu os preceitos do Decálogo: "Eu sou o Senhor teu Deus". Quando chegou na lei do Redentor, recebeu o mandamento de "amar o próximo como a si mesmo"; esta é a chave da obra do Cristo, pois que

Homem sob escravidão, não faria tudo a fim de recuperar sua liberdade? Da mesma forma, ele deve fazer todo esforço possível para promover a liberdade do próximo se ele o ama como a si mesmo; se o Homem não ama o próximo como a si mesmo ele não é iniciado no espírito do Redentor que sustentou o amor a ponto de se lançar ao abismo em que nos encontrávamos para nos arrancar de lá consigo.

Ainda que de uma forma limitada, podemos executar aos nossos semelhantes a imensurável obra que o redentor executou a toda família humana ao quebrar os portões de sua prisão e morte diante de seus olhos; ainda é somente através de seu espírito que somos capazes de realizar a parte que nos cabe; se, através do sacrifício de animais, a lei destruiu as influências temporais regulares sobre o Homem; se através da lei profética, a Sabedoria trouxe influências espirituais regulares sobre as nações, nós, através da voz do amor e santidade do Redentor, podemos atrair sobre todos nós as próprias virtudes divinas, com paz, ordem e sagrada harmonia, de acordo com nossa capacidade aqui embaixo.

O aperfeiçoamento de nossas faculdades daqui para frente requer o sacrifício de tudo o que é deste plano.

Quando o revestimento de nossa existência se dissolver, quando o tempo já tiver passado por nós, suavemente, como um rolo de papel pergaminho, iremos apreciar o espírito da vida mais profundamente e beber com o Redentor o sumo fresco do vinho eterno que irá restaurar nossas faculdades em toda sua amplitude, a fim de serem empregadas segundo a sua determinação.

Contudo é em vão que prometemos a nós mesmos tal coisa, se não realizarmos sinceramente todos os nossos sacrifícios neste plano; não somente aqueles pertencentes a renovação pessoal, mas aqueles relacionados a oferta voluntária de todo o nosso ser terrestre e mortal, através de um cuidado diário de nossa parte, a fim de nos tornarmos uma vítima ordenada, sem manchas ou vergonha. Pois, na região invisível que entramos ao deixar este mundo, não encontraremos mais terra para receber os diferentes tipos de sangue, que devemos derramar, necessariamente, para recuperar nossa liberdade; e, se levarmos conosco nossa corrupção, provavelmente contida nestes diferentes tipos de sangue, nada nos restará além do sofrimento e da angústia, já que o tempo e o lugar para o sacrifício voluntário terão passado.

Esta vida é nossa décima primeira hora: trabalhe nela!

Vamos, então, nos preocupar com a vida real; com aquela obra ativa a qual devemos cada instante de nosso tempo e não deixemos de perguntar se haverá alguma futura angústia a temer ou não; tal será nossa preocupação e desejo de retidão.

O crime é a causa destes pensamentos desgastantes e o que leva o Homem ao crime é a inação, através do vazio da mente; o vazio da mente (espírito) joga o Homem no desencorajamento, fazendo-o acreditar que o tempo perdido não pode ser recuperado. Isto, de fato, pode ser verdade com relação a coisas feitas no tempo e para o tempo; mas será válido para o que pertence ao espírito? Não há tempo para o espírito... Não seria possível que um único ato realizado pelo espírito e para o espírito rendesse à alma tudo o que ela falhou em adquirir ou até mesmo tudo o que possa ter perdido pela negligência?

Devemos lembrar da "décima primeira hora", embora devemos também notar que, se aqueles que foram chamados àquela hora, receberam até mais do que sua devida paga, foi porque eles pelo menos trabalharam durante aquela hora, ao contrário, não teriam recebido nada; assim nós também não devemos ter nada a esperar, se, após termos passado as horas antecedentes de forma infrutífera, não completarmos nossa décima primeira hora, realizando a obra do Espírito.

Desde a Queda, só podemos ser meros trabalhadores da décima primeira hora, que, de fato, teve início no instante em que fomos privados de nossos direitos. As dez horas que precederam esta época, estão, por assim dizer, muito longe e perdidas para nós; assim a totalidade de nossa vida terrestre é realmente, para nós, senão a décima primeira hora de nosso verdadeiro e eterno dia, que embarca o círculo universal das coisas. Julgue a partir daí, se temos um momento sequer a perder!

Obstáculos e cruces são pontos de partida: "Eu te digo, vigiai!"

Ao mesmo tempo, tudo o que é requisito para um desempenho útil e proveitoso na obra desta décima primeira hora, nos é fornecido abundantemente; planos, materiais, instrumentos, nada é retirado de nós. Até mesmo os perigos e obstáculos aos quais nos deparamos e os quais se tornam nossas cruces quando fugimos deles, são passos e meios de elevação quando superados; a Sabedoria, ao nos expor a eles espera que triunfemos.

Sim, se tivéssemos mantido nosso posto fielmente, o inimigo nunca teria penetrado a fortaleza, por mais poderoso que fosse. Mas, é necessário guardar todas as entradas com tal vigilância constante que, de qualquer forma que ele se apresente, possa nos encontrar alerta e com vigor para resistir. Um único instante de negligência de nossa parte, é suficiente para o inimigo, que nunca dorme, fazer uma brecha, ascender e capturar o indivíduo.

Vamos tomar coragem. Se nossa restauração espiritual requer, na realidade, todo o cuidado, devemos ao menos considerá-la assegurada se resolvermos, pelo menos, assumi-la, pois a enfermidade da alma humana é, se é que posso usar a expressão, apenas uma espécie de transpiração reprimida; o Soberano não cessa de nos administrar sudoríficos poderosos e salutareos que tendem incessantemente a restaurar a ordem e a circulação.

A morte é compreendida em nossa obra; como ela é superada?

A morte mesmo, que também esta compreendida em nossa obra, é dirigida e graduada com a mesma sabedoria que governa todas as operações divinas. Nossos laços materiais são partidos progressivamente e de forma quase imperceptível. Crianças de tenra idade, emergidas em sua matéria, não têm idéia da morte porque a matéria não sabe o que é a morte, muito menos o que é a vida e o espírito.

Os jovens em quem o espírito ou a Vida começa a penetrar através de sua matéria, têm mais ou menos medo da morte, na medida em que estão mais ou menos imbuídos deste espírito ou vida e na medida em que sentem o contraste entre seu espírito e sua matéria.

Os adultos e os mais velhos cujo espírito ou vida se desenvolveu e que observaram fielmente a lei de seu ser, são preenchidos de tal forma com os frutos, quando seu curso termina, que olham para a demolição de sua cobertura material sem medo ou remorso, e até mesmo com prazer.

Este revestimento material, tendo sido perpetuamente impregnado com os frutos de suas obras, tem, ao mesmo tempo, quase imperceptivelmente se submetido à decomposição em sua fonte; se o tratamento restaurativo fosse seguido, encontraria naturalmente a sua dissolução final sem dor. O que pode ser concebido de mais doce e suave do que todas estas progressões, apontadas pela Sabedoria do Altíssimo, para a restauração do Homem?

Os poderes da Alma humana após a morte.

Mas se tão grandes são os prazeres adquiridos pela devoção ao Ministério Espiritual do Homem ainda neste plano, quais não serão então aqueles que a alma irá receber quando tiver se despojado de seus espólios mortais!

Vemos que nossos corpos, neste plano, estão destinados a desfrutar de todas suas faculdades e a comunicar-se uns com os outros. Quando eles não desfrutam de suas faculdades, não se comunicam, como verificamos com as crianças.

Quando alguns corpos utilizam suas faculdades e outros não, os primeiros podem se comunicar com aqueles que não se comunicam e os conhecem enquanto que estes nada sabem sobre os primeiros. Isto se aplica a lei das almas:

Aquelas almas que, neste plano, não desfrutam de suas faculdades estão respectivamente em absoluta insignificância; elas podem estar perto uma da outra, podem morar juntas sem transmitirem impressão alguma entre si. Esta é a situação da maioria das pessoas deste mundo, para não dizer, talvez, de toda humanidade; isto porque durante nossa jornada na Terra, nossas almas são umas para as outras, tal qual como as crianças; de fato, não comunicam nada em comparação com aqueles tesouros ativos com os quais deveriam ter enriquecido, naturalmente, umas as outras, se tivessem se mantido em sua harmonia primitiva.

As almas libertadas se comunicam entre si e com aquelas na carne.

Quando algumas das almas deixam seu estado de infância, ou seja, quando deixam seus corpos após terem se devotado, neste plano, ao verdadeiro Ministério Espiritual do Homem, desfrutam de suas faculdades após a morte, não é de se surpreender que são capazes de comunicar alguns de seus tesouros as almas ainda encarnadas, embora estas não compreendam nem a razão nem os meios desta comunicação, mesmo quando experimentam seus efeitos. Assim, uma criança pode sentir os efeitos salutares, que outro corpo de posse de todas suas faculdades possa comunicar a ela, embora não possa ver e nem saber sua origem.

Quando várias almas regeneradas desfrutam de suas faculdades ativas, após deixarem seus corpos, é normal que estendam suas relações (harmonias) entre si; isto parece tão natural que não há necessidade de buscarmos evidências na ordem física.

A admirável beleza de uma alma regenerada e sua comunicação.

Ora, não obstante à nossa degradação e ao pouco que podemos comunicar uns aos outros aqui na Terra, ficamos tão admirados quando reconhecemos as virtudes de nossos semelhantes e isto é apenas uma idéia de quão bela uma alma pode ser, (um daqueles frágeis galhos que a

árvore do Homem ainda permite brotar de tempos em tempos) imaginem, então, a satisfação que nos aguarda na verdadeira região, quando nossas almas, harmonizadas e desengajadas de seus corpos terrestres, estarão juntas, comunicando, umas às outras, maravilhas adquiridas durante sua décima primeira hora e aquelas que nunca deixarão de descobrir nas regiões do infinito.

O amor de Deus e a insensibilidade do Homem, dois milagres.

Oh, Homem! você que deseja, ainda nesta vida, penetrar o glorioso Ministério do Senhor, pensa diariamente naquelas águas salutares, que, desde o crime, a bondade do altíssimo tem vertido, em todas as eras da espécie humana; pois já vistes o bastante dos caminhos de Deus para nos provar que Ele se importa, não só por toda a humanidade, mas por cada Homem em particular, como se não tivesse mais ninguém com quem se preocupar.

Assim, uma tocha no meio do círculo dos homens dá toda sua luz a cada um; assim o sol mostra toda sua face a todos que estão à sua vista; assim, a Fonte Divina de nossa admiração é universal e apenas tenta encontrar uma brecha nestas almas que irão se abrir para a sua Luz.

Mas após admirar esta fonte inexaurível, cujos tesouros foram derramados generosamente sobre o Homem em sua origem, no pacto divino e que desde a Queda, ainda tem se acumulado à nossa volta, que terrível remorso irá experimentar quando veres que, apesar destas riquezas, o Homem míngua em tal angústia e privação, que sua morada de trevas parece ter se fixado no desespero e na morte! O Homem abusou das dádivas superiores outorgadas a ele em sua glória; após o seu crime, abusou do amor que o seguiu em sua ignomínia. Quanto mais auxílios recebeu mais cresceu sua ingratidão; quando observamos este quadro descobrimos mais duas surpreendentes maravilhas: primeiro o milagre do amor de Deus para com o homem, apesar de nossos crimes e injustiças; segundo, nossa insensibilidade e desrespeito para com Deus, apesar de Seu amor e devoção por nós!

Conseqüências da insensibilidade do Homem; seu corpo é uma dor, suas vestes seu revestimento, sua vida é sua morte.

Não! nada pode superar estas maravilhas! E qual tem sido o resultado para o Homem, de sua incompreensível ingratidão? (dirijo estas lamentações a todos os meus irmãos que se sentem infelizes). Ao invés da superioridade sobre todas as espécies e que serviam para nos fazer caminhar, como testemunha, em todas as partes de domínio Divino, qual é a atual condição dos diferentes mundos e reinos dos quais somos compostos?

É supérfluo dizer que, desde nossa degradação, nossos corpos são vítimas diárias dos elementos que os consomem tal qual o abutre devorando as entranhas de Prometeus. Sabemos que o corpo do Homem é como uma ferida, sempre em estado de supuração, e que sua vestimenta é como um curativo cirúrgico que requer constante remoção e reposição, se é que se deseje evitar uma infecção.

Muito embora esta ferida não tenha aquela característica extrema, sabemos que, desde o crime, mantemos no seio de nossas substâncias constituintes, um veneno corruptivo que consome a carne secretamente; disto o Homem não pode se livrar, tampouco pode corrigir sua malignidade ou evitar seu progresso por um só instante, pois este veneno é o fogo consumidor sobre o qual repousa nossa existência; este fogo é reconhecido pelas ciências humanas, pelo

menos por meio de seus efeitos, como o princípio de nossa destruição, quando os cientistas afirmam que a respiração animal nada mais é do que uma lenta combustão.

Quem não sabe que cada indivíduo que vagueia sobre esta superfície nada é além de um necessário instrumento de sua própria morte; que ele não pode desfrutar um sopro de vida sem o negociar pelo custo da vida; que um mesmo ato produz sua existência e sua destruição? Este é o revestimento de morte que o Homem colocou no lugar daquela forma pura e imortal que deveria ter traçado desde o tesouro divino através de toda eternidade.

Também é supérfluo dizer que para conter este fogo que nos devora, nada temos ao nosso dispor senão elementos corrosivos como ele próprio, que depositam seus sedimentos em nós diariamente e, tal como o fogo, nos dá a vida apenas se nos der a morte.

Então, que benefícios nossas doenças e enfermidades agregadas a estas imperfeições naturais conseguem tirar daqueles que se propõem a nos curar? As substâncias medicinais que empregam são infectadas da mesma forma que nossos corpos e toda a Natureza. Tais substâncias medicinais só podem ser úteis na medida em que possam estar num grau menos infectado que nós. Nada está realmente vivo tanto nelas ou em nós, ou no máximo qualquer vida ou poder que exista é relativo; é a morte comprometida com a morte.

Por que o Homem se envergonha de seu estado e de sua natureza?

Independentemente destas calamidades opressivas, temos vergonha de nosso estado natural porque somos obrigados a prover nossas necessidades de forma contrária a dignidade de nosso ser; porque nosso desejo não é suficiente para tanto e nosso verbo efetivo (ativo) não é mais sensível; porque todos os cuidados temporais e as vantagens efêmeras que buscamos incessantemente, são sinais de nossa reprovação e, ao mesmo tempo, de nossa dúvida com relação ao nosso Princípio, cujo auxílio criativo e vivificante nós perdemos desde a Queda; por fim, temos vergonha porque, de certa forma, ofendemos a Suprema Verdade na medida em que não trabalhamos em conjunto, pois para este fim é que foram criados o movimento, a existência e a vida; eles procedem e são mantidos pelo seu foco generativo universal, através do poder vivo.

Mas, o que é pior, embora não se perceba, é que permitimos que aquelas influências destrutivas (ações), aqueles germens dos poderes desorganizadores e criminosos, penetrem em nossas essências por todos os poros e sentidos; permitimos que tomem conta de nossos órgãos, tornando nossos corpos receptáculos e instrumentos de todos os tipos de abominações que atingem quase toda humanidade; isto é o mais deplorável, porque possuímos tanto o direito como o poder sobre nossas debilitadas essências que se encontram contaminadas por tais influências; não podemos evitar a sua dissolução, não podemos evitar que nos dê a morte enquanto nos dá a vida.

As causas de nossa sedução, lições a serem tiradas.

Qual é causa deste falso prestígio que começa por nos seduzir e termina por nos lançar nestes precipícios fatais? É que, infelizmente, ele tem origem numa fonte que se torna salutar apenas porque deve ter constituído nossa glória, se a tivéssemos mantido em seu devido lugar. É por esta razão que ainda é o espírito que opera em nós, embora seja de uma ordem inferior,

quando ouvimos a voz ou a atração de um falso sentimento. Este espírito atua sobre os nossos e representa para nós, sensivelmente, regiões onde temos a ilusão de encontrar todos seus prometidos deleites. É por esse caminho que se insinua em nossas essências e causa sensações que nos cativam e nos ludibriam.

É apenas porque tudo é espírito que achamos tudo isto tão encantador. Contudo não nos damos tempo para discernir que espírito é este. Temos pressa de transmitir esta imagem viva que nos encantou, a um objetivo terrestre, que está sempre pronto para se associar a este sentimento. Neste ponto, a ação do espírito desaparece e a ação da Natureza toma o seu lugar; e, como ela é limitada, logo nos faz sentir sua limitação e sua futilidade. De tudo isto, podemos tirar três lições:

Primeiro, que o espírito inferior nos ilude duplamente, ao nos mostrar, espiritualmente, deleites que não conhecemos exceto pela matéria, naturalmente e quando esta matéria nos desaponta. Nada senão um espírito desordenado é capaz de produzir tal desordem e contra-senso. Um espírito regulador nos mostraria, através de imagens, grandes satisfações, próprias de nosso espírito, em nossas relações terrestres e, ao mesmo tempo, a natureza ilusória dos prazeres da matéria; não se deve abusar nem da matéria, nem do espírito, a ordem deve reinar em ambos.

A segunda lição mostra a razão pela qual os homens de idade avançada, que se tornaram escravos ou joguetes de seus sentidos, ainda desfrutam, em seus espíritos depravados, os deleites que sua matéria não mais pode realizar; isto nada mais é do que uma prolongação daquele primeiro sentimento, a ação do espírito inferior.

A terceira lição mostra a causa do desgosto que sucede nossas ilusões; não é através da matéria que devemos encontrar o êxtase.

A mente e o ser central do Homem estão escravizados; ele se tornou seu próprio inimigo.

Se observarmos o Homem com relação ao seu conhecimento e à sua mente, encontraremos mais razões para a lamentação; o veremos como um escravo do sistema e da conjectura; escravo de contínuos esforços no sentido de compor uma mera nomenclatura para suas ciências; escravo de nuvens de idéias conflitantes, que geram em sua mente mil vezes mais tormentas do que nossa atmosfera em suas mais violentas tempestades.

O que, então, não encontraremos se observarmos o mais íntimo de seu ser? O encontraremos mergulhado, não só no inferno divino, mas, com freqüência, em um outro ainda mais ativo, esperando unicamente pela ruptura de seus laços terrestres, para se unir completamente com este inferno, do qual é visivelmente o órgão e o ministro sobre a Terra.

Por fim, o que acontecerá quando o Homem se vir rodeado por domínios de todas as espécies, que nunca lançaram sequer um olhar para sua fonte do mal, e estes impediram a busca do medicamento? O que posso dizer a quem neutralizar os mais específicos medicamentos, substituindo-os por meros paliativos que podem até estar infectados ou serem prejudiciais? E o Homem, ainda pode ser insensível com relação a sua miséria e não tomar cuidado com os perigos que o rodeia!

Mas o que mais, que outro resultado ele poderia esperar após retribuir com ingratidão todos os ricos presentes que tem recebido da Generosidade Eterna?

Este Homem, que foi feito para apaziguar a ira de Deus, é o mesmo que a provoca continuamente, ao substituir a luz pelas trevas e as inumeráveis falsas influências pela verdadeira

que carrega consigo. O Homem não tinha amigo mais próximo, neste plano, do que seu eu interior, para se inclinar a Deus, ouvi-lo e participar do fruto e maravilhas da admiração.

Ao invés de poupar cuidadosamente este recurso, fez de si próprio o mais próximo e mortal inimigo; o Homem tem se confundido com as bestas e cometido as maiores atrocidades decorrentes desta doutrina que acabou criando para si um inferno ativo, uma mera percepção de tudo o que deveria ter tido e que dura somente este tempo de provação. É que, temporariamente, ele é rodeado senão por auxílios: a Natureza lhe oferece suas abundantes colheitas; os elementos, suas reações salutares; o Espírito do universo, sua respiração e sua luz; os animais domésticos, seus serviços e dedicação; o Homem tem até mesmo os meios de desinfetar os venenos, subjugar bestas selvagens e ele só trabalha para se infectar cada vez mais.

Oh, rei do mundo! olhe para si em tão odioso e infernal estado em que não é rei nem de si mesmo; e de tudo o que compõem seu império, a única coisa que deves temer é a ti próprio; tu não podes olhar para ti mesmo sem horror! Pois está é a transposição de sua vontade, que desordenou todas as coisas; tudo sofre de forma universal só porque o Homem coloca suas falsas e mutáveis vontades no lugar da verdadeira e eterna lei, continuamente; e porque, não só governa as questões universais a seu modo mas também porque tenta compô-las para si, ao invés de simplesmente receber suas influências.

Sufrimento, o portão estreito pelo qual o Homem de Desejo agora deve passar.

Se, sob estas circunstâncias, um homem de fé (desejo) aspira ser um servo do Senhor, que meios poderia encontrar a fim de ajudar seus semelhantes nesta angústia espiritual e terrível perigo que ameaça o ser espiritual constantemente? Ele não teria nada a oferecer senão lágrimas, estremeceria diante da lamentável situação de seus irmãos e só poderia ajudar com seus soluços.

Oh, Homem de Desejo! lembre-se de que se a essência fundamental do Homem fosse trazida de volta a seus elementos primitivos, pronunciaria de forma natural e alimentaria continuamente a sublime palavra: Santo, Santo, Santo, para a glória de seu Princípio, sem interrupção, por todas as eternidades.

Em nossos dias, a linguagem do Homem, assim como o próprio Homem, sofreu uma espantosa mudança; contudo aquela linguagem primitiva, a linguagem da santidade e felicidade, pode ser recuperada, mesmo que as essências do Homem estejam reduzidas a não pronunciarem nenhuma palavra senão aquela do sofrimento (dor), que é sua sensação predominante e a qual estão mais suscetíveis. Ouça a esta palavra "sofrimento" com muita atenção quando ela falar em você; ouça-a como a primeira voz de auxílio que se pode fazer ouvir no deserto: junte este precioso e específico medicamento com muito cuidado, como o único bálsamo que pode curar as nações.

Desde a grande mudança, a vida da Natureza repousa apenas nesta base. Desde a degradação do Homem, não temos outro meio de sentir nossa existência espiritual e divina; tampouco temos outro meio de fazer nossos semelhantes senti-la. Este sofrimento é diferente daquela dor dos místicos que têm sustentado o amor até ao ponto de tirarem deleite de aflições; desta maneira acreditaram apenas em sua própria salvação e felicidade. Aqui, não há tempo de pensar em sua própria santidade, uma vez que estarás constantemente aflito e, por assim dizer, oprimido pelo peso desta cruz de poderes, que faz a vida se manifestar em todas as criaturas.

A obra do Homem de Desejo reage sobre o primeiro Homem ou em toda árvore do Homem.

Sem dúvida, este simples quadro deve ser suficiente para estimular sua devoção e inflamar sua coragem; que motivo maior pode haver do que trabalhar para o sabbath do descanso da alma humana? Mas este motivo ficará ainda mais fortalecido e mais efetivo quando descobrir que tua obra não está restrita à posteridade, passada, presente e futura do primeiro Homem; mas que pode se estender até mesmo àquele primeiro Homem através da relação que ainda existe entre ele e sua posteridade; pois ele tem sofrido demais ao estabelecer contato com nossa atmosfera discordante, que não agüentaria por muito tempo se a mão do Altíssimo não tivesse amenizado seus primeiros acessos.

A semente prometida, destinada a reviver a árvore do Homem.

De fato, quando o primeiro Homem permitiu que os privilégios gloriosos que, por direito inato, deveria possuir eternamente, enfraquecessem e desaparecessem, o Verbo Eterno veio ao seu auxílio naquele lugar de bem-aventurança em que o Altíssimo o havia colocado e prometeu-lhe que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente.

Através desta única promessa, Ele plantou em Adão o germe de sua restauração. Esta semente nunca deixou de ser regada com os auxílios espirituais enviados ao mundo, através do ministério de seus eleitos, até o dia em que Ele veio pessoalmente a fim de regá-la com seu próprio sangue. Mas o Homem, a árvore, ainda está encarregado de produzir seus frutos em, por e através de seus descendentes. O Verbo só poderia se dar ao Homem; Ele nunca poderia cancelar a lei pela qual a árvore deve manifestar aquilo que recebeu em sua essência, livremente.

Assim, é permitido avançar a cada dia em direção a era final, quando, se supõe que todos os galhos cumprirão a intenção beneficente de sua Fonte Redentora; pois foram destinados a mostrarem a majestosa árvore do Homem, tal como aparecia no jardim do Éden; além do mais, estaria adornada com os galhos resplendentes de toda sua posteridade, que deve seguir todos os seus esforços, visto que a obra é comum tanto aos filhos quanto ao pai.

Mas, ao contrário desta cooperação por parte da posteridade do primeiro Homem, o que é tão essencial, quantos crimes e desordens não derramaram nas raízes desta árvore antiga que deveriam ter como sagrada! Diante de tais substâncias heterogêneas e destrutivas, que progresso pode fazer a posteridade do primeiro Homem na senda espiritual? que galhos ou flores pode produzir? que frutos se pode esperar daí, quando chegar a época de colheita?

O Homem primitivo em seu leito de sofrimento e negligenciado por sua posteridade.

Oh, servo do Senhor! qualquer que seja seu sentimento de desolação ele é legítimo; contudo encontrarás também a mais tocante motivação para animar seu fervor, dentro do nobre caráter e importância de sua obra, que compreende nada menos do que contribuir para o repouso do chefe da espécie humana, através do anúncio a todos os seus filhos do quão sublime é o Ministério Espiritual do Homem!

Observe o Homem primitivo, deitado em seu leito de sofrimento, sofrendo mais por nós do que por ele próprio; olhe como contempla o sofrimento de cada membro de sua família, passada, presente e futura; ouça-o através do curso de longas eras, implorando para que, ao menos, não agravem suas feridas através de seus crimes, se é que não podem ajudar a curá-las através de suas virtudes.

Tente ter uma idéia de sua aflição quando, de toda sua numerosa posteridade a quem ele se dirige, não encontra um que dê atenção às suas queixas; nenhum que busque tomar parte de sua obra; nenhum que lamente a condição de sofrimento na qual ele definha; o que posso dizer? talvez não há um que não derrame fel e veneno em suas feridas.

Busque seu alívio, através do eu interior destes seus irmãos.

Deprimido pelos seus próprios sofrimentos, irá recolher-se em seu interior; do centro de seu santuário secreto, seu fervor o levará aos seus irmãos perdidos, insensíveis quanto às suas próprias enfermidades e quanto àqueles que se conduziram ao venerável tronco da espécie humana. Ali tomará seu posto, perto do eu interior de seus irmãos, como Jeremias no portão do Templo de Jerusalém.

Tu irás perturbá-los a fim de que empreguem suas mentes, incessantemente, ao exercício de seus sublimes poderes e à importância da Justiça.

Como atingir seu irmão e apresentá-lo num sacrifício a Deus que seja aceitável.

Diga a este ser interior que os frutos de seu campo são destinados a manter os suprimentos; que se ele se manter ineficiente e não prover sua parte da provisão, o sustento geral será prejudicado; que o campo inativo e desperdiçado, será coberto rapidamente por espinheiros e ervas daninhas que machucam as mãos ou cujas sementes venenosas espalharão infecção; que, a partir de então, irá em breve dar espaço a répteis venenosos ou a animais selvagens sempre prontos a devorar seu proprietário.

Diga a ele que se o cordão que nos conecta a Deus for rompido, estará sempre pronto a ser reatado; convide-o a provar que pela aliança Divina, a vida, a luz e tudo o que possa satisfazer nossa ânsia de admiração, será encontrado; diga que todos os frutos devem ser trazidos de volta ao Altíssimo, pois só Deus possui receptáculos capazes de receberem e armazenarem suas próprias safras.

Diga-lhe que tão logo descemos ao abismo, Deus desenvolveu ao nosso redor seu grande Arco-íris, ou aqueles inumeráveis graus ou passos setenários que estão sempre prontos a nos ajudar a ascender novamente, fora da cova; que o próprio Deus arma seus soldados com esses auxílios poderosos, exigindo que sirvam de acordo com suas armas e empregando-os de acordo com sua luz, força e habilidades.

Incite-o a ingressar no exército do Senhor, mostrando-lhe que sua mão poderosa nunca irá nos expor a uma obra mais severa ou perigosa do que somos capazes de suportar.

Se seu irmão ainda resistir, redobre seus esforços; faça uso dos direitos pertencentes a seu ministério a fim de conquistá-lo e expulse, pelo poder de seu verbo, todos os inimigos que tentam seduzi-lo e extraviá-lo diariamente; não descansa antes de conseguir trazê-lo de volta ao

caminho da justiça e apresentá-lo "ao amigo do puro", como um doce sacrifício ao Soberano de todas as coisas.

Não será apenas por causa de teu irmão que irás te dedicar à obra sagrada de fazer com que as almas guardem o Sabbath, mas por causa do Deus Altíssimo, de quem queres ser o ministro.

De fato, aqueles que trabalham para preencher as vagas do exército do Senhor com almas que irão espalhar sua glória, distinguindo-se por estarem a seu serviço, são os servos mais amados do Senhor.

Deus busca um meio de penetrar a alma do Homem.

Também será por causa da triste morada do Homem, pois quando Deus não encontra, neste plano, uma alma em que possa entrar e pela qual possa agir, desordens são produzidas e se sucedem na Terra, a ponto de abalar o coração de todos aqueles que amam a Deus; isto prova que o crime do primeiro Homem, quando ele se esvaziou de Deus, foi seguir seu próprio espírito de trevas. Mas os abusos aos quais sua posteridade se dedicou o agravou; se o espírito do Homem se inclina todo de um mesmo lado, o próprio Poder Divino apoia inteiramente o outro lado e através de seu grande peso, penetra, pelo menos, em algumas almas humanas, a partir das quais, então, mais tarde, se emana, a fim de conter o excesso de mal e aprisionar a desordem; se assim não fosse o universo há muito já teria sido destruído.

A obrigação e a recompensa daqueles que se entregam à obra de Deus.

As almas humanas que seguem o ardor da Divindade, possuem pesadas obrigações a cumprir e grande trabalho a realizar; mas tem também altas retribuições a esperar, além de poderosos auxílios durante sua obra; eles são fortificados por um grande verbo de comando que, quando emitido, coloca toda sua força e poderes em ação e atividade; este deve ser a vida, a luz e o suporte do Homem, assim como, na ordem militar, a palavra de comando, consiste na segurança de todo exército.

Além do mais, não são estas almas abundantemente recompensadas pela felicidade de darem seu testemunho? pois aqueles que testemunharem serão reconhecidos como servos fiéis; é particularmente nas almas dos homens que temos que dar nosso testemunho. O testemunho que devemos implantar nas almas dos homens irá ressuscitar com eles e servir como evidência a nosso favor, pois, não só nossos próprios débitos poderão ser sanados como também poderemos ser recompensados.

Oh, servo do Senhor! faça todo esforço que puder a fim de ser enviado como testemunha e não permanecer sem consolo e esperança quanto ao futuro. Felizes serás se, a cada dia, for capaz de dizer: Eu não perdi o dia; fiz nascer uma testemunha na alma de um homem (no mais íntimo desta alma, mesmo sem que os olhos materiais deste homem nada tenham visto); e que através deste trabalho adicionei algo mais ao meu crédito para o futuro!

Podes até esperar que Deus te pague por este testemunho ainda neste plano, não apenas com as alegrias que Ele irá despertar em tua alma, mas até mesmo com os auxílios manifestos que Ele irá te enviar e com as obras divinas e maravilhosas que Ele irá fazer surgir de tuas mãos,

como uma espécie de recompensa, retorno ou troca pelos serviços prestados a Ele em seu Ministério Espiritual do Homem.

A paga dos servos do Senhor: Alívio ao chefe da família humana.

Sim, se o Homem seguisse a linha do verdadeiro Ministério Espiritual do Homem, nunca com tão pouca coragem, logo descobriria que isto lhe daria menos trabalho e tomaria menos o seu tempo para operar um milagre, do que aprender, em todos os seus detalhes, a lista de ciências de que o Homem tanto se ocupa e na qual concentra todo o seu dia e o suor de sua fronte. Segue-se abaixo a lista de alegrias e recompensas com as quais Deus tem o prazer de nutrir as esperanças de seus servos:

Reação mútua de todos os poderes divinos associados a nós para produzir agradecimento;

Reação dos mesmos poderes para produzir resignação;

Reação, para produzir segurança;

Reação, para trazer à tona a prece em harmonia com toda criatura passada, presente e futura;

Reação, para produzir íntima e completa convicção;

Reação, para a orientação de todos os nossos pensamentos, passos e desejos;

Reação, para obter o dom da palavra (a parole), o Verbo;

Reação, para nos encorajar a falar com o Verbo, já que o Verbo fala conosco;

Reação, para que possamos suplicar o Verbo a fim de ouvir sua própria voz, no murmúrio que produz no meio de todas as nossas misérias e todas nossas enfermidades corporais e espirituais;

Reação, para obter a investidura, para que a distribuição ativa e eficiente dos poderes que administram, julgam, operam, executam e justificam aquilo que este Verbo vivo, movimentado pelo próprio orador, possa fazer descer nos centros onde ele habita e fermenta em nós.

Isto é o que o servo do Senhor deve fazer, aquele que atingiu, como testemunha, a alma de seu semelhante: desta forma, podemos fazer com que Deus participe de todas as nossas obras e nós participemos das Dele.

Oh, servo do Senhor! se obteres estes auxílios, poderás te aproximar, com confiança, do leito de sofrimento, no qual o chefe da família humana ainda está aprisionado por causa dos erros e máculas de sua posteridade.

Irás confortá-lo em sua aflição; irás aliviá-lo através de suas sublimes e santas obras, e ele irá regozijar-se de ver alguns de seus filhos participarem de seus cuidados.